

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura dos novos diplomatas.

Palácio do Itamaraty, 02 de maio de 2007

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meu querido companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa,

Minha querida Nilcéa Freire, secretária especial das Mulheres,

Minha querida companheira Marisa,

Nossa querida Ana Amorim,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral das Relações Exteriores,

Embaixador Fernando Reis, diretor do Instituto Rio Branco,

Senhora Sarah Walker, paraninfo da turma 2004/2006,

Minha cara oradora, secretária Daniela Matos de Araújo,

Meus queridos embaixadores,

Meus caros formandos do Instituto Rio Branco,

Meus amigos e minhas amigas,

Minhas primeiras palavras são de saudação aos jovens que hoje iniciam uma nova etapa de suas vidas no serviço exterior brasileiro.

Recebam igualmente minhas felicitações, os pais, parentes e amigos que aqui se encontram para esta celebração.

Em pronunciamento que fiz logo após as eleições, no ano passado, afirmei que havíamos lançado, nos quatro anos anteriores, as fundações para que o Brasil avançasse na superação das vulnerabilidades que retardaram o nosso desenvolvimento econômico e emancipação social.

Queremos uma política externa que seja a cara deste Brasil. O Brasil democrático que estamos construindo, que seja mais do que uma forma de projeção nossa no mundo, que seja, também, um elemento consubstancial de nosso projeto nacional de desenvolvimento. Para tanto, estamos sempre dispostos a ouvir, mas também queremos ser escutados. Temos que ocupar o

lugar que nos cabe no mundo, na defesa dos interesses nacionais.

É preciso engajamento e altivez, mas também respeito pelos outros países, sejam eles pequenos ou grandes, ricos ou pobres. Humildade não é fraqueza, solidariedade não é sinônimo de ingenuidade. Para ser solidário é preciso ter firmeza e acreditar no que defendemos.

Hoje, o Brasil transita em qualquer fórum sem buscar confrontos, mas sem medo de discordar. Conversamos com todos de igual para igual, afinal, recuperamos a nossa auto-estima. Vocês, que hoje formalizam a entrada no Ministério das Relações Exteriores, herdarão a responsabilidade de fazer, da nossa função diplomática, a projeção no plano internacional dessas profundas transformações e aspirações em curso na sociedade brasileira.

Caros formandos,

O Dia do Diplomata deste ano é uma boa ocasião para avaliar os resultados de nossa política externa. Conseguimos realizar muitas coisas, a começar pela América do Sul, nossa maior prioridade. E o resultado: o comércio aumentou enormemente. Nossa região absorve hoje mais exportações brasileiras do que os Estados Unidos. As obras de infra-estrutura física se multiplicam criando uma malha de conexões energéticas, viárias e de comunicações. Lançamos a Comunidade Sul-Americana de Nações, que será consolidada com um acordo constitutivo da União Sul-Americana. Caminhamos para a formação de uma cidadania sul-americana diplomática e pluralista.

O Mercosul se expandiu com o ingresso da Venezuela. Criamos o Focem, cujos primeiros projetos já estão em andamento e vão beneficiar os sócios menores do bloco. Instalamos um parlamento que tornará o Mercosul mais próximo do cidadão e mais atento às necessidades e expectativas de nossas populações.

Fortalecemos nossa aliança com a Argentina. As relações que mantemos com os nossos vizinhos nunca foram tão densas e intensas. Não foi fácil superar décadas de distanciamento entre nós. O processo de integração pode ser às vezes turbulento, mas é indispensável.

Não há outro caminho para a América do Sul que não seja o da construção de um espaço econômico, político e social integrado. Estamos construindo um projeto de longo prazo, que dependerá do empenho desta e

das futuras gerações. Não podemos nos render aos interesses imediatistas ou às dificuldades conjunturais, mas a integração não pode ser assimétrica. Ela só será efetiva se tivermos a ousadia de buscar soluções que atendam aos objetivos de todos, especialmente para os menos favorecidos, afinal de contas, isso é o que estamos fazendo no nosso próprio País.

Estamos alargando a nossa ação diplomática na América Latina e no Caribe, na África e nos países árabes. Assumimos um papel de liderança na missão de paz da ONU no Haiti e, juntamente com os nossos parceiros da região, queremos oferecer um novo paradigma de solidariedade na reconstrução de um país irmão. Com a África do Sul e a Índia criamos um foro inovador de diálogo político e cooperação trilateral, o Ibas. Somos três grandes democracias, três sociedades multiétnicas e multiculturais de três continentes diferentes.

Estou empenhado na retomada das relações com a África, continente no qual visitei 17 países. Era inconcebível que o Brasil, por sua história e por sua cultura, tivesse virado as costas para nossos irmãos africanos. Fui o primeiro presidente da República a visitar oficialmente o Oriente Médio. Esses movimentos de reencontro estão sendo feitos em parceria com toda a América do Sul.

Em 2005, o Brasil sediou a Cúpula América do Sul - Países Árabes, enquanto a Nigéria realizou, em 2006, a primeira Cúpula África - América do Sul. Estamos criando canais de diálogo direto com nações distantes para identificar oportunidades de comércio e de investimento que permitam aos nossos países explorar as possibilidades da economia global. Pouco a pouco vamos criando uma identidade para o continente sul-americano, que favorece a projeção de uma nova imagem para a nossa região em todo o mundo.

A cooperação Sul/Sul ajuda a construir uma nova geografia econômica mundial, não excludente, genuinamente global, que se funda em parcerias para promover a paz, a justiça e o desenvolvimento integral de todos os povos. Essa orientação não nos afastou dos países desenvolvidos. Pelo contrário, fortaleceu nossa capacidade de interlocução com eles. Cada vez mais somos procurados para expressar nossas opiniões e para trabalhar em iniciativas conjuntas.

É esse o sentido do convite para que o Brasil volte, pela quarta vez, a participar este ano, na Alemanha, da Cúpula Ampliada do G-8, com as principais economias emergentes. Os países ricos sabem que não se pode falar em governança global sem a participação de países em desenvolvimento nas instâncias decisórias mundiais. Não tenho dúvidas de que a nossa ação internacional contribuiu para reforçar a consciência de que a inclusão das grandes nações do Sul nesse diálogo não é apenas saudável, mas indispensável.

Nosso diálogo com os Estados Unidos vai muito além dos biocombustíveis. Em São Paulo e em Camp David, discuti com o presidente Bush projetos para revigorar as relações bilaterais e iniciativas de cooperação com terceiros países, além dos grandes temas multilaterais. Com a Europa temos uma relação diversificada que desejamos aprofundar, com o estabelecimento de um mecanismo de diálogo de alto nível, estratégico, por ocasião de minha próxima visita a Bruxelas.

Pretendo relançar as negociações para um acordo de Associação Mercosul - União Européia, tão logo seja concluída a rodada de Doha. No ano que vem, vamos comemorar 100 anos da integração japonesa no Brasil. Estamos amadurecendo diversos projetos que vão do etanol à TV Digital, que espelham o quanto os nossos dois povos podem alcançar juntos.

Minhas senhoras e meus senhores,

O Brasil justo e solidário que estamos construindo dificilmente prosperará num ambiente internacional marcado por uma globalização desigual e arbitrária. Na ONU, entendemos que a expansão do Conselho de Segurança deve acontecer logo para torná-lo mais representativo e legítimo. Graças, em parte, ao G4, a reforma do Conselho já não parece tão distante.

Na OMC, por meio do G20, fomos capazes de articular aspirações diferentes de países em desenvolvimento em torno de uma agenda comum. Apesar do ceticismo inicial, a atuação construtiva do grupo é agora amplamente reconhecida. O G20 está no centro das negociações da Rodada de Doha, que esperamos concluir com êxito o quanto antes. Isso ajudará a reduzir a fome e a pobreza no mundo, uma bandeira que desde 2003 tenho levado comigo e que hoje se incorporou definitivamente à agenda internacional.

Foi essa a razão que nos levou a lançar, com outros países, a Ação Internacional Contra a Fome e a Pobreza, que desenvolve hoje iniciativas concretas.

Meus caros formandos,

O projeto que traçamos é de longo prazo, dependerá do empenho desta e de futuras gerações. Não há outro caminho para o Brasil e para a América do Sul, fora a construção de um espaço economicamente integrado e socialmente solidário. Por esta razão, o Mercosul continua sendo o principal eixo de nossa estratégia de inserção regional. Mas a realidade internacional está sempre mudando. Precisamos, por isso, estar preparados para o novo.

Devemos ter uma cooperação mais ativa entre os chamados Brics. O Brasil precisa, também, se aproximar da Ásia, a região do mundo que mais cresce. Com a China, a Índia e o Japão já temos parcerias adiantadas. O Sudeste asiático é uma fronteira que temos que desbravar melhor.

Em agosto sediaremos a terceira reunião ministerial do Fórum de Cooperação América Latina x Ásia do Leste, conhecido como Focalal. Aproveitaremos para promover contatos do Mercosul com a Ásia. No campo das mudanças climáticas, é inadmissível que as populações dos países pobres sejam as principais vítimas do aquecimento global causado pelos países industrializados.

A aposta brasileira nos biocombustíveis faz parte de nossa atuação diplomática. Oferece ao mundo alternativas para a dependência em relação aos combustíveis fósseis não-renováveis e não disponíveis que aflige a maioria dos países do mundo. É uma fonte de energia que queremos difundir de maneira solidária, em benefício de todos mas, sobretudo, das regiões mais carentes do nosso Planeta.

Além de reduzir as emissões de gases poluentes, os biocombustíveis têm grande potencial para a geração de renda e de riqueza na agricultura dos países em desenvolvimento, sem comprometer sua segurança alimentar. Favorecem a cooperação ao projetar, no campo internacional, uma experiência nacional bem-sucedida. Refletem, por fim, um compromisso central do meu governo, do crescimento com equidade para todos.

Queridos formandos,

Somente poderemos concretizar nossas ambições como indivíduos e

como nação se tivermos a coragem de romper, sem preconceitos, com padrões ultrapassados. Essa é a boa tradição do Itamaraty. Faz parte, também, da boa tradição desta Casa, o respeito a valores universais como a paz, a defesa do direito internacional, dos direitos humanos e do multilateralismo. A tarefa diplomática está cheia de desafios, de incertezas, de momentos de solidão. Em quaisquer circunstâncias, o trabalho de vocês sempre será facilitado pela fidelidade aos princípios universais de que é feita a nossa diplomacia e pelo compromisso maior de todos vocês com o país que representam no mundo, o nosso querido Brasil.

Tenho certeza de que vocês estarão à altura desse grande desafio. Vocês já deram uma demonstração de que estão afinados com essa visão renovadora ao escolher, como patrono da turma, a primeira mulher a ingressar no Itamaraty, Maria José de Castro Rabelo Mendes. Os formandos dessa turma, assim como todos os diplomatas desta Casa, têm a elevada missão de dar sentido concreto às aspirações nacionais no plano internacional. Assumiram o compromisso com o Brasil, e a nação conta com vocês.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu agora queria falar um pouco do que aprendi nesses quatro anos como presidente, nas viagens que fiz, e o que espero dos nossos diplomatas. Eu penso que, durante muito tempo, nós mesmos aprendemos que deveríamos ter relações privilegiadas com determinados países e não tão privilegiadas com outros países.

Quando o Brasil cresce economicamente, enquanto o Brasil se fortalece politicamente, é importante que cada companheiro ou companheira, diplomata brasileiro, tenha consciência de que quanto maior for a inserção do País no mundo, mais aumenta a responsabilidade de vocês. Quando vocês chegarem em um país qualquer como embaixadores e o Brasil estiver politicamente reconhecido no mundo, estejam certos de que a embaixada brasileira se tornará ponto de encontro para discussões de políticas globais, o que durante muito tempo não foi feito porque o Brasil tinha assumido a responsabilidade de agir como se fosse um país pequeno. E quanto mais um país for representativo, mais solidariedade e mais humildade. Solidariedade, sabendo que nós temos que ter política para ajudar os países menores, e humildade para tratar os pequenos com a mesma grandeza com que tratamos os países

grandes. A mim não importa que tenhamos um embaixador em São Tomé e Príncipe e um embaixador em Nova Iorque, a mim importa que, independentemente do continente em que estejam, independentemente da sua população ou do seu PIB, a diplomacia brasileira precisa tratá-los em igualdade de condições, levando em conta, obviamente, as diferenças do que está sendo negociado.

Eu disse, na última vez em que estive aqui no ano passado, e vou repetir agora: talvez Celso, não sei se você, o Samuel ou outro embaixador mais experiente, têm a dimensão de como o Brasil é visto no mundo hoje. Eu levo como imagem a construção do G-20, eu levo como imagem o resultado da reunião de Cancun, em que não faltaram ao Brasil aqueles que tentaram passar a idéia do fracasso da diplomacia brasileira quando se construiu o G-20. Num primeiro momento, alguns países que entraram no G-20 em Cancun se afastaram logo, porque receberam pressão para se afastar. Num segundo momento, não só esses países que tinham se afastado voltaram, como o G-20 hoje é condição fundamental para qualquer grande acordo internacional, não apenas por mérito brasileiro, mas porque o Brasil participa do G-20 com ações que representam mais da metade da população mundial. São países que têm importância econômica no mundo, têm importância militar, têm importância tecnológica e têm, sobretudo, importância política no mundo.

Vocês, assumindo a diplomacia brasileira, irão perceber e precisarão fazer mais sacrifícios do que outros embaixadores fizeram em outra época, porque certamente terão muito mais trabalho do que já tiveram outros embaixadores. Mas, de qualquer forma, vocês também irão perceber logo no início que serão levados em conta muito mais rapidamente do que outros foram em outra época. Sabem por quê? Eu dei um conselho da outra vez e vou dar outro: nunca aceitem a submissão, nunca aceitem que alguém fale mais grosso que vocês. Pode-se falar mais grosso por falta de educação, aí a gente não tem que se igualar, mas em se tratando de política, em se tratando de diplomacia, nós não somos nem maiores, nem menores que ninguém, nem mais, nem menos importantes. Nós somos, antes de tudo, brasileiros e brasileiras a serviço do nosso País. Queremos respeitar todo mundo, mas queremos ser respeitados e queremos, ao mesmo tempo, fazer com que a voz desta nação seja ouvida em todos os quadrantes do mundo.

Por isso, meus parabéns mais uma vez. Vocês, agora, vão colocar a mão no fogo para valer. Eu lembro que quando discuti com o Celso Amorim a necessidade de ampliar o quadro de funcionários do Itamaraty, de levar embaixadas brasileiras para os países, se pudermos levar para todos, porque essa é uma forma de você aumentar a sua inserção nesse mundo globalizado. Não é você ter 30 embaixadores disputando para ver quem vai para Washington, quem vai para Paris, e não ter nenhum querendo ir para São Tomé e Príncipe ou para outro país menor economicamente e do ponto de vista populacional. Nós temos que ir para todos os países.

E eu ainda sonho mais, Celso, eu acho que nós vamos ter que retomar a política que este País já teve, de comprar as nossas embaixadas, porque no passado... quando a gente viaja hoje para a Argentina ou viaja para outro país qualquer e encontra a embaixada brasileira, é motivo de orgulho, porque há algum tempo atrás alguém teve a coragem de comprar aquilo, porque significava o Brasil fincando o pé ali definitivamente. Ninguém vai reconhecer uma embaixada que muda a cada dois anos, a cada três anos, a cada quatro anos, ou seja, as pessoas desabitua a ver a bandeira nacional. É importante que a embaixada brasileira seja uma marca na cidade e no país em que nós estamos. Eu digo isso porque Getúlio Vargas teve coragem de comprar quase todas as embaixadas que nós temos. De uns tempos para cá, nós passamos a alugar. E a gente vai perceber que depois de dez anos pagando aluguel, a gente pagou o preço da embaixada que poderia ser nossa. Eu não sei qual é o falso moralismo ou qual é a implicância de que um país como o Brasil não pode comprar embaixada lá fora.

Eu acho que nós precisamos voltar a discutir. Eu, por exemplo, tomei conhecimento do caso da Alemanha, um prédio que a gente já poderia ter pago, se tivéssemos comprado, mas por conta não sei do quê, estamos até hoje pagando aluguel. E vamos pagar aluguel, porque não é propriedade nossa. Comprar os nossos próprios, nos países estrangeiros, é uma demonstração de que a gente está naquele país definitivamente, com marca registrada: a cara do Brasil, a bandeira do Brasil, a casa do Brasil.

Boa sorte.



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na despedida do ex-secretário de Imprensa e Porta-Voz, André Singer

Palácio do Planalto, 02 de maio de 2007

Companheiros e companheiras,

Isso aqui não é uma festa. Isso aqui é o seguinte: o nosso querido companheiro André Singer está nos deixando hoje, dia 2 de maio. O André, desde o mês de novembro do ano passado, vem se preparando, com a disposição dele, para tentar novas coisas e um novo caminho, e nos deixa a partir de hoje. Nos deixa, eu diria, em parte, porque eu ainda vou sugerir para o André uma outra tarefa, talvez tão nobre ou mais nobre que a tarefa que ele exerceu até agora, seja no primeiro momento como porta-voz, seja no segundo momento como o nosso secretário de Comunicação.

Você sabe que é difícil falar bem das pessoas na saída. Na entrada é mais fácil, na saída é sempre muito difícil. Acho que todo mundo sabe que a minha relação com o André não é uma relação nova, é mais antiga ainda com o Paul Singer, o nosso querido Paul Singer, pai do André. O André foi convidado por mim para ser porta-voz. Ele que era uma figura muito importante na imprensa brasileira e na imprensa de São Paulo, que participou, muitas vezes, de almoços comigo, quando estava do lado de lá, na Folha de São Paulo. E o André, como a maioria de vocês que não é funcionário de carreira – são funcionários que vêm para cá quando o presidente convoca – faz parte daquele grupo que considero heróis brasileiros, ou seja, são pessoas que abdicam de uma vida profissional inteira dentro de uma empresa, ganhando, às vezes, um salário condizente com o cargo que exercem, e vêm para cá exercer um cargo muito mais importante por um salário bem menos importante. E vocês sabem que muitos de vocês às vezes quase pagam para trabalhar. Essa é a verdade do Brasil.



E o André, por essas razões que já expliquei, nos deixa. Mas eu queria aproveitar esse momento para agradecer ao companheiro André Singer. O André, eu acho que do ponto de vista profissional, do ponto de vista moral, do ponto de vista ético, quem o conhece sabe que é uma figura, eu diria, irretocável, não é intocável, é irretocável, porque o André, se não tivesse nascido, precisaria nascer uma pessoa com esse jeito de lorde inglês, muito refinado e muito requintado para os padrões... Até nem sei como é que ele entrou no PT, porque é até refinado demais para os nossos padrões. Isso demonstra que ele foi bem formado quando criança, não é Paul Singer? Foi bem-educado. E demonstra que não tem nada a ver a opção ideológica com o fino trato que um ser humano pode adquirir.

Então, este momento é apenas para agradecer ao André. Agradecer, André, por tudo o que você fez e também por tudo o que você não fez, porque tem chance de fazer ainda, afinal de contas, você é muito jovem. Eu, na verdade, já fiz uma insinuação para o André e fiz a mesma insinuação para o Fernando Haddad. É preciso saber se o André vai topar ou não. Obviamente que ele vai ter um tempo para pensar. Eu tenho um desejo, que já vem sendo, eu diria, pensado por mim: um país do tamanho do Brasil, com a importância do Brasil, com a grandeza do Brasil, nós falamos tanto em integração, e eu sinto que temos uma falha no nosso projeto de integração, Fernando, que passa pela educação. Nós somos um país em que o intercâmbio que temos de doutores e mestres com a América Latina está aquém do potencial que temos. A troca de experiência entre a nossa inteligência, muitas vezes, está muito aquém daquilo que pensam os dirigentes políticos. Nós temos um intercâmbio muito pequeno entre estudantes da América Latina e o Brasil. Em qualquer país europeu nós encontramos mais latino-americanos fazendo intercâmbio do que entre nós. Nós até temos uma experiência muito bem-sucedida com a África, mas também aquém daquilo que poderemos fazer nesse intercâmbio.



Eu penso também que nós já estamos trabalhando a idéia de fazer uma universidade latino-americana. É uma coisa em que venho pensando desde o começo do mandato. Isso já foi discutido, ainda na época do Cristóvam, na época do Tarso. Eu sei que o Fernando está pensando seriamente lá em Itaipu, de aproveitar espaços lá para criar, mas a minha idéia é criar uma coisa grande, porque não justifica um país do tamanho do Brasil não ter um centro universitário em que a gente possa receber jovens de todos os países da América Latina para, junto com os brasileiros, prepararem a nova América Latina, a nova América do Sul que nós queremos.

Eu já fiz essa proposta mais ou menos ao André, de ele pensar nesse assunto, já conversei mais ou menos com o Fernando Haddad, que é um entusiasta da idéia, de exercer uma espécie de cargo no Ministério da Educação, de uma assessoria internacional, pensando nessas coisas. Primeiro, para viajar muito a América Latina, discutindo essa questão educacional, depois pensando o que a gente pode fazer, já que somos tão importantes em tantas coisas. Ou seja, ter uma importância na América do Sul nessa questão internacional, fazendo com que o Brasil não apenas tenha uma inserção maior e seja referência para muita coisa na área da educação, mas uma referência construída para vários países, e não uma coisa, eu diria, com um toque imperialista, com um toque de um país hegemônico que pensa e se impõe aos outros. Não, é tentar construir uma coisa nova, conversando com os nossos parceiros, começando pelo Mercosul, porque ali é onde se pensa, já tem a tríplice fronteira que, de vez em quando, se inventa coisas sobre a tríplice fronteira, que ali é o eixo do mal, que ali tem “não sei o quê do mal”, que ali tem “não sei o quê lá”. Então, vamos fazer dali o eixo do bem, tentando fazer uma universidade que envolva vários países da América do Sul, começando pelo Mercosul. De uma vez só, começaremos atendendo o Paraguai, a Argentina e o Brasil, que estão aí, colados do ponto de vista territorial. Tem mais o Uruguai, que está encostado, e aí fica mais fácil trazer todo mundo para cá.



Então, André, não sei se você quer falar. Normalmente, as pessoas ficam emocionadas e não querem falar, mas, de qualquer forma, eu quero, não apenas em nome do governo, mas em meu nome pessoal, agradecer o tempo que passamos juntos no governo. Eu sei o que foram as alegrias e os sofrimentos que tivemos. Aliás, uma outra coisa que eu pedi para o André, foi que ele, como cientista político, começasse a pensar seriamente na produção de um livro, que não deve ter data para lançar, não deve ter imediatismo, mas uma coisa que fosse pensada cientificamente sobre a crise de 2005 e 2006. Ou seja, pensar como um todo o governo, mas fazer uma análise de fundo. Analisar desde o Presidente da República até os jornais, a televisão, as revistas, os deputados, senadores, o Brasil, você mesmo, que fazia parte do governo, se auto-analisar. Conversar com todo mundo, porque eu acho que é preciso que a nova geração conheça, com profundidade, o que aconteceu em 2005 e 2006, o que estava por trás disso, qual era a intenção e por que não aconteceu o que as pessoas pensavam que deveria acontecer. Aconteceu exatamente o contrário: nós continuamos aqui no governo para desgosto de alguns que não queriam que nós estivéssemos aqui.

Então, meus agradecimentos, André, de coração. Não tenho palavras para agradecer, a não ser um gesto carinhoso de dizer que, muito mais do que um assessor especial, do que um ministro, do que um secretário, você é um companheiro de todas as horas. E eu espero que a nossa amizade só aumente daqui para frente, quando você perceber que se livrar de mim é melhor do que estar junto comigo.

Então, de coração, muito obrigado, André, que Deus te ilumine nas próximas decisões, seja como professor da USP, seja para trabalhar com educação na América Latina, que Deus te abençoe e conte comigo. Continuarei sendo seu amigo, mais do que agora que você é meu assessor.

Um grande abraço, querido.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura oficial da 73ª ExpoZebu**

Uberaba-MG, 03 de maio de 2007

Orestes, primeiro, quero fazer a foto com o boné da ABCZ, já que eu sou sócio e tenho até o direito de votar, embora eu não tenha nenhuma vaquinha e nenhum boi zebu. De qualquer forma, vale a intenção.

Meu caro amigo e governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,
Meu caro companheiro e amigo Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues,

Meu caro Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura e Abastecimento,
Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu caro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Meu caro Orestes Prata, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu,

Senhor embaixador do Senegal,

Meus amigos, minhas amigas,

Senhores senadores Eduardo Azeredo, Jonas Pinheiro, Wellington Salgado e Wilson Matos,

Senhores deputados federais Aelton Freitas, Aracely de Paula, Elismar Prado, Gilmar Machado, João Bittar, Leonardo Picciani, Marcos Montes, Maurício Quintella, Moreira Mendes, Osório Adriano, Paulo Piau, Ronaldo Caiado, Saraiva Felipe e Waldir Neves,

Meu caro companheiro Anderson Adauto, ex-ministro dos Transportes e prefeito de Uberaba,

Meu caro Pratini de Moraes, ex-ministro da Agricultura,



Meus companheiros vice-presidentes e diretores da ABCZ,
Senhores expositores,

Primeiro, quero dar os parabéns à ABCZ, ao Ministério do Desenvolvimento Agrário e à Contag pela assinatura do acordo, fazendo com que o pequeno produtor brasileiro tenha a possibilidade de melhorar a sua pequena criação de gado neste País.

Segundo, dizer aos pecuaristas aqui presentes e ao povo mineiro que estamos vivendo um momento na história do Brasil em que, certamente, ainda temos muitas coisas a fazer e, possivelmente, levemos alguns anos para construir o Brasil que todos nós imaginamos e todos queremos construir. Entretanto, o Brasil se encontra em uma situação... e esse é um dos compromissos que eu tenho e desejo: entregar ao meu sucessor, em 2010, um Brasil infinitamente melhor do que aquele que recebi. E, certamente, preparado para que o meu sucessor possa entregar ao seu sucessor um Brasil ainda muito melhor preparado. Afinal de contas, o Brasil alcançou neste momento um estágio que há muito tempo nós perseguíamos. E o mérito não é do presidente da República, de um ministro, de um governador. O mérito, na verdade, é do povo brasileiro, que soube sofrer nos momentos difíceis, mas soube acreditar no Brasil.

O Jonas estava comigo na Índia em 2004. E eu lembro, governadores, que, em 2004, quando cheguei à Índia, a Índia tinha atingido 100 bilhões de dólares de reservas. E eu discutia com os meus companheiros: que bom o dia em que o Brasil conseguir ter 100 bilhões de dólares de reservas. Parecia um sonho impossível. E vejam que ontem nós chegamos a praticamente 122 bilhões de dólares de reservas, com a possibilidade de chegar a muito mais, porque as nossas exportações continuam crescendo, continuamos batendo recorde atrás de recorde nas exportações, e penso que isso leva todos nós governantes, seja o presidente da República, sejam os governadores, sejam os



prefeitos, os empresários brasileiros, os trabalhadores brasileiros... a entender o seguinte: de onde nós estamos, só podemos avançar, não podemos mais retroceder, porque foi difícil chegar até aqui. Todo mundo sabe o sacrifício que todos nós, que a nação brasileira fez em 2003 para que pudéssemos atingir, hoje, o patamar que estamos atingindo. E todo mundo sabe que cada dia em que o Brasil crescer um pouco mais e cada dia em que o Brasil ganhar mais importância no mundo, mais aumenta a nossa responsabilidade.

Nós já somos o maior exportador de carne do mundo, como já somos o maior exportador de café, o maior exportador de açúcar, o maior exportador de álcool, o maior exportador de suco de laranja, um dos maiores exportadores de minérios do mundo, 52% dos nossos produtos hoje exportados são manufaturados, e queremos chegar a 60%, 70%, 80%. Quanto mais valor agregado colocarmos nas coisas que exportamos, mais dinheiro vão ganhar os estados, mais dinheiro vão ganhar os municípios, mais dinheiro vão ganhar os empresários, mais dinheiro vão ganhar os trabalhadores, porque quanto melhor for a empresa, mais corretamente o trabalhador terá que ser remunerado, e ganhará o Brasil.

Então, quando eu venho a uma exposição como esta e vejo a qualidade do avanço genético conquistado neste País e, muitas vezes Orestes, saber do quanto muitas vezes a burocracia nos atrapalha em nome de leis que criamos no Congresso Nacional; em nome, às vezes, da incompreensão das necessidades. Eu lembro que, quando fui à Índia com um grupo de companheiros da ABCZ, nós fomos discutir com o governo da Índia a possibilidade de voltarmos a importar embriões outra vez, porque estava proibido desde 1960 e alguma coisa, se não me falha a memória, desde 1966. Nós já tínhamos até um laboratório lá, criado pela ABCZ, e foi um trabalho imenso, até que arrancamos do primeiro-ministro da Índia a certeza de que íamos poder importar. Até hoje nós não conseguimos importar.

Pois bem, eu estou voltando para a Índia no mês de julho, quero



convidar representantes da ABCZ para que a gente possa trazer de lá, definitivamente, a certeza de que vamos importar os embriões necessários para renovar o nosso rebanho. E certamente os empecilhos para que nós trouxéssemos, quem sabe da burocracia da Índia ou da burocracia do Brasil, são coisas que não dependem da vontade do técnico que diz que não pode. É porque, muitas vezes, nós aprovamos leis no Congresso Nacional, e eu falo isso porque fui deputado federal, e na hora em que a gente vai aprovar a lei, a gente cria tanto mecanismo de fiscalização, que muitas vezes o burocrata não quer dar a autorização porque logo será fiscalizado pelo Tribunal de Contas, pelo Ministério Público. Ou seja, esse cidadão terá como prêmio os seus bens indisponibilizados, e muitas vezes ele não toma a decisão com medo do que vai acontecer com ele. E o Estado muitas vezes nem paga o advogado, ele é quem tem que se defender sozinho.

Então, eu penso que nós precisamos construir juntos o que falta construir neste País. O Aécio disse bem. Essa questão de partido político termina quando termina o processo eleitoral. O Aécio não foi eleito governador de Minas Gerais para ser apenas o representante do PSDB. E eu não fui eleito presidente da República apenas para ser representante do PT, como o Alcides não foi para ser representante do PP ou o Sérgio Cabral para ser representante do PMDB. Isso valeu até o dia em que abriram as urnas. Abertas as urnas, a nossa obrigação é governar o País, o estado, para todos, independentemente de quem quer que seja. É esse o desafio que está colocado para nós: temos que resolver os problemas que ainda não foram resolvidos. O País tem que continuar crescendo, é preciso que a gente estabeleça uma política de fazer mais justiça social neste País.

Eu quero te dizer, Orestes, que a questão da reforma agrária é uma coisa que me inquieta, e me inquieta por duas razões: primeiro, porque a gente nunca vai conseguir fazer do tamanho que as pessoas que precisam querem. E, segundo, o governo nunca tem dinheiro para compatibilizar a compra da



terra com a exigência de fazer com que a terra produza o necessário, para que aquele companheiro que obteve a terra possa se transformar num produtor, viva do seu trabalho e possa ganhar dinheiro utilizando o máximo possível de tecnologia. Todo mundo sabe que essa é uma tarefa difícil.

O Brasil foi o último país da América do Sul a fazer a experiência de reforma agrária e acho que precisamos encontrar soluções conjuntas. Obviamente que temos clareza de que o que estamos fazendo pela agricultura familiar é um passo extremamente importante, haja vista que o Banco do Brasil não tinha mais o hábito de emprestar dinheiro para o pequeno e, hoje, já adquiriu o hábito e já aprendeu a emprestar dinheiro para o pequeno. E nós queremos que empreste mais para o grande e empreste mais para o pequeno, porque um país capitalista como o Brasil precisa de crédito, e o crédito precisa ter taxas de juro mais compatíveis com a possibilidade de poder pagar de quem toma o crédito emprestado. Quando a taxa de juros é muito alta, empresta-se o dinheiro sabendo que não vai receber de volta, e talvez fique muito mais caro.

Agora, qual é a minha expectativa? É que temos mais quatro anos. Aqui tem três governadores de estados: o Aécio, reeleito, o Sérgio Cabral e o Alcides, em seus primeiros mandatos. Tem muitos governadores de segundo mandato e muitos de primeiro. Já fizemos uma extraordinária reunião em Brasília em que estabelecemos alguns pontos no encontro. Obviamente que falta atender os pleitos dos governadores que ainda não atendemos, porque os governadores são muitos e eu sou um só. E eles são muito espertos e eu não sou tão esperto. Então, preciso pensar mais do que eles para atender a pauta de reivindicação deles. Mas eu queria dizer aqui, nesta Feira, aos empresários e aos governadores: nós temos uma chance histórica, Sérgio Cabral, Alcides e Aécio, nós temos que provar até 2010 que, ao ser eleitos para assumir a responsabilidade de dirigir os estados e o País, vamos poder fazer jus à expectativa que a sociedade criou em torno de nós.



O Brasil, meu caro Orestes, não tem mais retorno, daqui para a frente o Brasil vai caminhar para ser uma grande economia, não apenas exportador de produtos *in natura*, mas exportador de produtos manufaturados, exportador de inteligência, e vai exportar conhecimento. O que nós estamos fazendo aqui no Brasil na questão do rebanho bovino é uma revolução que as pessoas precisam conhecer. Não faz muito tempo, demorava-se cinco anos para abater um boi, hoje tem boi que já se abate com 18 meses. O ganho que muitas vezes vocês não me falam, ou seja, só reclamam do preço da arroba, mas não falam: “Presidente, antes a gente precisava esperar quatro anos, agora matamos com 18 meses, temos um ganho extraordinário”. Como a cana-de-açúcar. Hoje se planta, por hectare, seis vezes mais do que se plantava quando começamos o Proálcool. E a soja, o café. Agora, eu acho que vocês têm o direito de cada vez reivindicar mais, até porque se vocês pararem de reivindicar, eu acho que nós estamos fazendo alguma coisa errada. É preciso reivindicar, mas sempre ter o bom-senso, Orestes e companheiros, de que nós temos que construir a maioria das políticas juntos. Não é possível ninguém acertar sozinho, temos que acertar e fazer com que aquilo que vocês conseguem fazer aqui, a partir de Uberaba, possa ser estendido a todo o território nacional, não apenas no nosso rebanho bovino.

A febre aftosa é uma responsabilidade do governo federal, mas vamos ser justos com a nossa consciência. É uma responsabilidade também do empresário e é uma responsabilidade de cada governador de estado, porque a febre aftosa que tivemos há dois anos foi porque, em determinados estados, não se quis aplicar a segunda vacina no rebanho. E, obviamente, nós temos consciência disso, sabemos das brigas homéricas. Toda vez que tem um foco de febre aftosa, o governador tenta culpar o governo federal, o governo federal tenta culpar o governador, em vez dos dois terem bom-senso, detectar que a culpa é de todos e tentar encontrar uma solução, porque quanto mais rápido a gente reconhecer, mais rápido o Brasil irá se livrar desse problema e irá



exportar muito mais.

Nós, agora, Orestes, temos uma responsabilidade a mais, nós somos os maiores exportadores, portanto, temos adversários no mercado internacional. Não pensem que haverá um país que vai elogiar a qualidade da carne brasileira ou a qualidade do rebanho. Todos eles vão botar defeito. Por quê? Porque eles querem ocupar um espaço no mercado que nós conquistamos. O que nós temos que fazer agora, presidente da República e o mais pequeno produtor, que assinaram esse convênio? É melhorar a qualidade da carne, é assumir mais responsabilidade, porque eu não tenho dúvida que nós seremos imbatíveis nessas próximas três ou quatro décadas, na produção de carne no mundo.

Além do que, as pessoas precisam compreender o que é o chamado boi verde. De vez em quando a gente fala e eles pensam que a gente está dizendo: um boi pintado de verde. Não, o boi é verde pela qualidade da sua comida, pela qualidade da ração que come. E o mundo precisa aprender isso do Brasil. Eu, quando vejo um país dizer: “Ah, não vou comprar carne do Brasil porque teve febre aftosa”... Eu lembro que quando o Putin entrou na minha sala, eu peguei um mapa do Brasil – nós tínhamos tido um foco de febre aftosa no Pará – para mostrar para o Putin a distância entre a região que tinha o foco, no Pará, e o estado de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo, do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso, para ele perceber que era muito mais distante do que Moscou da Itália. Entretanto, ele não tinha problema em comprar carne da Europa e estava preocupado em comprar a carne do Brasil.

Nós precisamos, cada vez mais, Orestes, convencer mais as pessoas. Cada vez mais nós precisamos convencer o mundo. Eu, quando fui para o Japão, lembro que queria levar picanha, eu queria que o Koizumi comesse um pedaço de picanha assada por um brasileiro. Lamentavelmente não pôde entrar. Mas ele veio ao Brasil. Fazia 28 anos que a gente queria exportar



manga para o Japão e eles não importavam por causa da chamada mosca, o mosquito da manga. Mas isso era uma coisa do passado. Ele acabou de comer, Reinhold, eu preparei com o Roberto Rodrigues um prato de manga de sobremesa, e eu falei Koizumi: eu quero que você coma e depois me explique por que o Japão não importa a manga brasileira. Dois meses depois, nós exportamos as primeiras 60 toneladas de manga para o Japão.

Se eu pudesse viajar, eu viajava com uma picanha pendurada no pescoço, uma carne nobre, para chegar lá e assar, porque se nós não mostrarmos a nossa qualidade, não serão os adversários que vão mostrar. Acabou o tempo de ficarmos no Brasil esperando que alguém venha aqui comprar, nós é que temos que ir vender. Eu dizia agora há pouco a alguns companheiros, dizia ao Aécio: nós temos um problema com a Rússia, é que nós exportamos muito e não importamos nada da Rússia, e relação comercial entre dois países é uma via de duas mãos, você precisa vender um pouco e precisa comprar um pouco, porque senão nós vamos continuar tendo superávit comercial com cada país e eles vão tendo problemas conosco. Aí eles querem vender para outros que compram alguma coisa deles.

Na América do Sul, Orestes, nós estamos com um superávit enorme com todos os países. Com alguns, nós temos superávit de 3 bilhões de dólares por ano na balança comercial. Nós precisamos importar um pouco deles, porque senão eles vão procurar outros parceiros que possam comprar alguma coisa deles. E eu tenho feito, Orestes, um esforço imenso. O Roberto Rodrigues, que ficou quatro anos no Ministério, foi a prova disso. E vocês. É que nós também tínhamos o hábito no Brasil de as pessoas não viajarem vendendo os nossos produtos. Eu agora estou convencido de que a questão do álcool e do biodiesel é irreversível. Podem falar o que quiserem, mas é irreversível, o mundo vai se curvar aos combustíveis renováveis, o mundo vai se curvar e, na hora em que o mundo se curvar, não tem ninguém que possa competir com o Brasil. E não vamos tirar nenhum metro quadrado de plantar



alimento, até porque quanto mais tecnologia vocês criarem aqui na ABCZ, quanto mais vocês inovarem, menos espaço de terra vocês vão precisar para criar o gado e mais terra vai sobrar para plantar outras coisas que possam garantir ao Brasil essa política de auto-suficiência e de grande supridor das necessidades do mundo poluente que pode comprar o nosso combustível.

Esse é um debate. Eu já tenho 61 anos, Cabral, não sei se vou viver mais 20 anos. A expectativa de vida da gente diminui, Aécio, quando a gente completa 50, você vai ver. Mas essa meninada que está aqui, certamente vai viver daqui a 20 anos o que nós estamos vivendo hoje do álcool. Todo mundo está lembrado quando foi criado o Proálcool no País, as críticas, os subsídios. Nós hoje não precisamos mais disso, então, um país que é capaz de produzir uma coisa extraordinária... Veja, nós temos 440 milhões de hectares de terra totalmente prontos para a agricultura. Desses, Sérgio Cabral, apenas 1% é para cana-de-açúcar, 29% são pasto, 4% soja, mas ainda temos 80 milhões em que podemos plantar o que quiser. O que a gente não pode é ceder aos discursos dos nossos adversários, que lá da Europa vão dizer: “não, porque vai invadir a Amazônia”. Quem tem interesse em defender a Amazônia somos nós brasileiros e não eles. Nós temos interesse em defender a Amazônia.

Agora, o que não pode é exigir que continuemos eternamente pobres e miseráveis. Não, nós temos vocação e quero te dizer uma coisa: não abriremos mão de que o século XXI seja o século da América do Sul e do Brasil. Eu estou convicto disso. Os americanos aproveitaram o século XX, a Europa aproveitou o século XX, aproveitou o final do século XX, e ainda está aproveitando o século XXI. O século XXI é da América Latina, nós temos todo o necessário para nos transformar num grande continente e o Brasil numa grande nação.

Por isso, meus queridos companheiros, saio daqui orgulhoso. Orgulhoso, porque venho a uma feira. Quando vi passar aquele touro bonito, já pensei: bom, vai ter a picanha na casa do Jonas, nós vamos comer uma picanha daquelas que eu vi passar. Orestes, eu te conheci quando você não



era presidente da entidade e venho aqui no dia em que você faz o discurso de encerramento. Quem será o futuro candidato aqui? Tem muita disputa? Vai ser o José Olavo. O José Olavo, na primeira vez em que vim aqui, Orestes, você não estava. Isso aqui é digno de história, Aécio. A primeira vez em que vim aqui, eu era candidato, em 2002, e me convidaram para vir na ABCZ. Aí, eu falei: mas eu vou lá, aquele povo não gosta de mim, o pessoal criador de gado. Mas eu vou. Cheguei aqui e encontrei o José Olavo e sua turma. Eu cheguei com o José Alencar, e depois de meia hora de conversa, o José Olavo já estava me colocando um broche da ABCZ e eu colocando uma estrelinha do PT no peito dele.

Isso demonstra o quê? Isso demonstra, viu Aécio, Sérgio Cabral e Alcides, que quando a gente está no governo ou quando a gente quer ocupar um cargo importante, não existe na nossa alma espaço para preconceito. A gente não pode dizer que não gosta de uma pessoa sem conviver com a pessoa e ter aquele preconceito preconcebido de que: olha, eu não vou lá porque eu não gosto das pessoas. Eu vim aqui a primeira vez, me tornei amigo da casa e, na hora em que tivermos divergências, vamos sentar à mesa e discutir a divergência como adultos civilizados, pensando no bem do Brasil. Cada um querendo ficar com uma parte do bolo. E quando a gente faz acordo, todo mundo ganha.

Portanto, meus caros, mais uma vez meus parabéns, muito obrigado e boa sorte ao povo brasileiro.

Leia o release e entrevista sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/REL300407-1.DOC>

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/Entrevistas/PR126-2.DOC>



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina Amador Aguiar II**

Uberlândia-MG, 03 de maio de 2007

Nós temos um pequeno problema com o tempo. Apesar de ser noite de lua cheia, o avião, por uma questão de segurança, tem que sair ainda com a luz do sol, que já está desaparecendo.

Primeiro, quero cumprimentar o nosso querido governador Aécio Neves,
Quero cumprimentar o ex-governador do estado de Minas Gerais,
Rondon Pacheco,

Quero cumprimentar os ministros, os deputados,

Quero cumprimentar os empresários que construíram esse complexo hidrelétrico aqui, em Minas Gerais,

E, Roger, dizer uma coisa para você, para o doutor Lázaro Brandão, para o David: você é um belíssimo empreendedor, mas é um péssimo mestre de cerimônias, porque fez o Aécio cometer uma gafe, aí, de inaugurar uma placa que não era para inaugurar, era entregar uma placa.

Segundo, dizer que além desta homenagem ao Amador Aguiar, é importante fazer uma homenagem para o Roger, que completa hoje não se sabe quantos anos, só se sabe quantas vezes ele sai de férias por ano para consertar a plástica, mas, de qualquer forma, ele não parece tão novo quanto é e nem tão velho quantos são os anos que tem. Parabéns, Roger, pelo seu aniversário. Eu penso que essa data foi marcada exatamente para a gente comemorar o seu aniversário aqui, com tantas autoridades e personalidades.

Segundo, dizer para vocês que não poderia ser mais justa a homenagem desta hidrelétrica ao Amador Aguiar. Veja a coincidência do destino dos seres humanos: embora Amador Aguiar tenha sido um banqueiro, criador do Bradesco, durante grande parte da minha vida, para vencer os



preconceitos que eram lançados contra mim, porque queria ser presidente da República e não tinha o diploma universitário, eu lembrava que o Amador Aguiar, que tinha construído o maior banco nacional, também não tinha diploma universitário, e nem por isso o Bradesco foi menor do que qualquer outro banco. E eu utilizava o Amador Aguiar como exemplo, porque, no Brasil adquiriu-se o hábito de confundir título universitário com sabedoria, título universitário com inteligência, o que é uma coisa descabida, e ninguém melhor que o Amador Aguiar para provar que a inteligência é uma coisa à parte e a universidade é apenas o aumento do conhecimento que as pessoas precisam ter sobre determinadas coisas específicas.

Terceiro, dizer a todos que estão aqui, que a questão da energia elétrica é uma coisa mais complicada do que a gente imagina que seja. Nenhum empresário virá investir no Brasil, nos próximos anos, se nós não dermos a certeza de que o Brasil terá energia para oferecer para as indústrias brasileiras que querem fazer investimento e para as indústrias estrangeiras. Nós herdamos o Brasil com uma coisa um pouco fragilizada, que tinha apenas 3 mil megawatts inventariados, e estamos preparando 36 mil megawatts para deixarmos inventariados para que outro governo possa fazer. Até porque uma hidrelétrica a gente não pensa hoje e faz hoje: a gente pensa hoje para inaugurá-la daqui a cinco ou seis anos, e algumas levam até muito mais tempo.

Os empresários que tratam da questão energética brasileira sabem do compromisso que nós temos e do compromisso que está colocado no PAC, que é o nosso programa de aceleração da economia, da construção das hidrelétricas que precisam ser construídas no Brasil. Todo mundo sabe os problemas que nós temos que enfrentar, seja o problema legal, o problema ambiental. Nós estamos com duas grandes hidrelétricas no Rio Madeira, que são a Santo Antônio e a Jaru, e estamos trabalhando de forma intensa para ver se vencemos os obstáculos que se apresentam na hora em que queremos construir um projeto daquela magnitude. Mas, ao mesmo tempo, é importante



ter coragem de dizer aos empresários o seguinte: nós não temos muita alternativa. Ou nós construímos energia elétrica através de hidrelétrica, ou nós construímos energia elétrica através da energia nuclear, ou nós construímos energia elétrica através de termelétricas a óleo diesel, ou nós construímos termelétrica a partir do gás que nós não temos. Portanto, temos que importar, é uma coisa mais delicada, e não dá para a gente pensar – e eu quero chamar a atenção – em construir energia para tocar um país, nem a energia solar e tampouco a energia eólica.

A energia eólica é muito importante, mas é importante as pessoas saberem que, em uma usina eólica de 100 megawatts, a gente vai utilizar apenas 30% em média, porque, de 100 megawatts, ela vai produzir apenas 30 megawatts, são apenas 30% em média. Então, os empresários sabem que nós não temos muita alternativa: ou nós vencemos os obstáculos e construímos as hidrelétricas que precisam ser construídas, e ninguém vai entender que um país que tem o potencial hídrico do Brasil venha construir termelétrica a carvão, porque é contraproducente, vai na contramão da história ambiental, e nós teremos que importar o carvão do Roger, ele vai ter que trazer de outros países para cá. É uma matéria-prima que nós não temos o suficiente, é mais poluente e o megawatt-hora é muito mais caro.

Então, nós temos duas alternativas concretas, e eu quero dizer aqui para os empresários: ou nós fazemos as hidrelétricas que temos que fazer, vencendo todos os obstáculos, ou nós vamos entrar na era da energia nuclear. E quero dizer para vocês que eu não tenho nenhuma dúvida em fazer os debates que eu tiver que fazer, os enfrentamentos que tiver que fazer e, se for necessário, vamos fazer usina nuclear, porque este País não pode ficar sem energia para oferecer à nação brasileira.

Uma outra coisa importante, eu queria que os empresários prestassem atenção, é que eu estive, há 15 dias, em Caracas, ou melhor, na Isla Margarita, lá na Venezuela, com todos os presidentes da América do Sul, discutindo a



questão energética da América do Sul. E eu descobri uma coisa extraordinária: toda a reserva de petróleo do mundo equivale a um montante de 1 trilhão e 490 bilhões de barris de petróleo. Se nós imaginarmos também a do gás, a gente vai chegar ao mesmo número, quase 1 trilhão e 500 bilhões de metros cúbicos. Agora, a energia elétrica produzida pelas hidrelétricas brasileiras, se a gente imaginar o potencial da América do Sul... Roger, eu queria que você e os nossos queridos amigos empresários prestassem atenção no seguinte: se nós analisarmos o potencial hídrico da América do Sul, vamos chegar à conclusão de quê? Se nós transformamos o megawatt-hora em barris de petróleo, nós temos capacidade de gerar energia na América do Sul equivalente a 540 mil megawatts, utilizando todo o potencial hídrico. Se a gente transformar esse megawatt-hora em barril de petróleo, nós temos um potencial de 1 trilhão e 359 bilhões de barris de petróleo.

Pois bem, então nós temos um potencial que nenhum país do mundo tem. O que nós temos que estabelecer como política convergente na América do Sul? Construímos todas as hidrelétricas que precisamos construir e fazer linhas de transmissão para que a gente possa, de acordo com as reservas de água nos lagos, transportar energia de uma região para outra, como estamos fazendo agora no Brasil. Nós, nesses primeiros quatro anos, fizemos, de linha de transmissão, 23% de tudo o que foi feito em 122 anos no Brasil.

Vocês lembram que no “apagão” de 2001 nós tínhamos excesso de água no Sul do País e falta de água no Sudeste do País, e nós tínhamos energia sobrando lá e não tínhamos linha de transmissão para trazer a energia para o Sudeste. Isso já está resolvido, só falta ligar o Norte do País ao Nordeste e ao Sudeste, para a gente não ter mais esse problema. Mesmo assim, nós achamos, na conversa com os presidentes dos países da América do Sul, que nós precisamos construir todas as hidrelétricas necessárias, fazer todas as linhas de transmissão necessárias, para que nenhum país vire vítima da falta de energia.



Hoje, nós temos problema no Chile, nós temos problema na Argentina, nós temos problema no Uruguai. Não temos no Brasil, mas poderemos ter, a partir de 2012, se não fizermos as coisas que têm que ser feitas aqui. Nós não podemos ficar dependendo do gás que nós não temos. É preciso que a gente, então, pense concretamente em que tipo de energia nós iremos definir a nossa matriz definitiva. E eu acho que esta é a melhor, a mais barata, até porque na hidrelétrica, Aécio, o megawatt-hora custa 51 dólares, com imposto; a energia de óleo diesel custa 351 dólares; a energia eólica custa 179 dólares o megawatt-hora. Portanto, nós não temos escolha, meus caros empresários. Ou nós fazemos o que tem que ser feito, e aí precisamos, todos, conversar com o Ministério Público, conversar com as entidades de meio ambiente, conversar com as ONGs, conversar com o Tribunal de Contas, aproveitar que o Papa está vindo aqui e conversar com o Papa, porque o Brasil não pode parar por falta de energia.

Meus parabéns por mais esta inauguração!

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/REL300407.DOC>



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de ato de licenciamento compulsório do medicamento Efavirenz

Palácio do Planalto, 04 de maio de 2007

Depois do discurso do nosso Ministro da Saúde, não vou ler o meu discurso aqui, porque estou numa reunião com oito ministros e tenho que fechar o problema do PAC para segunda-feira.

Eu só queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, agradecer às pessoas que trabalharam para que nós pudéssemos criar este momento. Essas coisas não podem ser feitas de forma atabalhoada, porque às vezes o prejuízo é maior do que o benefício que a gente pensa estar dando ao povo brasileiro.

Quando o ministro Temporão veio me fazer a proposta, eu disse ao Temporão que era preciso que a gente visse direitinho com a Advocacia-Geral da União o que era possível fazer, que conversasse muito com o Celso Amorim, que é o nosso negociador na Organização Mundial do Comércio, para que a gente fizesse as coisas e não tivesse que ser punido amanhã por uma decisão fora de qualquer permissão na regulação da OMC. E nós estamos aqui dando um passo importante. Isso vale para este remédio, mas vale para tantos outros quanto for necessário.

É importante deixar claro: não importa se a firma é americana, alemã, brasileira, francesa ou argentina. O dado concreto é que o Brasil não pode ser tratado como se fosse um país que não merece ser respeitado, ou seja, pagarmos 1 dólar e 60 centavos, quando o mesmo remédio é vendido para outro país a 60 centavos de dólar. É uma coisa grosseira, não só do ponto de vista ético, mas do ponto de vista político e econômico. É um desrespeito. Como se o doente brasileiro fosse inferior ao doente da Malásia. Não tem



nenhuma possibilidade de aceitarmos isso.

Eu quero que o Temporão saiba, como ministro da Saúde, que está valendo agora para este remédio – que eu não aprendi a falar o nome – o efavirenz, mas vale para qualquer outro. Hoje é o efavirenz, mas amanhã pode ser qualquer outro comprimido, ou seja, se não tiver com os preços que são justos, não apenas para nós, mas para todo ser humano no Planeta que está infectado, nós temos que tomar essa decisão. Afinal de contas, entre o nosso comércio e a nossa saúde, vamos cuidar da nossa saúde.

Como tenho uma tese em que eu acho que toda descoberta de interesse da humanidade deveria ser fixada como patrimônio da humanidade, o inventor, o criador, poderia ter os seus benefícios, ganhar o seu dinheiro, mas isso deveria ser da humanidade. Não é possível alguém ficar rico com a desgraça dos outros.

Então, eu acredito, Temporão, que o que estamos fazendo hoje no Brasil, Renan, e eu sei o quanto o Congresso Nacional tem contribuído, o quanto o presidente Sarney contribuiu para que chegássemos a isso, vocês podem ter certeza do seguinte: o Temporão vocês conhecem, nós temos um compromisso e, por isso, investimos bastante em Manguinhos, e vamos investir mais, pois não é possível que este País tenha fechado a nossa central de medicamentos e a gente tenha retrocedido ao invés de ter avançado. Eu não sei quantos de vocês, mas a verdade é que 61% do povo brasileiro me deu o segundo mandato exatamente para fazer o que não foi possível fazer no primeiro mandato. E vamos fazer.

Quero desejar a vocês toda sorte do mundo e dizer que vocês vão continuar tendo do governo brasileiro todo o apoio que for necessário. Nós não abriremos mão de cuidar do nosso povo. Com o mesmo cuidado que temos para cuidar de um pobre com o Bolsa Família, nós queremos cuidar dos nossos companheiros e companheiras que foram infectados. E vamos cuidar com o mesmo carinho com que vocês cuidam de vocês mesmos e dos seus



**Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República**

parentes.

Que Deus nos ajude nessa empreitada. Obrigado!

Leia o Release sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/REL040507.doc>



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com integrantes do Conselho Nacional da Juventude

Palácio do Planalto, 07 de maio de 2007

Primeiro, quero cumprimentar o companheiro Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Cumprimentar o nosso companheiro Beto Cury,

Cumprimentar a Elen,

Cumprimentar todos os companheiros e companheiras que participam do Conselho Nacional da Juventude,

Quero dizer para vocês que nós temos uma novidade que precisa ser valorizada. Este Conselho, composto de 60 membros, tem uma maioria da sociedade civil e não do governo. É 40 a 20, se não me falha a memória, o número de participantes, 40 da sociedade civil e 20 do governo.

Bem, eu acho que tanto o Beto quanto o Dulci, em muitas conversas que têm tido com vocês, devem ter falado de uma preocupação que tem tomado conta do meu dia-a-dia, que é tentarmos encontrar uma solução definitiva para a juventude brasileira. Nós temos uma série de programas. O PDE que fizemos agora para a Educação é, possivelmente, a mais importante mudança no sistema educacional brasileiro desses últimos 100 anos, e vai ser uma tarefa muito dura e árdua para que a gente consiga implementá-lo na sua totalidade. Ele visa, sobretudo, a possibilidade de melhoria da qualidade da educação para a juventude brasileira.

Vocês sabem que em todas as pesquisas que nós trabalhamos aqui – o Gushiken ainda era ministro quando nós constituímos um Núcleo de Ação Estratégica do Governo – a gente perguntava quais eram as prioridades da sociedade brasileira nos mais diferentes segmentos da sociedade. Eram



pesquisas feitas em universidades, por telefone, pela internet. E só tinha uma coisa que era unanimidade: educação de qualidade. Quase 100% das pessoas pesquisadas entendiam que educação de qualidade era prioridade máxima do Brasil. Mas quando perguntado às mesmas pessoas que tinham colocado “educação de qualidade” como sua prioridade, se elas tinham perspectiva de que seria possível fazer educação de qualidade, a maioria não acreditava que o Brasil poderia atingir o objetivo de ter uma educação de qualidade. Daí porque foi construído o PDE, o Programa de Desenvolvimento da Educação brasileira, que nós queremos consolidar com a mesma urgência e a mesma rapidez com que nós estamos consolidando o programa de aceleração da economia.

Esse é um programa que vai cuidar daqueles que estão vindo. Mas ainda não tem uma resposta para aqueles que já estão prontos, que são as pessoas da idade de vocês, e não são aqueles de 10, 8 anos. Na verdade, nós temos um estoque incomensurável de jovens – meninos e meninas entre 17 e 24 anos, entre 18 e 29 anos, se nós quisermos pegar até os 30 anos, tem um monte – que são vítimas do descaso que, ao longo dos últimos 30 anos, o Estado brasileiro dedicou ao conjunto do povo brasileiro mas, sobretudo, à juventude brasileira.

É importante lembrar que quando a gente assiste na televisão um jovem de 24 anos, preso – e se ele cometeu um crime ele tem que ser punido mesmo, e punido com toda a dureza da lei – nós temos que lembrar que esse jovem é resultado de praticamente 25 anos em que não se apostou na educação, não se apostou no desenvolvimento deste País e, portanto, é estranho quando a gente percebe que algumas pessoas querem reduzir a maioria penal para punir a juventude, sem que se pense como punir os governantes que foram responsáveis pela juventude chegar ao ponto que chegou, neste País, de abandono e, praticamente, de descaso.

Nessa altura do campeonato não dá para a gente ficar chorando o leite



derramado, aquilo que não aconteceu. É preciso correr atrás e tentar fazer acontecer com todas as dificuldades que nós sabemos que vamos ter.

Logo no começo do governo, através do Instituto Cidadania – eu já não estava mais lá – o companheiro Paulinho Vannuchi, que hoje é o secretário de Direitos Humanos, junto com um grupo de especialistas, preparou um conjunto de propostas para que nós pudéssemos tratar da questão da juventude. Esse documento tem sido a base de algumas coisas que nós estamos fazendo, tem sido a base da criação da Secretaria Nacional de Juventude, tem sido a base da criação do Conselho Nacional de Juventude. Mas isso só, também, não basta. Possivelmente, foi espelhado naquele documento que nós produzimos alguns programas que vocês conhecem, de alguns até participam, como o ProUni. O Petta sabe as discussões que nós tivemos aqui, imaginávamos que talvez não fosse nem possível criar o ProUni. Imaginávamos que os contrários ao ProUni tinham um discurso eminentemente ideológico e não levavam em conta a necessidade de a gente garantir mais adolescentes na universidade brasileira. Para nossa alegria, hoje já foram ofertadas, até o 1º semestre de 2007, 358 mil vagas. Certamente, 358 mil jovens que não teriam perspectiva de estar na universidade, se não fosse criado o ProUni. Havia quem dissesse, à época, que nós estávamos ajudando as universidades particulares. Mas houve a compreensão da juventude que participou daquele debate, houve a compreensão de gente do governo, da Câmara dos Deputados e do Senado de que estava na hora de darmos uma resposta, concomitantemente, criando o ProUni, e ao mesmo tempo, fazendo o maior programa de extensão universitária que este País já conheceu.

É importante dizer para vocês que a primeira escola técnica profissional do Brasil foi criada em 1909. De 1909 até nós chegarmos ao governo, tinham sido criadas 140 escolas técnicas. Ao deixarmos o governo, nós estaremos deixando 300 escolas técnicas no Brasil, ou seja, em 8 anos nós estamos fazendo mais do que aquilo que foi feito de 1909 a 2003.



Da mesma forma, nós queremos fazer com as universidades brasileiras. A nossa idéia é cumprir o nosso compromisso de que em cada cidade-pólo deste País a gente leve uma combinação de centros de formação profissional junto com extensões universitárias, para que a gente possa nacionalizar e interiorizar a possibilidade de as pessoas terem acesso à educação neste País.

Possivelmente, a gente vai colher todo esse plantio daqui a alguns anos. Possivelmente, a gente não colha o resultado dessa lavoura ainda dentro do governo. Nós vamos colher o resultado disso quando os primeiros jovens estiverem entrando na universidade, quando os primeiros jovens estiverem saindo da universidade com a sua formação profissional e, ao mesmo tempo, com a possibilidade de adentrar o mercado de trabalho de forma muito mais qualificada e de forma muito mais sustentável do que a juventude brasileira tem hoje.

Mas, ao mesmo tempo, vocês acompanharam, de perto, que a quantidade de programas que nós criamos ainda não dá resposta ao estoque acumulado de jovens que foram deserdados pelo Estado brasileiro. Jovens que foram deserdados pelas prefeituras, pelos governos estaduais, pelos governos federais, pelas políticas econômicas, pelas políticas sociais e pelas políticas educacionais.

Quando a gente pega os números e percebe que tem 50,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, e que temos 1 milhão e 900 mil jovens de 15 a 17 anos que não freqüentam a escola, e temos um potencial de 16 milhões de jovens, de 18 a 24 anos, que já pararam de estudar – podem ter concluído o 2º grau, alguns podem não ter concluído a universidade – mas a verdade é que pararam de estudar, isso coloca para nós o desafio enorme que nós vamos ter e, sobretudo, vocês vão ter. Por que vocês? Porque nós queremos criar, tanto com a Secretaria Nacional de Juventude, quanto com o Conselho Nacional de Juventude, um pilar que não termine quando terminar o governo, um pilar que não termine quando tal presidente da República não existir mais. Que seja uma



coisa institucional e que possa continuar perpassando os governos até que a gente chegue à conclusão que não precisa mais ou que precisamos ter mudanças no Conselho da Juventude. O dado concreto é que nós temos que resolver o problema da educação da juventude, o problema da cultura da juventude, o problema do emprego da juventude, ou seja, é muito mais, é tentar estabelecer com que gesto mágico, com que palavra mágica a gente vai conseguir recuperar a esperança e a utopia de milhões de jovens brasileiros. Não é correto a gente não perceber que essas pessoas ficaram deserdadas todo esse tempo, e nós ficamos com tristeza, não apenas como presidente da República, mas como pai, de que 30% das meninas entre 15 a 17 anos deixaram de estudar porque tiveram filhos precocemente. Eu tive oportunidade, agora, de ir a Recife com o Dulci, para a entrega do diploma do ProJovem, e lá eu conheci meninas de 17 anos, mães de 2 filhos, que muitas vezes iam para o curso com 2 filhos no colo e, às vezes, com filho com febre, no colo. Se a gente imaginar que jovens que receberam aquele diploma estavam presos e foram liberados para estudar por conta do bom comportamento, a gente começa a perceber que, muito mais do que aumentar o castigo para a juventude, achando que vamos resolver o problema, nós temos é que estender a mão e descobrir as palavras e as atitudes corretas para que ela volte a ter uma utopia e uma esperança em que possa se agarrar e falar: “agora eu vou”.

Hoje me perguntaram o que eu gostaria de conversar com o Papa, e eu disse que gostaria de conversar duas coisas com o Papa. Primeiro, eu não sei o que o Papa quer conversar comigo, eu só posso dizer o que quero conversar com ele. Uma é a questão da juventude, que não é um problema do Brasil, mas também do Brasil, é um problema da América Latina, é um problema de milhares de jovens que foram deserdados ao longo desses últimos 30 ou 40 anos. Eu digo isso de cátedra porque fui um jovem muito pobre na Vila Carioca, em São Paulo, mas a gente era jovem pobre sem as coisas ruins que acontecem na nossa vida hoje. Naquele tempo não tinha a droga que tem hoje,



naquele tempo não tinha o crime organizado que tem hoje, naquele tempo a rua era da gente, o campo era da gente. A gente não tinha preocupação de sair tarde da noite porque ia ser atropelado, porque um bandido ia assaltar a gente, não tinha bala perdida naquele tempo. A gente não tinha acesso às coisas que a juventude tem hoje, mas também não tinha os perigos que a juventude sofre hoje.

Eu quero conversar com o Papa duas coisas. Uma delas é discutir o problema da família brasileira. Eu acho que há um processo de degradação da estrutura da sociedade, a partir da família. Eu acho que se a família não está bem, dificilmente as outras coisas estão bem. Quem tem irmãos, pai e mãe, quando a família está brigada a gente sabe o quanto é difícil conseguir fazer alguma coisa boa. Eu digo isso porque fui criado com uma mãe sem marido, com 8 filhos, e ela conseguiu formar os 8 filhos cidadãos, porque tínhamos nela uma referência. Cada coisa que a gente fazia, a gente tinha certeza de ter a repreensão dela ou a concordância dela. Por conta do respeito que nós tínhamos pela nossa mãe, nós éramos obrigados a fazer as coisas corretas, por conta do respeito. Outro dia eu estava dizendo a um amigo meu que eu saía do Colégio Visconde de Itaúna, lá na Silva Bueno, em São Paulo, passava na feira e via aquelas maçãs da Argentina, e eu tinha uma vontade de pegar uma e sair correndo, porque dinheiro eu nunca tinha para comprar. Entretanto, eu nunca fiz porque eu tinha medo que a minha mãe passasse vergonha se eu fosse pego apanhando uma coisa que não era minha.

Hoje, nós percebemos que há um processo de desagregação, levado pela situação social, levado por muitas coisas que a gente lê e que a gente vê na televisão. A parte educativa dos meios de comunicação é infinitamente minoritária à parte que não é educativa. Então, nós estamos em um processo em que nós precisamos discutir como fazer para que a gente recupere o poder de esperança do jovem e, ao mesmo tempo, recupere a integração da família.

Quando você vê um jovem ser preso na Febem, você fala: “ele cometeu



um delito e tem que ser castigado”. Mas, e a origem daquele delito? O que fez aquele jovem sair para a rua e fazer aquilo? Como está a vida dele dentro de casa? Como está a situação dos seus pais? Se a gente achar que é apenas um problema da polícia e não entender que é um problema social de maior profundidade, nós não vamos encontrar a solução. Daí porque nós estamos discutindo agora, no governo, a idéia de juntar todas as políticas sociais que nós fazemos e fazer um processo de integração. É uma coisa que vamos debater com muita força. Eu espero que no livro que eu ganhei de presente já tenha parte das sugestões das coisas que nós precisamos.

Quando nós pensamos o PAC, vocês vão analisar que dentro do PAC tem muita coisa voltada, sobretudo, para atender o setor mais sofrido da juventude brasileira, que é a região metropolitana dos grandes centros urbanos deste País. O que fazer para que a gente possa melhorar a vida da juventude brasileira numa periferia dura e sofrida como a de São Paulo, como a do Rio de Janeiro, como a de Belo Horizonte. Vocês vão perceber, no PAC, que grande parte das políticas previstas para a urbanização de favelas, palafitas e saneamento básico, está prevista nas grandes regiões metropolitanas, que é onde tem os mais graves problemas de violência do nosso País. A mais grave situação, eu diria, de deserção, até, da vida de muitos jovens, é ali que está a violência, é ali que estão as balas perdidas, é ali que está a falta de esperança, porque as pessoas moram mal, porque as pessoas vivem mal, porque as pessoas ganham mal. Então, o PAC também está pensando nisso e está pensando de forma a melhorar as condições de vida. Não sei se aqui tem alguém do Rio de Janeiro.

Então, quando nós discutimos o PAC, ficamos pensando o seguinte: se você pega 1 ou 2 bilhões de reais e resolve fazer convênio com prefeituras e com governos dos estados para fazer urbanização de favelas, fazer ruas, levar luz elétrica, levar escola, levar hospital, se você distribuir esse dinheiro de forma aleatória, o que vai acontecer? Cada um vai fazer um pedacinho, porque



no ano que vem tem eleições. Então, nós resolvemos chamar os governadores, chamar os prefeitos da região metropolitana, mostrar quais são os projetos que, do ponto de vista do governo federal, são importantes. No Rio de Janeiro, por exemplo, nós definimos três áreas importantes para fazer uma ação forte do governo: Complexo do Alemão, Mangueiras e Rocinha. Mas não é apenas pintar uma rua, é tentar fazer o que tem que ser feito, levando o Estado lá para dentro, criando não apenas as condições de as pessoas verem a presença do Estado, mas, ao mesmo tempo, criando a possibilidade de, lá naquele espaço, o jovem ter acesso a tudo o que é necessário para que ele sinta que alguma coisa foi feita de verdade por ele.

São megaprojetos, que nós não consideramos que vão custar dinheiro, mas vão ser investimento. Estamos pensando o mesmo para Belo Horizonte, o mesmo para São Paulo, e vamos assinar um protocolo, governo do estado, prefeitos e presidente da República, para que todos estejam comprometidos a gastar cada centavo nesses grandes problemas que temos na região metropolitana. Depois vamos para o Nordeste, vamos para o Norte do País, para que a gente possa fazer a mais forte participação do governo nesses setores que eu acho que são problemáticos. E aí entra a questão, outra vez, da educação. Eu estou convencido de que o PDE pode ser uma alavanca extraordinária para que a gente, num médio espaço de tempo, possa ajudar a melhorar a vida da juventude brasileira, sobretudo, se combinar educação com formação profissional, que eu acho que é o que está faltando.

Eu me lembro que, quando nós discutimos o programa Computador para Todos, foi praticamente um ano de discussão para a gente fazer com que o computador tivesse uma prestação que coubesse no bolso das pessoas mais pobres deste País, porque até então o computador era apenas uma coisa de uma parte pequena da sociedade. Hoje, nós estamos vendendo computador para todos a menos de 50 reais a prestação, numa demonstração de que estamos chegando próximo daquilo que é a vontade do governo, eu diria, a



expectativa das pessoas mais pobres de ter acesso a um computador, que vai lhes permitir acesso ao conhecimento, que vai lhes permitir até ter possibilidade de melhorar os seus estudos e, também, estudar ou trabalhar dentro da sua própria casa.

Por isso, Humberto, eu quero reconhecer, de público, o trabalho que vocês fizeram nesses dois anos. Quero dizer, Elen, que você não terá moleza na Presidência do Conselho, porque eu acho que o Conselho não tem que ter inibição de apresentar as coisas que tem que apresentar. Isso só vai dar certo se a gente estabelecer uma política de cumplicidade e de seriedade entre nós, ou seja, não ter medo de dizer que as coisas estão erradas e que precisam ser feitas corretamente, e também não ter vergonha de reconhecer quando as coisas estão acontecendo. É isso que vai passar sinais para os jovens que não participam do Conselho, para os jovens que não estão participando da Secretaria Nacional da Juventude e, quem sabe, a gente consiga repetir, nos estados e nas prefeituras, secretarias da juventude estaduais, conselhos estaduais, secretarias da juventude municipais e conselhos municipais, porque aí, sim, nós iríamos consolidar uma ramificação tão forte na política nacional, que eu acho muito difícil qualquer político eleito daqui para frente tentar mexer nessas coisas.

Meus parabéns a vocês, boa sorte, e espero que vocês contribuam para que a gente possa fazer mais e melhor para a juventude neste nosso segundo mandato.

Um grande abraço.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Centro Operacional e Administrativo dos
Correios e Telégrafos**

São José-SC, 08 de maio de 2007

Primeiro, cumprimentar o nosso governador Luiz Henrique da Silveira,
governador do estado de Santa Catarina,

Cumprimentar a nossa querida ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe
da Casa Civil,

O ministro Hélio Costa, das Comunicações,

O nosso companheiro Walfrido dos Mares Guia, da Secretaria de
Relações Institucionais,

O nosso companheiro Silas Rondeau, de Minas e Energia,

O nosso companheiro Altemir Gregolin, da Secretaria Especial de
Aqüicultura e Pesca,

Cumprimentar a senadora Ideli Salvatti, o senador Neuto De Conto,

Cumprimentar os deputados federais,

Deputados estaduais,

Secretários estaduais, municipais,

O prefeito Fernando Elias,

Cumprimentar o Carlos Henrique de Almeida Custódio, presidente dos
Correios,

Cumprimentar o Luiz Felipe Dias, diretor-regional dos Correios de Santa
Catarina,

Cumprimentar o Sandro Alberto, empregado padrão dos Correios de
Santa Catarina,

O Gerson Kelman, diretor-geral da Aneel,

O nosso querido Eurídes Mescolotto, presidente do Besc,



Eu estou rindo porque eu estava sentado ali e eu falei: é o único cidadão que não é banqueiro e que se parece com um banqueiro, uma postura.

Quero cumprimentar os funcionários dos Correios, toda a Direção dos Correios, e dizer para vocês que mais uma vez eu venho a Santa Catarina e não posso cumprir toda a minha agenda. Não foram poucas as vezes que eu vim a Santa Catarina e, estando numa cidade, não podia me deslocar para outra, embora o pessoal que estivesse me esperando não acreditasse que o tempo estava ruim, que o avião não poderia subir.

Nós íamos, agora, à inauguração da Usina Hidrelétrica de Campos Novos, e lamentavelmente não vamos poder ir por causa do tempo, não tem teto nem para baixar nem para subir. Íamos também à Foz do Chapecó, nós iríamos lá visitar as obras da hidrelétrica, e também não foi possível porque o horário não batia, eu ia chegar lá de noite e só tem sentido visitar obra se for de dia. Portanto, significa, meu caro Luiz Henrique, meus caros deputados e senadores, que eu vou ter que vir mais uma vez a Santa Catarina para inaugurar a obra que tinha que inaugurar hoje.

Segundo, dizer para vocês que acabou o tempo em que a gente lia nos jornais manchetes de que as empresas públicas brasileiras eram deficitárias e que, portanto, era necessário que o governo abrisse mão dessas empresas para que o Estado brasileiro pudesse ficar mais enxuto e, conseqüentemente, o Estado brasileiro não tivesse problemas administrativos.

Eu me lembro, e certamente os políticos também se lembram, os deputados, em quantas manchetes de jornal – coisa de oito ou nove anos atrás – a gente via que o Banco do Brasil tinha tido déficit. Era quase toda semana uma manchete dizendo que o Banco do Brasil tinha déficit e que era preciso privatizar, era preciso enxugar a máquina, era preciso mandar gente embora. E o que aconteceu com o Banco do Brasil, que também é uma instituição centenária no Brasil? Hoje, é um dos bancos mais modernos deste País, é um dos bancos mais lucrativos deste País e, ao mesmo tempo, é um dos bancos



que tem a maior quantidade de funcionários trabalhando, sem que isso atrapalhe um milímetro a política econômica do governo.

A Caixa Econômica Federal era outra instituição sobre a qual também vivíamos lendo manchetes nos jornais que a Caixa Econômica tinha se exaurido, que era preciso acabar com a Caixa Econômica, que estava falida. O que acontece hoje com a Caixa Econômica? É um banco motivo de orgulho para o nosso País, é um banco motivo de orgulho para o Brasil. Sem mandar funcionário embora, fazendo a contabilidade correta, investindo corretamente, abrindo milhões e milhões de contas bancárias para as pessoas que antes não podiam nem passar na porta de um banco que o guarda do banco já mandava chamar a polícia, porque era proibido pobre entrar em banco ou passar na porta de banco.

Eu estou lembrado que, há algum tempo, milhares de companheiros dos Correios foram mandados embora. Diziam que os Correios eram uma empresa deficitária, que era preciso acabar com os Correios, privatizar os Correios. O que aconteceu de fato? Os Correios não foram privatizados, os Correios estão, isto sim, sendo bem-administrados e modernizados, e a gente pôde inaugurar um centro como este na cidade de Goiânia. Estamos inaugurando este agora e vamos inaugurar um outro em São Paulo, possivelmente esta semana ainda ou na semana que vem e, quem sabe, inaugurar outros pelo Brasil, porque os Correios hoje são uma empresa lucrativa, que precisa, obviamente, se modernizar muito mais.

O que nós vimos aqui hoje – essas máquinas de selecionar cartas, mais rápidas do que as máquinas de selecionar dinheiro, e nós já temos 17 delas no Brasil – demonstra que nós temos tudo para nos transformar não apenas na segunda empresa ou na segunda instituição em confiança no Brasil, mas a gente pode se transformar numa das empresas de Correios mais modernas do mundo. Afinal de contas, receber uma carta é uma coisa quase sagrada para uma pessoa. Então, Hélio, meus parabéns. Meus parabéns ao Presidente dos



Correios, meus parabéns funcionários, porque quem sabe daqui saiam exemplos para que a gente possa continuar modernizando os nossos Correios.

E tem também a questão dos funcionários dos Correios. Vocês viram que, pelo discurso do Presidente dos Correios, vocês não podem sequer se queixar comigo de salário, eu sei que é pouco, mas isso não ocorreu apenas com os Correios, ocorreu em quase todos os setores da administração pública federal. Ou houve aumento real acima da inflação ou nós fizemos um reajuste nas carreiras das pessoas, que estavam muito defasadas, porque também é preciso acabar com essa mania de que funcionário bom é funcionário mal-remunerado. Acho que durante muito tempo se criou essa idéia, no Brasil, de que as pessoas têm que ganhar mal para ser servidor público. E o que acontecia conosco e acontece ainda hoje no Brasil? Os assalariados das carreiras mais qualificadas no Brasil, em alguns casos, ganham tão mal que a gente faz concurso e, antes de chamar, 30% ou 40% das pessoas já foram para outro lugar porque descobriram que o salário era muito baixo. E quem acha isso maravilhoso são as empresas privadas, que pegam trabalhadores excepcionalmente bem-preparados, para quem o governo pagaria 5 ou 6 mil reais, para ganhar 20 ou 30 mil reais. Por isso, eu acho que nós vamos continuar numa política de recuperação do salário dos servidores brasileiros, porque eles precisam ganhar de acordo com a importância da função que exercem.

Não adianta a gente falar que a função do carteiro é nobre, que ele atende todo mundo, que os cachorros saem para mordê-lo, que ele sai correndo, às vezes, quando vai entregar uma carta de uma mulher que está se separando do marido ou do namorado, sai a toque de caixa, que é um empregado maravilhoso, e que precisa ser feita uma estátua para ele. Tudo isso é importante. Agora, o mais importante é, em troca do serviço que vocês prestam, vocês ganharem o suficiente para cuidar da família de vocês. Essa, na verdade, é a estátua que precisam os servidores dos Correios. Agora,



também vocês têm que ter consciência de que não podem pedir muito, porque senão os Correios quebram e aí não vão poder pagar nem o que pagam hoje.

Mas de uma coisa vocês estejam certos: nós temos mais 4 anos de mandato e esses 4 anos são para que a gente possa fazer melhor aquilo que fizemos bem no primeiro mandato e fazer correção das coisas que nós não conseguimos fazer no primeiro mandato.

E por falar nisso, eu queria dizer para vocês que ontem a nossa ministra Dilma, com o ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, e o ministro Guido Mantega, fizeram a apresentação da prestação de contas do PAC, que foi lançado no dia 22 de janeiro. Era justo que a gente fizesse uma apresentação. Dia 22 de fevereiro, um mês; 22 de março, dois meses; 22 de abril, três meses; ou seja, nós fizemos uma prestação de contas do que aconteceu com o PAC até dia 30 de abril. Então, eu queria, primeiro, começar agradecendo a extraordinária qualidade do trabalho feito pelos ministros que participam do Conselho Gestor do PAC, Dilma Rousseff, Paulo Bernardo e Guido Mantega, dizendo para vocês, sem medo de errar ou de estar cometendo injustiça, que eu duvido que em algum momento da administração deste País houve tamanha seriedade no controle da gestão de políticas públicas, duvido. Se alguém achar que teve, eu estou disposto a me sentar a uma mesa e procurar as atas, as reuniões, as matérias de jornais para saber se alguma coisa está sendo controlada com tanta precisão.

A partir de agora, a cada quatro meses, a sociedade brasileira vai receber informações do que está acontecendo no PAC, porque o PAC não é do governo, o PAC é uma expectativa da sociedade brasileira e nós queremos que a sociedade, o Congresso, as entidades organizadas da sociedade... o material que nós produzimos ontem cada entidade sindical vai receber, cada comunidade vai receber, cada deputado vai receber, cada senador vai receber, cada ONG vai receber, porque nós queremos que haja uma boa cumplicidade da sociedade com a execução do PAC. Inclusive, eu falei para a Dilma: não



basta dar entrevista, é preciso mandar o material do PAC para os editores dos jornais, para os donos dos jornais, para os editores de televisão, para os donos de televisão e para quem mais quiser. Eu só não vou entregar para o Papa agora, porque o Papa não tem obrigação de saber o que é o PAC.

E aí é importante, já que eu estou em Santa Catarina, dizer para vocês o seguinte: de 786 ações, o PAC tem previstas 48 ações para Santa Catarina. Dentre essas ações, algumas importantes: 16 são relativas à geração de energia elétrica, 7 são relativas à transmissão de energia elétrica, 6 são relativas a rodovias, 5 são relativas a petróleo e gás natural, 5 são relativas à geração de energia elétrica e as demais são relativas a portos, ferrovias, aeroportos, hidrovias, Luz para Todos e recursos hídricos.

De acordo com o relatório que a Dilma apresentou, 25% das 48, ou seja, 52% das obras estão em andamento adequado, 18% merecem uma atenção do governo, e 5% estão preocupantes. Aqui é um outro dado extraordinário. Nós fizemos, na apresentação do PAC, uma espécie de semáforo, o que está verde é que você pode passar, o que está amarelo é que você tem que prestar atenção e o que está vermelho é preocupante. Você precisa tomar cuidado, porque senão você vai ser atropelado. Qual não é minha surpresa, quando eu vejo algumas matérias de jornais hoje, e elas misturam cebola com alho, dizendo que é a mesma coisa, e tentam passar a idéia de que metade do PAC está preocupante.

Olhem, eu vou dizer para vocês uma coisa: as 48 ações aqui em Santa Catarina representam, Governador, 10 bilhões de reais a serem investidos nestes quatro anos em infra-estrutura neste estado. Além da sua ida a Brasília, que a Dilma vai convidar, já convidou quatro ou cinco governadores, vai convidar outros governadores e prefeitos, das obras que nós estamos propondo para urbanização de favelas e saneamento básico, nós temos a proposta das coisas importantes, queremos partilhá-las com os governadores de estado e com os prefeitos, e assinar um protocolo entre o governador,



presidente da República e prefeito para que aquelas obras sejam prioridade neste País. Ora, por que eu estou dizendo essas coisas? É porque, como eu dizia no mandato passado: julguem-me no final do meu mandato, não me julguem em um mês, em três meses ou em quatro meses.

E o PAC, quem está dizendo para vocês é o presidente da República, obviamente que eu sou agradecido de coração à primeira etapa no Congresso Nacional, porque a Câmara foi precisa e votou todas as medidas do PAC que nós mandamos até agora. Isso é uma resposta a quem vive insinuando que a Câmara atrapalha, e eu não tenho dúvida nenhuma, Ideli e Senador, de que o Senado Federal vai ter o mesmo comportamento. Vai ter discurso? Vai. Alguém vai ser contra alguma coisa? Vai. Mas na hora da responsabilidade, eu não tenho dúvida nenhuma de que o Senado fará como fez a Câmara e votará as medidas do PAC, até porque não temos tempo a perder, porque já estão no Congresso Nacional as medidas do PDE, que são as medidas do Programa de Desenvolvimento da Educação. Quando terminar de votar as medidas do desenvolvimento da educação, vai ter medidas de integração de políticas sociais; quando terminar, vai ter política de segurança pública. E, assim, uma sucessiva quantidade de medidas que estamos mandando para o Congresso Nacional para ver se tornamos a administração pública no Brasil mais ágil, mais eficaz, e para que a gente evite – para isso criamos o Conselho Gestor – que uma decisão de governo fique parada, às vezes, na mão de uma pessoa de quarto escalão, de quinto escalão, não por maldade, por cumprimento de regras que foram estabelecidas ao longo da República, e que nós temos que mudar. Por isso mandamos para o Congresso Nacional algumas mudanças importantes.

O PAC será cumprido integralmente e, para surpresa de alguns, será cumprido quase na sua totalidade. Obviamente que depende de chuva, depende de algumas coisas, mas eu não tenho dúvida nenhuma de que, ao terminar o nosso mandato, as pessoas que começaram a dizer “o PAC não



existe, o PAC não funciona”, vão ter que se curvar como se curvaram no ano passado quando pensavam que eu tinha acabado para a política brasileira e tiveram que saber que o povo é mais inteligente do que a gente imagina neste País.

Eu tenho chamado a atenção das pessoas para uma coisa que, de vez em quando, eu vejo acontecer no Brasil. Muitas vezes nós trabalhamos com pessimismo, muitas vezes a impressão que se passa é que nós estamos torcendo para as coisas não darem certo para a gente ter razão do discurso que a gente fez. Quando eu falo isso, eu faço minha máxima culpa. Eu lembro quando o presidente Sarney propôs a construção da Ferrovia Norte/Sul. Já em 1987, a visão do presidente Sarney era de um estadista que conhecia melhor as necessidades do Centro-Oeste do que eu conhecia. E quando ele propôs a Ferrovia Norte/Sul, eu me lembro da quantidade de discursos que fiz contra o presidente Sarney. Sabe quem fazia discurso, Luiz Henrique, contra o presidente Sarney? Néelson Jobim, o ex-governador do Rio Grande do Sul, o Britto. A gente desfilava discurso contra a Ferrovia Norte/Sul: ela vai ligar o nada ao nada, ela vai ligar não sei o que lá. Uma conclusão: se ela estivesse pronta hoje, a gente estaria atendendo uma das regiões mais produtivas deste País, estaríamos transportando nossos produtos agrícolas e barateando o custo dos produtos. Estaríamos aumentando, inclusive, a nossa capacidade de exportação. Pois bem, vejam, eu que fui contra, já fiz mais quilômetros da Ferrovia Norte/Sul do que todos os governos a partir de 1987. E nós vamos fazer mais, porque estamos fazendo um contrato de mais 350 quilômetros da Ferrovia Norte/Sul para que a gente possa concluí-la o mais rapidamente possível.

Então, essas obras do PAC serão apresentadas a mim a cada 15 dias. A Dilma, o Guido e o Paulo Bernardo, mais os ministros que têm os projetos específicos, não escaparão de mim. Uma vez por mês estarão na minha mesa prestando contas de cada coisa, onde está a dificuldade, para que a gente



possa ir resolvendo quase que em tempo real as dificuldades. E, a partir de agora, vou começar a andar pelo Brasil para dar início às obras, para fiscalizar obras, para dar ordem de serviço, porque agora é o PAC que está na agenda do presidente da República. E vou cumpri-la à risca.

Nós tomamos cuidado na política de saneamento básico e urbanização de favelas, governador, para evitar algumas coisas que muitas vezes acontecem. Nós temos eleições no ano que vem. Então, é preciso que a gente tome cuidado porque senão você dá o dinheiro apenas na parceria e, muitas vezes, as pessoas, em vez de fazer uma obra que possa resolver um problema grande, ficam tentando fazer quatro ou cinco obrinhas pequenas para atender a totalidade da cidade. O que estamos fazendo? Nós estamos fazendo com que o governador e o presidente da República assumam juntos o compromisso de ser coordenadores daquelas obras, para que os municípios possam cumprir exatamente aquilo que foi determinado. Nós estamos dando prioridade às palafitas. O processo de palafitas é a maior degradação de moradia do ser humano. Depois, nós estamos dando preferência ao processo de urbanização de favelas já que, na hora em que a gente urbanizar a favela, colocar rua, luz elétrica, levar para dentro da favela a escola, a área de lazer, o posto de atendimento médico, as pessoas vão ver que o Estado está lá dentro e tem importância, e as pessoas passarão a respeitar muito mais o Estado.

É muito o que estamos gastando? Não. No PAC todo são 504 bilhões de reais. Só em saneamento básico são 40 bilhões de reais. Se vocês quiserem pegar os orçamentos dos últimos 30 anos, vocês vão perceber que nunca se investiu tanto em saneamento básico. Qual era o problema que nós tínhamos? O problema que nós tínhamos é que, muitas vezes, o governo não disponibilizava recursos, fazia acordo com as empresas estaduais, anunciava a liberação de dinheiro para as empresas estaduais e, depois, quando a gente ia ver, o que acontecia? Os municípios não tinham projeto executivo. Não tendo projeto executivo, a obra não acontecia. Outras vezes, o município entrava



numa fila que nós denominamos de “fila burra” do Tesouro Nacional, uma fila inventada há uns oito anos para evitar que os prefeitos pegassem dinheiro. Então, pegavam dez prefeitos que não tinham direito de pegar o dinheiro, colocavam na fila e colocavam um prefeito que tinha direito atrás, ou seja, aquele que tinha direito não podia pegar enquanto os outros não saíssem da fila. Como os outros não tinham direito, nunca saíam da fila, e o que tinha direito nunca pegava o dinheiro. Então, nós acabamos com essa coisa chamada de “fila burra”, para tirar da fila quem não tem direito e colocar apenas aqueles que têm projetos, porque aí vai sair o dinheiro que nós disponibilizamos.

Isso tudo, meus companheiros, é um pouco do que pode acontecer no nosso País. Eu digo sempre o seguinte: o Brasil precisa – não o presidente da República – o Brasil precisa prestar muita atenção no momento que está vivendo. Nós vamos perceber que não há momento na história da República em que a gente esteja vivendo um conjunto de combinações tão importante para o Brasil, seja do ponto de vista da política externa, seja do ponto de vista da política interna, seja do ponto de vista da macroeconomia, das exportações, das importações, do mercado interno, da recuperação de salário.

Eu digo sempre, meus queridos companheiros dos Correios, que eu fui um bom dirigente sindical neste País, eu fiz quase que as principais greves deste País, em muitas das greves que fiz, eu voltei a trabalhar sem conquistar sequer a reposição inflacionária. Greve de 40 dias, a gente perde o dia, perde o domingo, perde as férias e perde o Fundo de Garantia. Não é greve em que a gente fica 20 dias e depois recebe. Na iniciativa privada, a gente entrou um dia, já perde o domingo; 30 dias, já perde as férias. Então, quando a gente decidia a greve, era uma decisão delicada. E várias vezes eu voltei a trabalhar sem receber sequer a inflação. Hoje, neste País, 90% dos acordos feitos são, no mínimo, a inflação, e 86% acima da inflação. É por isso que aparece um aumento do consumo no Brasil. Por quê? Porque começa a ter um pouco mais



de dinheiro no bolso das pessoas que trabalham neste País. E isso pode continuar. Eu tenho olhado todas as possibilidades e, certamente, só tende a melhorar este ano, melhorar o ano que vem, para que a pessoa que entre na Previdência, a partir de mim, pegue o País altamente preparado para ser melhor, para crescer mais, para fazer muito mais. É esse país que vocês, aqui nos Correios, estão dando exemplo de que é possível construir.

A minha preocupação, quando vi aquela máquina moderna, era se tinham mandado gente embora. Me disseram que não, pelo contrário, tem tanta carta sendo colocada em dia, na hora, ou seja, pacotinhos feitos de cada cidade, que vão ter que contratar mais carteiros para entregar as cartas com a precisão que a máquina contabiliza.

E, por último, meu caro Luiz Henrique, meu caro Mescolotto, nós já decidimos que não vamos privatizar o BESC, nós vamos fazer uma coisa que eu acho mais importante. O Banco do Brasil vai comprar o BESC, ele vai fazer parte da rede do Banco do Brasil e vai ficar com o nome de BESC mesmo, porque não precisa mudar. Poderá ser uma extensão do Banco do Brasil e ficar com as agências, porque nós também queremos provar que a existência de bancos públicos estaduais bem administrados, é um benefício. O que aconteceu no Brasil? Em vários estados os bancos não foram bem administrados, aliás, em vários estados era pelos bancos estaduais que se financiava a campanha eleitoral, era por onde se criava centenas de empregos, pessoas que só colocavam o paletó e nunca compareciam lá. E nós queremos provar que os bancos estaduais bem administrados, bem gerenciados e com seriedade, são um extraordinário ponto para o desenvolvimento de qualquer estado brasileiro.

Por isso, meus companheiros de Santa Catarina, eu quero dizer para vocês o seguinte: as coisas estão engatilhadas, as coisas estão andando, eu diria, melhor do que muita gente podia imaginar. A única coisa que eu quero nesses quatro anos é preparar este País, cuidar da gente mais pobre deste



País, para ver se quando a gente tiver os indicadores sociais de 2010, a gente consiga dar um salto de qualidade, fazer com que a sociedade tenha mais organização, que esteja mais organizada, mais preparada, para que possa resistir a qualquer truculência que alguém queira fazer com a sociedade brasileira.

No mais, parabéns aos companheiros dos Correios e parabéns aos Correios.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/rel070507.doc>

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de chegada ao Brasil de Sua Santidade, o Papa Bento XVI

São Paulo-SP, 09 de maio de 2007

Sua Santidade, Papa Bento XVI,

Senhores integrantes da comitiva que acompanha Sua Santidade em visita ao Brasil,

Autoridades brasileiras presentes a esta cerimônia,

Jornalistas,

Meus senhores e minhas senhoras,

É com imensa alegria que em meu nome e de todo o povo brasileiro dou as boas-vindas a Vossa Santidade. Sinto-me duplamente honrado, como cristão e como presidente da República, pelo privilégio de saudá-lo nesta sua primeira visita pastoral ao Brasil, que, esperamos, seja seguida por outras, no fecundo pontificado que todos lhe auguramos.

Nosso País o recebe de braços abertos, Santo Padre, porque muito espera de sua liderança espiritual e moral, imprescindível para que a humanidade enfrente e supere seus enormes desafios no alvorecer deste novo milênio.

Além de agradecer-lhe de coração a visita, agradeço-lhe também a escolha do Brasil e da querida cidade de Aparecida como sede da 5ª Conferência Episcopal da América Latina e Caribe, que reunirá, entre nós, eminentes bispos da Igreja Católica de toda a região.

Santidade,

A presença da Igreja Católica tem sido fundamental na vida brasileira, contribuindo sempre, e cada vez mais, para a elevação espiritual, moral e social do nosso povo.

O Estado brasileiro e a Igreja Católica têm uma longa e profícua trajetória de respeito mútuo e de cooperação, que se traduz em inúmeras parcerias de ação social e de promoção humana, melhorando a vida de nossa gente e ampliando o seu horizonte de dignidade coletiva.

Nessa ocasião tão especial de júbilo, não posso deixar de mencionar também a nossa cooperação em âmbito internacional, ressaltando o apoio firme e entusiasmado do Vaticano à Ação Global contra a Fome e a Pobreza, iniciativa que tem empolgado, no mundo inteiro, líderes governamentais e representantes da sociedade civil, possibilitando avanços concretos e novas esperanças para os povos oprimidos e marginalizados.

Todos os povos do Planeta, seja qual for a sua confissão religiosa, sabem que a palavra do Sumo Pontífice Bento XVI será sempre em defesa da paz, da concórdia e da solidariedade. Sabem que ela estará sempre a serviço da vida e da dignidade essencial da pessoa humana. Que ela estará sempre ao lado dos deserdados do mundo, nossos irmãos mais frágeis e vulneráveis.

Santidade,

A Igreja Católica é portadora de valores que permeiam profundamente a sociedade brasileira, uma sociedade que sempre teve como núcleo básico e referência primordial a família.

Esteja seguro, Santo Padre, de que compartilhamos a justa preocupação de resgatar e fortalecer a vida familiar, como premissa da autêntica vida comunitária e social. Nosso empenho será cada vez maior e mais vigoroso para combater e superar as causas da sua desagregação.

Tenho dito e repito que o avanço da sociedade brasileira no rumo da justiça e da fraternidade passa necessariamente pela revitalização dos laços familiares, do papel ético e educativo da família.

Atenção muito especial temos dado à nossa juventude, principalmente às suas parcelas mais pobres e sofridas, e vamos ampliá-la cada vez mais. Sabemos que não há como afirmar os valores perenes da pessoa humana, a exemplo do que faz Vossa Santidade de modo tão iluminado, sem oferecer aos nossos jovens um futuro digno, em todas as suas dimensões, materiais e espirituais.

Outra área fundamental que nos apaixona e mobiliza é a da educação. Estamos convencidos de que uma educação de qualidade e para todos é vital para a consolidação da democracia política, econômica e cultural em nosso País, gerando novas oportunidades para o conjunto da população.

Tenho certeza de que prioridades como essas, que marcam o nosso empenho pessoal à frente do governo brasileiro, são particularmente caras a

Vossa Santidade, e certamente contarão com a corajosa contribuição, sempre elevada e eficaz, da Igreja Católica.

Santidade,

Estou convicto de que represento os mais profundos e sinceros sentimentos do povo brasileiro ao lhe dirigir esta saudação plena de reconhecimento e de admiração, desejando-lhe a melhor estada possível entre nós e um pontificado de paz e completo êxito.

A sua visita ao Brasil é, para todos nós, uma bênção. Os brasileiros e brasileiras hoje lhe dizem a uma só voz: seja bem-vindo Papa Bento XVI.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do I Fórum Nacional de TVs Públicas

Hotel Nacional – Brasília-DF, 11 de maio de 2007

Companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,

Companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Companheiro Juca Ferreira, secretário-executivo do Ministério da Cultura,

Companheiro Orlando Senna, secretário nacional de Audiovisual,

Companheiro Jorge Cunha Lima, presidente da Abepec – você viu que estou chamando todo mundo, aqui, de companheiro, independentemente de ser do governo ou não,

Companheiro Mário Borgnet, da coordenação executiva do I Fórum Nacional de TVs Públicas,

Companheiros e companheiras do Fórum,

Companheiros da imprensa,

Vamos habituar a nos chamar de companheiros, para ver se a TV pública sai de verdade.

Eu fico sempre com dúvida se devo fazer o discurso que deveria fazer, ou se devo fazer outro. Porque neste momento, antes de ler o meu discurso, eu queria ter o poder de penetrar na cabeça de cada um de vocês por cinco segundos, só para ver que tipo de TV pública tem na cabeça de vocês. É verdade. Hoje, não sei por que, mas acordei muito cedo, lá pelas quatro da matina, liguei a televisão e tinha um documentário sobre o Real Madrid. E, no documentário, a grande incógnita, a pergunta do cidadão que fez o documentário era o que significava o Real Madrid na cabeça das pessoas. E ninguém sabia definir muito bem o que significava o Real Madrid, todo mundo só sabia que era uma coisa muito grande, maior do que eles tinham condições de definir.

E eu penso que, aqui, se nós pudéssemos fazer uma pergunta: o que

significa uma rede de TV pública ou uma rede de rádio pública para o Brasil, possivelmente cada um de nós não saberia definir corretamente o que é, porque todos temos na cabeça uma imaginação maior, quem sabe, do que nós mesmos teremos competência para fazer. Possivelmente, cada um tivesse um modelo na cabeça: “ah, mas o modelo italiano, o modelo francês, o modelo não sei o quê...” E eu acho que o que vocês conseguiram produzir, e não tenha nunca receio de falar, Jorginho, já que é a primeira vez, neste País, que se faz um Fórum dessa magnitude para discutir TV pública.

A TV que nós queremos é a junção de todas as coisas boas que tem na cabeça de vocês sobre a TV pública. Em algumas coisas, nós temos que ter clareza do que vai acontecer. Nós temos um processo a percorrer, via Congresso Nacional, que vai precisar do trabalho de todo mundo. Isso tem que ser votado no Congresso Nacional. Graças a Deus, nós conquistamos a democracia neste País e o presidente não pode criar por decreto, tem que ser ou projeto de lei ou medida provisória, e ainda vamos decidir qual a melhor medida para mandar, conversar com o Conselho Político. Esta semana, Franklin, nós temos um Conselho Político de todos os partidos da base do governo com os presidentes dos partidos. Se nós os convenceremos de qual é o modelo, se é medida provisória, se é projeto de lei, nós temos meio caminho andado. E depois, vamos trabalhar para convencer, com argumentos sóbrios e maduros, o Congresso Nacional como um todo. Essa é a primeira parte.

A segunda parte, que eu também acho extremamente importante, é a gente não ter nenhuma preocupação em fazer esse debate na sociedade. Eu confesso a vocês que se essa idéia tivesse ficado apenas no âmbito do governo, possivelmente nós teríamos tomado ou recebido críticas virulentas. Como nós fizemos uma partilha disso com a sociedade, e o resultado são todos vocês, eu penso que as pessoas começam a compreender que é necessário. Muito mais do que um governo que quer é a sociedade brasileira que necessita de uma rede pública de comunicação.

Eu não tenho por que me queixar, porque sou um político bem tratado pela imprensa. Vocês sabem que eu não tenho do que reclamar. Mas eu digo sempre o seguinte: eu, como cidadão brasileiro, sinto ausência de debates dos grandes temas importantes deste País. Hoje, em nenhum estado brasileiro, com exceção de um programa chamado Canal Livre, na Bandeirantes, aos

domingos à noite, e com exceção do Roda Viva, na Cultura, você não tem um programa de debate neste País. Não um debate chato, se o governo é bom ou ruim, mas um debate sobre a questão do aborto, que apareceu nesta semana com muita ênfase, por causa da visita do Papa. Esse é um assunto que pode ser debatido na sociedade brasileira, com a maturidade da sociedade brasileira. A questão da energia nuclear precisava ser debatida. Há quanto tempo a gente não vê um grande intelectual debatendo na televisão brasileira? Aliás, hoje, nem debate sobre economia tem mais, porque quando eles querem falar de economia, eles procuram uma pessoa de mercado, não procuram mais economista.

Eu já estou aqui aproveitando e dizendo o que eu penso de TV pública. No fundo, no fundo, é isso. Eu conheço algumas dezenas de grandes intelectuais brasileiros, gente da maior importância. A questão da célula-tronco. Onde é que a sociedade brasileira vai poder ver debates e mais debates para ir se definindo, para poder ir tomando consciência do significado disso? A questão do biodiesel é uma coisa que, na minha opinião... este mundo será outro daqui a 20 ou 25 anos. Onde ele será debatido na sua plenitude, com os contra, com os a favor, com aquele que diz que vai acabar o alimento e vai só ter cana? Onde é que isso vai ser debatido para que todo mundo tenha clareza?

Essa é uma coisa de que eu sinto falta como ser humano. Chegar em casa, ligar a televisão e não ver nada disso... E agora tem um monte de TV a cabo, para quem pode pagar uma quantia, e eu acho que a maioria dos filmes que eles colocam lá são filmes de que eles não gostam. É duro achar um filme bom. Mas quem perde o sono tem que ver. A única coisa que eu gosto mesmo é que eu posso ver o futebol europeu, porque o Brasil não é mais o país em que se pratica o melhor futebol do mundo. O Brasil pode produzir o melhor número de craques do mundo, que são vendidos para fora. Agora, onde eles se apresentam, não é mais no Brasil. Basta a gente ver a Liga dos Campeões, a UEFA, o campeonato inglês, espanhol e italiano, para ver os grandes craques brasileiros e craques do mundo jogando lá. Aí, tem uma importância razoável, mas isso poderia passar na TV e você não precisasse pagar para ver, que você visse de graça. Afinal de contas, esporte é cultura e o povo tem que ter acesso, porque é uma coisa extremamente importante.

Uma outra coisa de que eu sinto falta e quero dizer para vocês, é uma coisa que nós não soubemos utilizar, nem onde tivemos chance e nem no primeiro mandato... Vamos fazer um pacto entre nós? O primeiro mandato foi para a gente fazer o que fizemos mesmo. Hoje, a gente não tem que discutir estabilidade, não tem que discutir inflação, eu não tenho que ficar mais utilizando o Fernando Henrique Cardoso como comparação para nada. Eu agora tenho que partir daqui, ou seja, o carro já está na estrada, o motor está bom, o óleo diesel de primeira qualidade, biodiesel, estamos aí andando. Essa parte econômica a gente não tem mais que discutir, o Brasil já tem 130 bilhões de dólares de reservas, a gente tem superávit de 47 bilhões, essa coisa toda. Este segundo mandato é para a gente fazer o que não fez, é para a gente criar as coisas novas que podemos criar neste País. Eu estou pensando que a gente está criando, quem sabe, um PAC da cultura, Programa de Aceleração da Cultura. Ele pode começar com uma TV pública, pode começar com uma rádio pública.

Onde é que um jovem que não pode pagar um curso de inglês, um curso de espanhol ou mesmo um curso de português, onde ele pode aprender se não pode pagar, se não pode entrar numa universidade? Nós estamos criando a Universidade Aberta, queremos levar internet banda larga para todas as escolas deste País, para os municípios, conquistamos o direito de implantar a TV digital aqui, logo. Por isso, é importante a criação da TV pública imediatamente, para a gente pegar o início da TV digital. Quando eu imagino, Gil, uma TV pública, eu tenho conversado muito com o Franklin sobre isso, eu não estou preocupado com a audiência, se bem que precisa ter audiência. Pelo amor de Deus: não vão ficar pensando que para a TV não tem nem que ter um câmara auxiliar, um só, pois é tão barata que ela vai fixar a câmara ali. Parece aqueles programas que o PT fazia em 82. Não, nós temos que ter consciência de que não queremos competir fazendo novelas, nós queremos competir na qualidade e no profissionalismo. Nisso nós queremos competir. Fazer uma coisa que as pessoas sintam o prazer de ligar e ficar assistindo, porque se não for assim, daqui a pouco a gente está como muitas que a gente tem nos estados e que não funcionam.

Todo mundo também sabe que televisão precisa de dinheiro, isso não vem de graça, acho que vai ser uma cotização entre nós. Tem que ter dinheiro,

tem que ter publicidade, tem que ter programação de qualidade. Uma coisa que eu já aprendi a falar: tem que ter grade. Já aprendi, já estou sabendo das coisas.

Então, eu imagino Gil, que nós precisamos fazer isso com a maior competência possível. Ninguém precisa ficar com medo, precipitado: “ah, mas vai fundir A com B e vai mandar gente embora”. Não vai mandar. Ninguém está pensando em mandar ninguém embora. A gente está pensando em juntar um monte de gente que já tem emprego hoje para produzir uma coisa de qualidade. Quem sabe não tem até que contratar mais gente? Nós não sabemos, nós estamos começando. O dado concreto é que não pode continuar apenas do jeito que está, é preciso avançar. Eu acho que o País está maduro para isso, eu acho que a imprensa está madura para compreender a necessidade disso, eu acho que os artistas brasileiros estão maduros para compreender a necessidade disso.

Nós não queremos, porque eu não acredito em coisa “chapa branca”. A “chapa branca”, o mal dela é que se desmoraliza por si mesma. Não adianta você querer fazer uma coisa para falar bem do ministro da Cultura ou para falar bem do presidente da República, isso não dura três meses. Nós queremos alguma coisa que tenha a dimensão de respeitar o povo na sua plenitude, nas coisas boas e nas coisas ruins. Respeitar, sobretudo, o povo.

É assim, querido Gil, que eu penso que nós vamos caminhar, viu Franklin. Eu quero ouvir muita gente, quero chamar muita gente para conversar e, enquanto isso, a gente vai implantando, mas nós precisamos ter mais parceiros do que adversários. E a qualidade vai depender da nossa competência, vai depender da quantidade de recursos que a gente tiver e, volto a afirmar: ninguém pense que televisão custa barato. Custa caro. Eu não vou nem dar os números aqui de quanto custam as atuais redes de televisão no Brasil para não assustar vocês, mas televisão custa caro. O que vocês têm que acreditar é que o nosso empenho é para fazer o melhor que a gente tiver competência para fazer, sabendo os limites do nosso País e sabendo os limites da qualidade que queremos imprimir a uma TV pública.

Eu quero terminar sem ler o meu discurso, Gil. Depois, eu posso até deixar para vocês arquivarem. Eu quero dizer o seguinte: estou convencido de que, se dependesse só da vontade do governo, a gente não tinha chegado

onde nós chegamos. A gente vem pensando nisso há algum tempo, vem discutindo há algum tempo, eu acho que, já no começo do governo, nós tentamos fazer uma coisa, tentamos abrir um convênio com a TV Internacional Portuguesa para ver se a gente ocupava um espaço para mostrar as coisas do Brasil no exterior. Às vezes eu chego em um país e fico vendo as TVs que existem, elas são pouco criativas, não dizem muita coisa. Mesmo alguma televisão brasileira que chega no exterior, a programação às vezes é do passado, é coisa antiga. Na América do Sul, nós temos que ter uma participação maior na integração dessa coisa, ou seja, sem fazer algo que seja instrumento deste ou daquele pensamento ideológico, deste ou daquele partido político, desta ou daquela religião. Eu já disse para o Papa ontem: o Brasil é um país laico. E a nossa televisão será laica. Ela respeitará tudo e todos.

Então, companheiros – estou vendo aqui se tem alguma coisa que eu ainda não falei –, eu estou satisfeito, estou alegre, estou feliz, porque eu acho que nós temos conversado – o Eugênio Bucci, nosso companheiro Franklin, o Gilberto Gil, Dilma Rousseff, Hélio Costa, o André Singer – muito sobre isso. Mas é aquela coisa, você vai conversando e não vai conversando. Mais recentemente é que vocês organizaram este Fórum e a coisa pegou no breu. Quando eu convidei o Franklin para ser ministro, uma das coisas que eu disse a ele foi o seguinte: nós vamos fazer a TV pública, vamos fazer sem trololó. Vamos fazer, porque é preciso fazer. Hoje, eu sou um homem convencido de que nós temos que fazer. Do Oiapoque ao Chuí, eu quero que as pessoas vejam uma TV fiel aos princípios da democracia, respeitando todo mundo, mas dizendo o que tem que ser dito e fazendo as coisas que, muitas vezes, não são feitas neste País.

Então, companheiros, se ninguém tinha falado, eu falei. Na verdade, se isso tivesse sido feito há 10, 15 anos, a gente poderia estar com uma coisa muito evoluída. Mas há sempre o primeiro passo. Vamos fingir que nós estamos começando a construir a Muralha da China. Demorou? Demorou, mas ela está pronta hoje. Então, nós já temos alguns passos dados nisso, não estamos começando do zero. Nós já temos vocês, que são profissionais altamente qualificados, e outros que, certamente, não estão aqui e que irão querer contribuir conosco. Então, a chance é esta. Deus me deu o segundo mandato para fazer coisas novas, e uma delas é a TV pública brasileira.

Parabéns a vocês e muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de expansão da fábrica de equipamentos para energia da empresa Siemens

Jundiaí-SP, 14 de maio de 2007

Eu quero cumprimentar o nosso vice-governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,

Cumprimentar o nosso presidente da Câmara dos Deputados, deputado Arlindo Chinaglia,

Quero cumprimentar os ministros que estão aqui representando o meu governo,

Quero cumprimentar o embaixador da Alemanha,

Quero cumprimentar os diretores da Siemens,

Quero cumprimentar o prefeito de Jundiaí,

Quero cumprimentar, em especial, o Adilson Primo, presidente da Siemens do Mercosul,

E o Uriel Sharef, presidente da Siemens para as Américas,

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes. Tenho a informação de que estão aqui o Gilmar Tato, Júlio Semeghini e o Vicentinho,

Cumprimentar os prefeitos da região,

Cumprimentar o Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo,

Cumprimentar o nosso querido Paulo Godoy, presidente da ABDIB,

Cumprimentar os funcionários e as funcionárias da Siemens,

Cumprimentar a imprensa brasileira,

Bem, eu não vou falar de todas as qualidades da Siemens, porque dois diretores da Siemens já falaram tudo o que a Siemens faz no Brasil, tudo o que ela produz e tudo o que ela representa. Portanto, tudo que eu falasse aqui seria redundância.

Mas nós estamos aqui inaugurando uma parte da Siemens que cuida especificamente do setor elétrico brasileiro. E é exatamente essa parte que

demonstra o grau de confiança da Siemens no Brasil e a confiança da Siemens no Programa de Aceleração do Crescimento.

Eu queria que os funcionários da Siemens, os trabalhadores da Siemens e os diretores da Siemens prestassem atenção num número. Quando eu digo prestar atenção é porque, como os nossos especialistas de som não colocaram um retorno aqui, eu sei que a mesa está tendo dificuldade para ouvir o que se fala aqui. Vocês da frente podem ouvir bem mas, aqui atrás, a gente não ouve tão bem os discursos que as pessoas fazem. Eu queria dar um exemplo para vocês do que está acontecendo no Brasil que, possivelmente, muitos de vocês não sabem.

Em 2004, deputado Arlindo Chinaglia, nós começamos no Brasil um programa chamado Luz para Todos. Esse Programa tinha como objetivo levar energia elétrica gratuita – oferecida pelo governo em parceria com os governos dos estados – para 12 milhões de famílias que não tinham luz elétrica nas suas casas. Na verdade, os números que nós trabalhamos eram dados de pesquisa do IBGE, hoje já estão defasados porque já cumprimos a meta dos dois primeiros anos, e os governadores estão pedindo mais implantação do Luz para Todos, pois em cada casa em que se implanta, aparece outra reivindicando esse direito. Isso significa que você tinha um exército de mulheres e homens neste País, que moram no interior de estados como São Paulo, do Norte ou do Nordeste brasileiro, que ainda não tinham recebido o benefício da energia elétrica. Pois bem, eu vou dar uns números para vocês perceberem o gigantismo de um programa que parece pequeno. Até agora, já cumprimos metade do que tínhamos proposto fazer e, até o final de 2008, queremos atingir a totalidade das famílias que não tinham energia elétrica no Brasil. Até agora, já foram instalados 2 milhões e 470 mil postes. Para vocês terem dimensão do que significa isso, é cinco vezes o número de postes da cidade de São Paulo.

São 470 mil quilômetros de cabos, ou seja, 470 mil quilômetros de fios utilizados até agora, o que significa 12 voltas ao redor do planeta Terra. Já foram instalados 380 mil transformadores e, certamente, a Siemens produziu parte desses transformadores. Oito estados ultrapassaram a meta inicial de universalização da energia elétrica: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul e

Paraná. E nós já ultrapassamos 750 mil domicílios, que era a meta inicial.

Em 65% das famílias a energia elétrica melhorou as condições de trabalho, de saúde e de estudo. Por conta da energia elétrica, das famílias que receberam o Luz para Todos, 357 mil adquiriram geladeiras, 440 mil adquiriram televisores; em 230 mil famílias, pelo menos uma pessoa deixou de sair do campo para a cidade. Aliás, um tempo desses atrás, a imprensa fez uma matéria que mostrava o contrário do que acontecia há 20 ou 30 anos. Eram trabalhadores urbanos de São Paulo voltando para o campo porque tinha chegado energia na sua terra – diferentemente do que a gente via no êxodo rural, com milhares de pessoas deixando o campo e indo para a cidade porque não tinham condições de trabalhar.

Até agora, mais de 5 milhões e meio de pessoas já foram atendidas com o programa Luz para Todos. E no PAC nós estamos assegurando, meu caro Primo, preste atenção, 8 bilhões e 700 milhões de reais para dar continuidade ao programa Luz para Todos. Isso significa que vocês vão produzir muito mais transformadores. Ao mesmo tempo, esse é um dado importante, a ligação média custa 5 mil reais. Esse é o tipo de ligação que, possivelmente, se o Estado não entrasse, não haveria interesse econômico de uma empresa particular fazer essa ligação, porque como diria um economista – assessor de qualquer um de nós aqui – economicamente não é rentável você ter que colocar 10 postes para levar luz elétrica à casa de uma pessoa. É melhor você fazer numa cidade que tem muita gente próxima uma da outra, aí fica barato, em um poste só você atende dezenas de pessoas. Pois bem, nós asseguramos 8 bilhões e 700 milhões, o custo médio de 5 mil reais e nós ainda damos três bicos de luz e três pontos de ligação, para a pessoa não ficar sem energia depois que a gente liga.

O Ministério da Educação e o Ministério de Minas Energia foram orientados para, no biênio 2007/2008, levar luz... Pasmem, vice-governador, presidente da Câmara, no Brasil nós ainda temos 18 mil escolas públicas sem energia elétrica. São escolas pequenas no interior do País afora, às vezes com salas de aula que têm 10 alunos, 5 alunos, 20 alunos. Não importa, são brasileiros e têm o direito de ter a mesma energia que nós estamos tendo, aqui, na inauguração deste prédio da Siemens. Porque, sem luz elétrica, eles não terão as mesmas oportunidades que têm outros brasileiros. Por isso, nós

determinamos no governo que essas 18 mil escolas sejam atendidas até o final de 2008. Portanto, a Siemens vai produzir mais transformadores e, possivelmente, vai gerar mais empregos. E gerando mais empregos, quem sabe vocês vão poder pedir até um pouco mais de aumento de salário, porque é essa a lógica de todos nós neste mundo de guerra. Vocês pensam que os trabalhadores não gostam de aumento de salário? Gostam. E vocês da imprensa também gostam. Se os donos dos jornais resolverem agraciá-los, já que a inflação está baixa, seria uma boa medida.

Mas eu queria dar outros números para vocês. Certamente, a direção da Siemens já pegou o material do PAC para estudar. Certamente, o Paulo Skaf e o Paulo Godoy estão com suas equipes debruçadas em cima do PAC. E certamente, também, outros companheiros espalhados pelo Brasil afora estão fiscalizando o PAC. A imprensa vai fiscalizar o PAC, a oposição vai fiscalizar o PAC, os sindicatos precisam fiscalizar o PAC, até porque o PAC não é um programa meu ou do governo, é um programa feito pela sociedade brasileira. Aqui tem muitos empresários que contribuíram com a confecção do PAC. Portanto, se o PAC for cumprido na sua programação, quem ganhará é o Brasil e não o presidente da República.

Só na infra-estrutura energética nós temos 459 ações, das quais 39% já estão em obras. São muitas de energia, que chegam a 132 obras; são muitas de linhas de transmissão elétrica, que chegam a 37; são muitas na questão do petróleo e gás, que chegam a 48 obras; e são bastante na área de combustíveis renováveis, que são 62, num total de 279 ações que já estão com o projeto licenciado ou já foram licitadas. E, dessas, 180 já estão em obras. Significa que a Siemens e outras empresas se preparem, porque tem muita coisa para fazer.

Na área de geração de energia, nós temos hoje no Brasil, em implantação, 56 projetos de hidrelétricas. Estamos hoje com mais 17 estudos em elaboração e temos mais 18 estudos de viabilidade ou com Eia/Rima já aprovado. Serão mais 35 e, dentre elas, nós temos três hidrelétricas muito grandes no Brasil. Temos Santo Antônio, temos Jirau e temos Belo Monte, no Pará.

É importante lembrar aqui, para a gente não fazer falsas acusações a quem quer que seja. O dado concreto é que para construir uma

megahidrelétrica dessas, precisa ter duas responsabilidades: a responsabilidade de fazê-la mais a responsabilidade de fazê-la respeitando todas as regras, para que a gente possa cuidar do meio ambiente. Se formos irresponsáveis ao cuidar do meio ambiente, possivelmente, na minha idade a gente possa não enxergar os malefícios, mas certamente os nossos netos irão nos cobrar.

Portanto, essa combinação entre a pressa de fazer a obra e a pressa de cuidar com muito carinho do meio ambiente precisam andar juntas. De vez em quando eu vejo a imprensa publicar que tem uma briga entre a ministra Marina e a ministra Dilma. Entre dois ministros não tem briga, na hora em que tiver divergência, levam na minha mesa e nós deliberamos. Eu posso contar para vocês que no regime presidencialista não existe divergências com o presidente da República, posso garantir para vocês. Essas obras precisam sair porque o Brasil precisa delas, e elas vão sair com a responsabilidade de um País que quer crescer economicamente. Mas queremos cuidar deste País ambientalmente também.

Mais ainda, na questão de transmissão de energia. Esse é um dado importante, meu caro Paulo Godoy. Nós terminaremos este ano concluindo 23% de tudo o que foi feito no Brasil em 123 anos. Ou seja, de tudo o que foi feito de linha de transmissão em 123 anos, em cinco anos nós estaremos fazendo 23% de tudo isso. Temos números muito importantes. Entre 2007 e 2010, nós vamos concluir mais 8 mil e 819 quilômetros de linhas de transmissão. Para que nós estamos fazendo isso? Para evitar que quando falte água nos lagos do Sul do País e tenha água de sobra nos lagos do Sudeste, a gente não tenha como transferir a energia, que foi um pouco do que aconteceu em 2001. E a gente precisa aprender com os erros que a gente mesmo comete, porque naquela época nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e tínhamos falta de água em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Mas não tínhamos linha de transmissão. Hoje, só falta ligar o Norte ao Nordeste e já estamos com o projeto pronto para fazer a ligação da usina Jirau e Santo Antônio, das hidrelétricas até a linha de Araraquara, para que a gente possa fazer uma ligação de todo o sistema elétrico brasileiro e permitir que não falte mais energia no nosso País.

Obviamente que nós precisamos trabalhar. Se a economia vai crescer –

o que eu sonho, o que eu desejo e o que eu sei que todo mundo quer – acima de 5%, a uma média de 5%, nós precisamos, a cada ano, produzir cinco anos para a frente a energia que vamos consumir, para gerar tranquilidade nos investidores brasileiros. Mas não é apenas isso na questão da linha de transmissão. Além dos 8 mil e 819 quilômetros que vamos fazer até 2010, nós temos também pensados, de 2007 a 2010, mais 9 mil e 637 quilômetros, que estão previstos em estudos, para ver se no próximo ano a gente começa a preparar leilões, porque nos leilões de transmissão de energia tem aparecido muita gente. Significa que é uma coisa boa para o Brasil e boa para os empresários que fazem os investimentos. O Paulo Godoy está até rindo ali, Paulo Skaf, dá uma olhada no sorriso dele.

Bem, mas não é apenas isso. Nós também estamos trabalhando muito na questão do desenvolvimento do petróleo e do gás. Só de gasoduto, nós temos previstos 4 mil e 700 quilômetros de gasoduto para produzir energia elétrica e para produzir o funcionamento de grandes indústrias no setor brasileiro.

Nós temos boas notícias do PAC na área da Petrobras, porque nós temos perspectivas de descobrir mais gás, mais petróleo e vamos, assim, tocando o barco.

Eu vou dizer uma coisa importante para vocês. No biocombustível nós temos, para entrar em operação em 2007, mais 20 novas usinas de biodiesel. Temos 26 usinas que estão sendo projetadas, temos mais 17 para entrar em operação em 2007 – de etanol essa – e tem mais 60 projetadas para os próximos anos. Eu estou dizendo esses números para vocês porque é preciso que a gente tenha uma exata noção do que está acontecendo no Brasil, e nós sabemos claramente que os empresários sérios deste País, aqueles que acreditam no Brasil, sabem da seriedade com que o governo está tratando de controlar e de trabalhar a co-gestão desse PAC – envolvendo empresários, envolvendo outros ministros, envolvendo a sociedade. Cada deputado vai receber um relatório disso, cada senador vai receber um relatório disso, porque o que nós queremos é que o PAC seja definitivamente fiscalizado.

Mas eu queria terminar dando um número aqui, Miguel Jorge, que eu gosto de dar. Quando se trata de produzir energia, tem muita gente que gosta de vender facilidades. E não existem facilidades. Este País tem lei, este País

tem Ministério Público, tem Tribunal de Contas, este País tem Ibama, este País tem os institutos estaduais, este País tem uma série de organismos de fiscalização, e é bom que seja assim, porque quando não teve fizemos coisas deformadas, como a hidrelétrica de Balbina, que é um monumento à insanidade neste País.

Então, nós não queremos cometer mais erros, vamos fazer as coisas corretas para que a gente possa ser motivo de orgulho, não apenas na nossa capacidade de gerar energia, mas também na nossa capacidade de combinar a geração de energia com o cuidado com o aquecimento do Planeta, que é uma coisa que está na moda. Criou-se até o crédito de carbono, mas até agora eu quero saber quem está recebendo o crédito de carbono neste mundo, porque o Brasil diminuiu, nos últimos dois anos, em 53% o desmatamento. E era para termos recebido alguns centavos, de euro ou de dólar, de crédito de carbono, e até agora não recebemos.

E depois, com o biodiesel, cada vez que a gente plantar uma lavoura de palma, uma lavoura de mamona, uma lavoura de soja, uma lavoura de algodão, uma lavoura de girassol, uma lavoura de pinhão manso, alguém precisa nos dar um pouco de crédito de carbono, porque nós estamos plantando novas árvores que vão seqüestrar o carbono que alguém vai ter que nos pagar. Eu estou indo agora para o G-8, numa reunião em Berlim, onde esse vai ser um assunto a ser discutido, e estou me preparando agora para poder debater com os países ricos a questão do aquecimento global.

Mas eu queria dizer uma coisa para vocês. Esses dias eu fui a Isla Margarita, na Venezuela, discutir a questão energética. E lá nós apresentamos um estudo, Paulo Godoy, que poderia ser feito aqui no Brasil, de todo o nosso potencial. Hoje nós temos, no mundo inteiro, uma reserva de petróleo de aproximadamente 1 trilhão e 450 bilhões de barris de petróleo. É o que tem no mundo descoberto até agora. E talvez a mesma quantidade de gás. E a gente estava fazendo um estudo – e aqui vale para Siemens e para os empresários brasileiros – do potencial de energia hidráulica que a América do Sul pode produzir.

Nós temos na América do Sul um potencial de reserva de 540 mil megawatts de energia limpa, renovável. Esses 540 mil megawatts, transformados em barris de petróleo, dariam 1 trilhão e 359 bilhões de barris de

petróleo. Ou seja, significa que só na questão da energia elétrica produzida por hidrelétrica nós temos o equivalente à reserva de petróleo do mundo. É por isso que eu acredito na integração, porque se nós estabelecermos uma política de integração correta na América do Sul, e como nós somos um continente grande e chove em épocas diferentes em cada região do continente, significa que vai ter momentos em que vamos ter excesso de chuva num lugar e falta de chuva em outros. Se a gente tiver uma ligação via linha de transmissão no nosso continente, possivelmente estaremos resolvendo grande parte do problema de energia que pode se apresentar para a gente nos próximos 15 ou 20 anos.

Eu estou convencido, meus caros empresários, meus caros deputados, de que o século XXI é o século em que se a América do Sul pensar minimamente grande e pensar nela, nós poderemos nos transformar, neste século, no que a Europa conseguiu ser no século XX. Parece impossível, parece difícil porque nós mesmos, muitas vezes, jogamos para baixo, muitas vezes não acreditamos em nós. Nós somos um país fantástico, nós fazemos piada de nós mesmos, nós gostamos de fazer apologia à miséria. É assim mesmo, o Brasil é assim e a gente não vai mudar, porque isso faz parte da nossa cultura, mas entre uma coisa e outra temos que pensar seriamente no que nós queremos. É por isso que o ministro da Ciência e Tecnologia veio comigo e vai visitar essas empresas, porque nós estamos investindo em ciência e tecnologia como jamais se investiu neste País. Ele, que é cientista, pode dizer quantos doutores formamos nos últimos quatro anos. Da mesma forma que anunciamos o PDE, o Plano de Desenvolvimento da Educação, que é condição fundamental para este País dar um salto de qualidade, com profissionais melhores formados, ganhando melhores salários, tendo mais capacidade de produzir novas tecnologias. E hoje, 52% das nossas exportações já são de produtos manufaturados. A gente pode chegar a 60%, a 70%, e o Brasil irá se transformar numa grande e definitiva economia quando a gente estiver exportando conhecimento ou inteligência.

Quando eu falei na questão hídrica, é porque muitas vezes as pessoas não pensam, e eu estou querendo fazer esse debate muito aberto no Brasil. Aliás, Arlindo, eu acho que a Câmara e o Senado poderiam criar comissões para debater essas coisas o tempo inteiro, levar os especialistas. Nós

precisamos parar com essa história de achar que a responsabilidade de fazer as coisas certas é do governo ou se errar, é o governo. A obrigação é de todos nós. Se todo mundo acertar, quem ganha? É o Brasil. Se todo mundo errar, quem perde? É o Brasil.

Pois bem, fala-se muito de energia eólica. De vez em quando a gente está discutindo a questão ambiental e alguém fala: “Presidente, por que não faz energia eólica?” A energia eólica tem dois problemas. Primeiro, um megawat/hora custa quase 171 dólares. Segundo, uma usina de 100 megawats que você constrói vai produzir, em média, só 30%. Ela não dá certeza porque o vento não é constante, não venta todo dia, não venta toda hora, não é na mesma velocidade. Uma termelétrica de óleo diesel custa 301 dólares o megawat/hora. Um megawat da hidrelétrica custa, com imposto e tudo, 51 dólares. Então, é muito mais barato a renovável. E aí, combinando isso com a nossa política de biocombustíveis, Paulo Skaf, escreva no livrinho da Fiesp: este País, no meio deste século, será uma das mais importantes economias do mundo. Só não será se nós não formos competentes e se não quisermos ser, depende única e exclusivamente de nós. Quando a gente vem numa empresa como esta inaugurar um centro tecnológico como este, e a gente percebe que é da mão desses trabalhadores brasileiros que podem sair coisas ainda melhores do que isso, eu não tenho dúvida de que não há por que não acreditar neste País.

Parabéns, Siemens, pela sua crença no Brasil. Parabéns à Direção e, sobretudo, parabéns aos trabalhadores, porque se vocês não fossem competentes, a Siemens possivelmente fosse para a China e não ficaria no Brasil.

Um abraço.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da fábrica da Dell no Brasil

Hortolândia-SP, 14 de maio de 2007

Excelentíssimo deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Excelentíssimo senhor Alberto Goldman, vice-governador do estado de São Paulo,

Senhores ministros Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia; Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Márcia Bassit, ministra interina da Saúde,

Nossos companheiros deputados federais Reinaldo Nogueira, deputado Vaccarezza, deputado Vicentinho, deputado Zarattini, deputado Júlio Semeghini, deputado Gilmar Tatto,

Senhoras e senhores deputados estaduais,

Meu caro Angelo Perugini, prefeito de Hortolândia, em nome de quem eu quero cumprimentar os prefeitos de todas as cidades que estão aqui presentes,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da Fiesp,

Michael Cannon, presidente global de Operação da Dell,

Senhor Paul Bell, vice-presidente e presidente sênior da Região das Américas da Dell,

Meu caro Raimundo Peixoto, diretor-geral da Dell no Brasil,

Empresários,

Amigos e amigas presentes nesta inauguração,

Quero começar com uma boa notícia para os consumidores e um desafio – que também não deixa de ser uma boa notícia – para os fabricantes: a partir de agora, os computadores portáteis, notebooks, passam a fazer parte do programa Computador para Todos.

De acordo com a portaria que publicamos hoje, os notebooks de até R\$ 1.800,00, com uma configuração capaz de atender as necessidades da grande maioria dos usuários, poderão ser comprados em prestações que cabem no

orçamento das camadas populares do nosso País. E eu tenho certeza que se a Dell não tiver um modelo de notebook que se enquadre nessa faixa, ela vai providenciar o mais rapidamente possível, vai construir o seu notebook.

Há três anos a Dell brasileira pensou em fechar as portas e ir embora do Brasil. Naquela época, computador ainda era coisa de rico. Mesmo os ricos, e até algumas médias e grandes empresas, preferiam comprar no contrabando. Resultado: cerca de 70% dos equipamentos vendidos no Brasil tinham origem ilegal.

Foi aí que o governo federal, depois de amplo diálogo com o setor, tomou uma série de medidas para mudar essa história. Combatemos o contrabando como nunca na história do País, e vocês, da Dell, são testemunhas. Lançamos uma forte política de inclusão digital. Criamos o programa Computador para Todos, para vender máquinas boas e baratas, com linha de financiamento do BNDES, e prestações que cabem dentro do orçamento do trabalhador brasileiro. Fizemos uma forte desoneração fiscal, primeiro com a Lei nº 11.196, conhecida como a “Lei do Bem”, depois com o PAC, concedendo isenção de impostos que hoje vale para equipamentos de até R\$ 4 mil reais. Antes, era até R\$ 2,5 mil.

Fico particularmente feliz ao ver que neste tão curto espaço de tempo a Dell respondeu com duas importantes medidas. Ela não só desistiu de ir embora, como resolveu apostar alto no Brasil. E o resultado aqui está: uma nova fábrica, que vai gerar empregos para trabalhadores que, com certeza, poderão comprar seu computador de mesa ou seu notebook. Por isso é preciso pagar razoavelmente os trabalhadores para que eles possam comprar os computadores da Dell com prestações acessíveis.

No Brasil, o computador deixou de ser coisa de rico e o conhecimento deixou de ser para poucos. Ainda temos um longo caminho a percorrer – e estamos percorrendo – mas a inclusão digital é cada vez mais uma realidade neste País. Quanto maior a inclusão digital, menor a exclusão social. Um computador conectado à internet significa acesso a mais conhecimento, e mais conhecimento cria novas chances no mercado de trabalho, abre portas para uma vida melhor e mais digna.

O Brasil é hoje – esse é um dado extremamente importante, porque alguns anos atrás nós tínhamos algumas pessoas muito descrentes aqui no

Brasil e é importante lembrar – o sétimo país entre os que mais evoluíram no oferecimento aos cidadãos de acesso à tecnologia digital. Esse dado é ainda mais relevante quando nos lembramos que, em 2001, o Brasil estava quase no final da fila: éramos o trigésimo-quarto, entre 40 países. Hoje, repito, somos o sétimo.

No ano passado, 2 milhões e 200 mil brasileiros compraram seu primeiro computador. E compraram porque o computador – que até outro dia era inacessível à imensa maioria da população brasileira, com prestações de R\$ 300, R\$ 400 reais – hoje deixou de ser um sonho irrealizável para as crianças das camadas populares, porque o pai ou a mãe podem comprar pagando R\$ 50 ou R\$ 60 reais por mês numa prestação. Em 2006, foram vendidos quase 8 milhões e 300 mil computadores no Brasil, 7 milhões e 600 mil computadores de mesa e 680 mil portáteis. Um crescimento de 43% em relação a 2005. Detalhe: 84% dos computadores vendidos no ano passado estavam dentro do limite de isenção fiscal da “Lei do Bem”.

O Brasil é hoje o terceiro maior mercado mundial de computadores de mesa, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Estamos à frente de mercados tradicionalmente fortes, como o Japão, e de outras economias emergentes, como a Rússia e a Índia. A previsão da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) é de que em 2007 sejam vendidos 10 milhões de computadores. O mercado de notebooks ainda é relativamente pequeno no Brasil, mas em 2006 as vendas aumentaram nada menos que 116% em relação a 2005 e devem crescer de forma extraordinária a partir de 2007, com a inclusão dos portáteis no programa Computador para Todos.

Um dado da maior importância: a Abinee fez uma pesquisa com os fabricantes e eles anunciaram que este ano vão contratar mais trabalhadores para atender a demanda. A estimativa das empresas é aumentar a força de trabalho entre 30% e 40% a partir deste ano.

Hoje, quase 20% dos domicílios brasileiros têm computador. Em apenas um ano, de 2005 para 2006, o número saltou de 8 milhões para 10 milhões de domicílios. O Brasil tem hoje mais de 32 milhões de usuários de Internet, e terá muito mais nos próximos anos. O acesso via banda larga cresceu 40,1% em 2006, fazendo com que o Brasil atingisse a marca de 5,7 milhões de conexões. Com os novos 300 mil consumidores do primeiro trimestre de 2007, a banda

larga, no Brasil, já ultrapassou a marca de 6 milhões de conexões. Para quem ainda não pode ter a sua conexão banda larga, o governo federal fechou acordo com as operadoras de telefonia fixa, que vão oferecer pacotes de 600 minutos de acesso discado por apenas 7 reais e 50 centavos por mês, o que significa, para o internauta, uma economia de até 85% em horário comercial.

A educação e a inclusão digital estão unidas contra a exclusão social. Em 2007, o MEC vai instalar laboratórios de informática em todas as escolas públicas de ensino médio. Depois, será a vez das instituições públicas de ensino de 5ª a 8ª séries e, em seguida, 1ª a 4ª séries. Ainda em 2007, serão implantados 5 mil laboratórios nas escolas rurais e 8 mil e 800 em escolas urbanas, de 5ª a 8ª séries, totalizando 101 mil e 500 computadores. Até 2010, todas as escolas públicas deste País, urbanas e rurais... eu vou repetir para vocês me cobrarem. Roberto, você que é da área de educação, para me cobrar aqui. Até 2010, todas as escolas públicas deste País, urbanas e rurais, estarão com os seus computadores instalados, e todas as escolas de nível médio e a maioria das instituições de ensino fundamental, em todos os municípios brasileiros, terão acesso à banda larga.

Apenas um dado para vocês compreenderem, sobretudo, os nossos queridos deputados. Arlindo, eu quero te agradecer de público o trabalho que a Câmara dos Deputados fez para votar as medidas do PAC com a rapidez com que votou e, certamente, o Senado repetirá a dose, porque é um programa de interesse do Brasil. Eu queria lembrar a vocês que, muitas vezes, nós perdemos muito tempo e, quem perde tempo, na verdade, é o povo e quem ganha não é o País.

Nós ficamos mais de um ano discutindo o “Computador para Todos” e a discussão era para saber se a gente iria isentar uma vírgula ou duas vírgulas, porque é sempre muito difícil você fazer qualquer mudança no País. As pessoas não gostam de mudança, as pessoas têm medo de mudança, as pessoas acham que vai piorar a sua vida, qualquer coisa que você tente fazer. Você começa a pensar em Reforma da Previdência para a futura geração, e quem está aposentado hoje tem medo de perder alguma coisa. Você começa a pensar em modernizar o Ibama, e o pessoal está entrando em greve porque é contra a modernização, achando que vai trazer prejuízo para eles. E assim funcionam todas as repartições deste País. As pessoas têm medo, ficam

preocupadas. Cada isenção que a gente quer fazer é uma briga. Não pense que é fácil, Paulo Skaf. Fazer qualquer mudança é uma luta titânica para a gente.

Agora, nós tomamos uma decisão em função da necessidade da sobrevivência deste País, e eu quero dizer isto para terminar. O nosso País pode assumir esses compromissos que eu falei aqui, de garantir Internet e banda larga até 2010 em todos os municípios e em todas as escolas brasileiras. Não só pode como tem a obrigação de fazer, porque o Brasil ganhou mais importância no mundo e hoje nós temos mais concorrentes, e nenhum concorrente vai ficar esperando que o Brasil demore 50 anos para resolver os seus problemas para que eles possam competir com o Brasil. Se depender dos nossos concorrentes, eles vão fazer isso com muito mais rapidez e nós vamos ficar para trás, ou seja, nós vamos continuar mais uma vez no século XXI sendo o país do futuro, sendo o país do sonho, sendo um país emergente.

Eu quero dizer para vocês que não depende do presidente da República, mas que depende da sociedade brasileira, e o que a Dell está fazendo aqui é uma demonstração do que outros empresários podem fazer e qual a participação que os governos federal, estadual e municipal podem ter para dar a sua contribuição. Depois que lançamos o Plano de Desenvolvimento da Educação, há poucos dias, em que propusemos 40 importantes modificações no sistema educacional brasileiro e incluímos, nesse Programa, a questão da inclusão digital – e inclusão digital não basta apenas facilitar para a pessoa ter acesso ao computador, é preciso que a gente dê acesso à fibra ótica, para que as pessoas possam ter acesso ao que existe de mais moderno no mundo. E permitir, aí sim, numa combinação entre os três entes federativos e as empresas, construir uma política que faça com que o Brasil não fique sendo apenas o sétimo, mas que venha a competir para ser o terceiro, o segundo ou o primeiro.

Primeiro, porque o computador, para o povo brasileiro, e eu acho que para o mundo inteiro, é como a paixão que o carro significou na década de 60. Nós, aqui, que na década de 60 éramos muito jovens, qual era a nossa paixão? Naquele tempo, a gente não tinha muita escolha, era ter um Fusca, ter um Fusquinha pé-de-bode, era o que a gente queria. Mas era o sonho de todo

mundo. Hoje, o sonho da molecada, o que é? Ter um computador. O grande sonho da molecada é ter um computador. E eu digo isso porque, todas às sextas-feiras, quando vou para casa, tem quatro marmanjos em casa e um neto, então viram cinco marmanjos. Eu, que vou sexta-feira à noite para vê-los, se quiser vê-los, tenho que entrar dentro da salinha de cada um, porque eles passam 24 horas conversando não sei com quem, viajando não sei para onde. Eu nunca vi nada igual na minha vida.

Então, eu fico imaginando as pessoas mais pobres deste País tendo acesso a um computador, e o cara poder navegar, o cidadão poder viajar. Não vai ter tempo para um jovem cometer um delito ou um crime, César, ele não vai ter tempo para sair para assaltar alguém, ele vai arrumar namorada pela Internet, ele vai fazer a vida dele, quem sabe arrumar um emprego, quem sabe produzir alguma coisa, quem sabe estudar, que é o que nós queremos que ele faça.

Por isso, eu quero dar os parabéns aos companheiros empresários da Dell, que acreditaram neste País, que resolveram não ir embora ou fechar as suas portas, mas abriram mais um monte de portas. E posso dizer para vocês: vocês não se arrependerão do que fizeram no Brasil, porque o Brasil será um pólo extraordinário de inclusão digital nesses próximos anos.

Meus parabéns e um grande abraço para vocês.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da unidade produtiva da EMS S/A

Hortolândia-SP, 14 de maio de 2007

Permitam-me economizar na nominata cumprimentando o nosso querido Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara e, com isso, estarei cumprimentando todas as autoridades aqui presentes. Até porque, se a gente começar a repetir nome toda hora, a pessoa se sente no direito de ser candidato a alguma coisa nas próximas eleições. É bom a gente economizar.

Mas eu queria dizer para vocês que vir a esta cidade cumprimentar o Carlos, cumprimentar sua mãe, cumprimentar a família do Carlos é uma coisa, eu diria, um pouco comovente. Eu acho que a dona Ana Sanchez, que teve a alegria de receber Getúlio Vargas em 1945 – certamente mais nova do que você está me recebendo hoje – e que não tem um maçarico para machucar o dedo como ela machucou, quando recebeu o Getúlio Vargas, no fundo, no fundo, vocês simbolizam a imagem que todo ser humano deveria perseguir. Ou seja, é impensável, do ponto de vista sociológico, do ponto de vista da lógica empresarial... Não é que seja impensável, é que pouca gente consegue chegar onde vocês chegaram, partindo de onde vocês partiram.

Muitas vezes, a gente deposita a nossa confiança em quem a gente pensa que sabe mais que a gente. E todo mundo aqui sabe a angústia do Henry Ford quando, no começo do século passado, procurava os banqueiros para financiar o primeiro carro. A orientação que ele recebia dos assessores jurídicos dos bancos era: olha, não vai investir em carro, porque carro é uma coisa passageira, o que vai ficar definitivamente é o cavalo. Você imaginar um cidadão que chega em Santo André com 16 anos, na década de 40, monta uma pequena farmácia, lá na Rua Oratório, tem uma mulher que ajuda na repartição da comida que leva para casa trabalhando na Rhodia, cria os filhos e, poucos anos depois, essa família se torna proprietária do maior laboratório farmacêutico deste País, é uma coisa inusitada. E nós somos obrigados a dizer: queira Deus que as pessoas, em vez de terem inveja do crescimento de vocês, tenham orgulho e sigam os seus passos para chegar onde vocês

chegaram. Às vezes tem muito disso, não é? As pessoas ficam dizendo: como é que eles cresceram? Por que eu não cresci? Olho gordo é uma desgraça. Inveja deveria ser uma palavra abolida do dicionário e deveria ser proibida, e quando alguém tivesse, dava um choque nele para lembrar que não se pode ter inveja.

Eu acho que uma família que tem o sucesso que vocês tiveram em tão pouco tempo e que consegue adentrar num mercado tão difícil, no mercado europeu, que se transforma numa empresa importante no Brasil... Eu penso que se a sua mãe foi dona do laboratório, e eu, presidente da República, por que a gente não pode acreditar? Por que não ter fé nas coisas, acreditar e pensar cada vez maior, acreditar que no dia seguinte a gente vai conseguir fazer aquilo que não conseguiu fazer hoje?

Eu acho que é esse mundo que de vez em quando a gente ouve falar: “porque o Lula é a síntese do sonho americano”, o que eles querem dizer? Que o americano sonha em progredir e aqueles que progridem são a razão do sucesso. Aqui, no Brasil, muitas vezes, a gente sonha em progredir e os que progridem são taxados de tudo, ou seja, causam ciúmes, causam inveja. E eu acho, Carlos, que se eu não tivesse outra coisa para fazer aqui, só o fato de passar aqui e dar um abraço fervoroso – levanta aqui – e dizer: queira Deus que a gente tenha mais brasileiros como você e mais brasileiros como a sua mãe, já teria valido a pena.

A nossa ministra interina da Saúde disse dos compromissos que nós temos na área da indústria de fármaco. Quando nós fizemos a Lei da Inovação Tecnológica, a indústria de fármaco era um dos nossos objetivos, ou seja, fazer com que o Brasil seja, efetivamente, competente. Na semana passada, quando nós tomamos uma atitude com o remédio Efavirenz, produzindo-o aqui no Brasil, não foi porque a gente estava querendo brigar, porque goste de brigar, foi porque a gente não achou justo a Tailândia pagar 0,60 centavos o comprimido e o Brasil pagar 1 dólar e 60 centavos. Nós não podemos ser tratados como se fôssemos um país de terceira categoria, que não é respeitado por um laboratório. Então, você que é médico, Hélio, sabe que nós fizemos apenas o que deveríamos ter feito já há algum tempo. Tentamos negociar, negociamos, não deu certo, e tomamos uma atitude.

E nós vamos trabalhar, Carlos, para que a indústria farmacêutica brasileira seja uma indústria de ponta, até porque todos nós do governo concordamos com vocês, ou seja, nós não queremos ser apenas exportadores de commodities, nós queremos ser exportadores de conhecimento, ser exportadores da inteligência brasileira, que é capaz de produzir uma pessoa como você. Eu fico imaginando quantos países do mundo não têm orgulho de pegar uma família que vem lá da nossa querida Santo André, Perogini, desculpe-me, lá do nosso querido ABC – você vê que o ABC já era bom na década de 40, depois foi melhorando na década de 80. E fico feliz, viu, Carlos, fico feliz de você dizer: olha, as greves que nós fazíamos... em que, muitas vezes, hein, Albano Franco, éramos acusados de terroristas, de comunistas... Eu fico feliz de saber que aquele movimento produziu, na sua cabeça, uma definição de ser humano, de justiça, de prosperidade, de gente que acha que tem que melhorar a cada dia.

Eu nem vou ler o meu discurso que fala da empresa, porque eu acho que o Carlos é a fotografia da empresa, a mãe dele é a alma desta empresa e eu só posso dizer para vocês, meus queridos... o Carlos reclamava de algumas coisas, reclamava, não. Ele dizia: “eu não tenho nada para reivindicar, Presidente, eu queria dizer que falta fazer algumas coisas.” Eu falei: Carlos, coloca no papel, manda para o nosso Ministério da Saúde, manda para o nosso ministro de Ciência e Tecnologia, manda para o presidente da República e, quando você cobrar as coisas, lembre que está aqui o presidente da Câmara e que ele pode ajudar muito lá no Congresso Nacional.

Então, eu penso que isso aqui é uma boa cumplicidade entre o governo brasileiro e as empresas brasileiras da indústria farmacêutica, para que a gente se transforme numa grande indústria nacional e mundial.

Parabéns, Carlos, parabéns, dona Ana, e parabéns a todos vocês. Sobretudo, parabéns aos funcionários, porque devem ser funcionários de extrema qualidade. Se não fossem de extrema qualidade, possivelmente você não teria dado passos tão grandes como você deu. Que Deus abençoe todos nós e que o Brasil continue crescendo.

Hoje, Miguel Jorge, é um dia especial para mim. Alguém haveria de perguntar “por que o Lula foi para Jundiá, por que o Lula foi para Hortolândia inaugurar fábrica?” Normalmente, não é coisa de presidente inaugurar fábrica.

Por que eu vim? Porque vocês são testemunhas de que há muito tempo não se inaugurava três fábricas simultaneamente nesta região do País e neste estado. E eu estou convencido de que o Brasil encontrou o caminho para se transformar, definitivamente, em uma grande economia; de que o Brasil encontrou o seu caminho para crescer; de que o Brasil encontrou o seu caminho para gerar empregos e para distribuir renda que, no fundo, no fundo, é o que todos nós queremos, é melhorar a vida de 190 milhões de brasileiros. Onde tiver a inauguração de uma fábrica, seja um frigorífico ou um laboratório, seja uma fábrica de produzir material de construção civil ou uma fábrica de automóveis, me convidem que eu estarei lá. E vou com prazer, porque lá a gente vê experiências bem-sucedidas, a gente vê, na cara dos funcionários, a alegria de um Brasil que, muitas vezes, a gente não lê, a gente não vê na televisão. O Brasil que está dando certo está por aí, a gente está vendo as coisas acontecerem, e elas vão acontecendo sem, às vezes, muita informação.

O dado concreto é que nós estamos vivendo um momento mágico neste País. Se nós todos tivermos competência para não permitir que haja erro cometido por nós – e vocês estão lembrados do que eu dizia desde o primeiro ano de mandato: eu não tenho o direito de errar. Qualquer governante, neste País, pode errar. Terminou o governo, ele vai dar aula lá fora e fica três, quatro ou cinco anos. Eu não posso, eu tenho que ir para São Bernardo, Vicentinho, ficar ali, Carlos, pertinho de onde você tem a sua fábrica, a 600 metros do Sindicato, ouvir aquela peãozada gritar o dia inteiro na porta de fábrica, fazer passeata, fazer greve. Então, eu digo sempre o seguinte: nós temos que dar certo, porque o Brasil precisa dar certo. Nós já jogamos 500 oportunidades fora, quantas oportunidades nós já jogamos fora! Os que têm mais idade que eu aqui ou os da minha idade sabem quantas vezes nós fomos dormir com a esperança de que o Brasil estava maravilhoso e, no dia seguinte, o Brasil estava quebrado. Desta vez as coisas estão bem encaminhadas. Falta muita coisa para fazer, porque também são décadas e décadas de atraso, e recuperar isso vai precisar de um tempo. O dado concreto é que o alicerce está pronto. E eu fico mais feliz ainda quando percebo que, entre os tijolos desse alicerce, está a EMS do Brasil.

Parabéns e obrigado!

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do prêmio Jovem Cientista e do prêmio Almirante Álvaro Alberto para a Ciência e Tecnologia

Palácio do Planalto, 15 de maio de 2007

Meu caro vice-presidente da República, José Alencar,
Ministros Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia; Fernando Haddad, da Educação; Hélio Costa, das Comunicações; e Marina Silva, do Meio Ambiente,

Deputados federais aqui presentes, Leonardo Monteiro, Manuela D'Ávila e Rocha Loures,

Doutor Erney Camargo, presidente do CNPq,

Meu caro Jorge Gerdau, presidente do Conselho do grupo Gerdau,

Meu caro José Roberto Marinho, presidente da Fundação Roberto Marinho,

Doutor Américo Fialdini Júnior, presidente da Fundação Conrado Wessel,

Senhor Ruy Castro, diretor de projetos especiais da Eletrobrás,

Doutor Fernando Galembek, agraciado com o prêmio Almirante Álvaro Alberto,

Mestranda Milena Rodrigues Boniolo, em nome de quem saúdo os agraciados com o prêmio Jovem Cientista 2006,

Senhoras e senhores orientadores, pesquisadores e representantes da comunidade científica,

Meus amigos e minhas amigas,

Deixa eu ver se está grande o discurso aqui para diminuir, porque a nossa cientista da casca de banana ocupou a metade do meu discurso. Então, eu vou ter agora que contratar um pesquisador para saber como ocupar o tempo perdido.

Este evento reúne tudo aquilo de que um país mais necessita para se transformar em uma nação próspera e justa, como a que o Brasil sonha e

caminha para ser. O Prêmio Jovem Cientista consagra o talento e a juventude, a escola e o trabalho, a tenacidade e a inovação, a criatividade e a preocupação com o bem comum. Consagra, ademais, a indispensável parceria para o desenvolvimento entre o Estado e a iniciativa privada, representada aqui pela Fundação Roberto Marinho e pelo grupo Gerdau.

Sobre esses alicerces florescem os grandes ciclos históricos que forjam um país, consolidam a sua independência e proporcionam a cidadania integral a sua gente. Os elementos necessários estão aqui. Nosso desafio é incentivá-los, é induzi-los, é multiplicá-los através de políticas públicas que ampliem o horizonte do nosso desenvolvimento no século XXI. Os jovens premiados nesta cerimônia, nas categorias Graduado, Estudante do Ensino Superior e Estudante do Ensino Médio, são a prefiguração desse futuro.

A exemplo deles, o Brasil tem mais de 50 milhões e quinhentos mil moços e moças com idades entre 15 e 29 anos, que reúnem potencial suficiente para movimentar a gigantesca usina de inovação, riqueza e justiça social de que tanto precisamos. Para que ela possa ser acionada, é necessário um fluxo contínuo de ações republicanas, a exemplo do que estamos fazendo agora com o Plano de Desenvolvimento da Educação, e do que já fizemos, antes, com o Fundeb, que multiplicará por dez o recurso destinado à escola pública; e com o ProUni, que ofertou 358 mil bolsas de estudo a jovens brasileiros e brasileiras que, de outra forma, não cursariam o ensino superior.

Mais cedo do que tarde, minhas senhoras e meus senhores, o Brasil se surpreenderá com a resposta da juventude a essas iniciativas. Veremos, então, do que é capaz uma geração quando a sociedade lhe proporciona a escola a que tem direito, e o protagonismo que lhe compete na construção do seu próprio futuro.

Creio que muito em breve teremos centenas, milhares de jovens cientistas a exemplo da Milena, da Joana, do Hugo, da Ericka, do Guilherme, da Marcela, do Felipe, do Jarbas e da Andréia. Todos eles premiados nesta vigésima-segunda edição do Jovem Cientista, focada na “Gestão Sustentável da Biodiversidade”. A eles o Brasil deve duas coisas. Em primeiro lugar, deve os parabéns, mas, sobretudo, deve um agradecimento cívico.

Num certo sentido, esses jovens se anteciparam às obrigações negligenciadas pelo Estado brasileiro durante décadas. Muitas vezes, contando

apenas com o incentivo da família humilde ou de um professor abnegado, produziram conhecimentos e inovações relevantes para o futuro sócio-ambiental de nossa terra e de nossa gente. Seu feito ilustra o quanto ganha uma sociedade quando investe nas novas gerações e o muito que se perde quando esta sociedade ignora o talento e o vigor de sua juventude. Ou, o que é ainda pior: quando no intento de combater a violência, criminaliza uma etapa radiosa da vida, lançando a sombra da suspeita e do descrédito sobre toda juventude.

Quero agradecer a vocês por devolverem à palavra “futuro” o vigor inimitável do rosto jovem. Mais que inventar soluções para importantes questões como gestão da biodiversidade, vocês reinventam a esperança em nós mesmos. Seu exemplo, sua tenacidade, as descobertas maravilhosas que vocês fizeram confirmam a vocação deste País como a potência ambiental do século 21, dotado de um desenvolvimento equilibrado, justo e sustentável.

Meus amigos e minhas amigas,

Nesta cerimônia, o professor Fernando Galembek recebeu o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, a mais importante honraria concedida a um cientista brasileiro pelo trabalho em prol da pesquisa e do desenvolvimento. O professor Galembek veio de uma família de ferroviários do interior paulista, teve um avô anarquista, trabalhou durante toda a vida, foi office-boy, faturista, não raro fez do ônibus sua mesa de estudo, onde adormeceu com o livro nas mãos inúmeras vezes. Quero destacar que dois produtos de suas pesquisas já foram lançados comercialmente, gerando investimento, emprego, substituição de importações e divisas para o Brasil. Creio que não exista uma profissão mais importante neste momento da nossa história como a do professor. O professor é o representante avançado da sociedade no coração e na mente das nossas crianças e dos nossos adolescentes. Se o professor falhar, a sociedade fracassará e todas as demais esferas da vida e do desenvolvimento serão comprometidas.

O exemplo de todos vocês reforça o acerto da nossa decisão de investir cada vez mais na educação e de preparar um plano para a ciência e tecnologia que contará com recursos nunca antes investidos no setor.

Em nome de todas as crianças do País, as do passado, que não tiveram essas oportunidades, as do presente, que começam a tê-las, e as do futuro que

certamente viverão num Brasil melhor, eu quero agradecer a todos vocês.

Eu queria terminar com um certo improvizozinho aqui para fazer uma cobrança. No início desta solenidade foi anunciado que se inscreveram 1 mil e 715 jovens cientistas para participarem desta premiação. Eu quero dizer ao companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia, ao companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação, que 1 mil e 700 inscritos é pouco para o tamanho do nosso País. Não estou cobrando ninguém, estou cobrando a mim, em primeiro lugar, depois ao meu governo, depois a todos os outros companheiros que aqui estão, aos reitores das universidades, aos diretores das escolas técnicas deste País, do ensino médio, porque todos nós temos a obrigação de acreditar que um evento dessa magnitude será infinitamente melhor para o Brasil quando criarmos as condições de muito mais gente participar. Eu não tenho dúvida, Fernando Haddad e Sérgio Rezende, de que está cheio de gênios espalhados por este País afora.

Eu me lembro que quando nós fizemos a primeira Olimpíada da Matemática na escola pública deste País, em 2005, o jovem ganhador, entre 10 milhões e meio de jovens, era um jovem que tinha problema de deficiência visual. Ele não ouvia direito, andava em uma cadeira de rodas, e foi o premiado número um, numa demonstração de que o que faltava para ele era uma chance, uma oportunidade.

Eu, hoje de manhã, dei uma entrevista coletiva e disse que certamente a oposição tinha muita casca de banana para jogar para eu cair, porque a casca de banana é tida como uma coisa em que a gente pisa, escorrega e cai. E na malandragem política, todo mundo sabe que casca de banana é coisa de adversário para adversário. Pois a nossa cientista me deu uma tranquilidade enorme, de que não vai sobrar mais casca de banana na política, todas elas serão aproveitadas para que a gente possa resolver outros problemas que não os da política.

Eu acho isso fantástico. É um compromisso que nós precisamos assumir, nós três, Fernando Haddad, Sérgio Rezende, o governo e as fundações aqui presentes, de que poderemos trabalhar... Primeiro, eu quero agradecer pelo trabalho feito até agora. Nada de dizer que não foi feito nada, foi um trabalho importante para chegarmos onde chegamos. Mas eu queria também cobrar dos deputados de todos os partidos políticos, dos reitores, dos

diretores de escolas técnicas, do governo como um todo, que a gente trabalhasse, pensasse no que fazer a partir de agora para que a gente possa ter aqui, no próximo ano, quem sabe, três, quatro, cinco mil jovens que se inscreveram, para que a gente tenha muito mais cientistas neste País.

Quando nós falamos em exportar inteligência, é exportar o produto acabado da nossa inteligência e não exportar os nossos cientistas, como estamos exportando jogador de futebol hoje. Nós queremos exportar coisas com valor científico, com valor agregado para que este País se transforme, definitivamente, em uma grande economia.

De qualquer forma, parabéns. Parabéns aos premiados, parabéns aos professores, parabéns aos 1.715 cientistas que se inscreveram. Se não ganharam desta vez, ganharão na outra. Eu digo sempre o seguinte: ninguém pode desistir por causa de uma derrota, senão eu não seria presidente da República, porque se tem alguém que sabe o que é perder, sou eu. Entretanto, a minha teimosia me fez chegar aqui. Então, aqueles jovens que se inscreveram este ano e não foram premiados, vamos continuar inventando, vamos continuar criando coisas, porque o ano que vem pode ser o ano daqueles que não foram premiados este ano.

Que Deus abençoe o Brasil e todos nós. Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse do secretário especial de Portos da Presidência da República, Pedro Brito

Palácio do Planalto, 15 de maio de 2007

Primeiro, quero cumprimentar o companheiro Pedro Brito, secretário especial de Portos da Presidência da República,

Quero cumprimentar os ministros de Estado aqui presentes,

Sérgio Resende, da Ciência e Tecnologia,

Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

O nosso companheiro Gregolin, secretário especial de Aquicultura e Pesca

Quero cumprimentar o governador Eduardo Campos, de Pernambuco,

O companheiro Jaques Wagner, da Bahia,

Nosso companheiro Wellington do grande estado do Piauí,

Quero cumprimentar os senadores aqui presentes, os deputados, os companheiros e as companheiras.

Bem, com este decreto, nós já tínhamos feito a medida provisória, nós estamos criando nada mais, nada menos que a Secretaria Especial de Portos da Presidência da República. Estamos criando porque os portos têm sido um dos gargalos a serem resolvidos neste governo. Não foi possível resolvê-los no primeiro governo, primeiro mandato, e agora vamos resolvê-los no segundo mandato.

Eu me lembro de que, no primeiro mandato, ainda em 2004, sete ministros, coordenados pelo ministro José Dirceu, mais o ministro Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, desceram por este País afora visitando os portos, na tentativa de encontrar uma solução para melhorar a gestão dos



portos brasileiros. O dado concreto é que no final do mandato nós concluímos que não tínhamos obtido êxito para transformar os nossos portos em portos mais modernos, para que pudéssemos ter resolvido os problemas que muitas vezes não dependem só do próprio ministro, mas de outras coisas como dragagem, como melhorar o sistema de gestão, unificar o governo dentro dos portos – porque embora seja um governo, o que me consta é que só eu fui eleito para Presidente da República, dentro dos portos tem vários governos, e cada um age de um jeito, cada um obedece uma direção. Obviamente que os portos significam, para nós, aumentar a competitividade do Brasil para disputar esse mercado globalizado que cada vez mais vai exigir competência do governo brasileiro.

A indicação do companheiro Brito é resultado de uma relação de confiança que me fez ver a competência do companheiro Brito. O Brito foi meu ministro da Integração, substituindo o Ciro Gomes. O Brito trabalhou de forma direta – num primeiro momento indireta, quando o Ciro era ministro – na elaboração do projeto que culminou com o projeto do São Francisco, depois do José Alencar ter feito o primeiro trabalho. Não, o primeiro trabalho foi feito por dom Pedro em 1846 e depois teve uma sucessiva participação de vários governos, de vários Ministérios, e nós, finalmente, conseguimos, agora, dar início às obras. O Batalhão de Engenharia do Exército já tem ordem para começar, e por conta disso eu resolvi criar a Secretaria e convidar o companheiro Brito.

Quando eu o convidei, eu disse ao companheiro Brito o seguinte: o que eu quero no porto é gestão, é preciso a gente resolver um problema crônico. O porto não pode ser uma partilha de partidos políticos, não pode ser uma partilha de pessoas que não têm competência profissional para administrar os portos.

Eu quero gestão, quero resolver os problemas crônicos. Às vezes, tem mistura de poder, tem muita gente que manda, e eu estou resolvido a entregar,



no final do meu mandato, os portos brasileiros solucionados. Quando o Brito descer lá, agora, quem está descendo, na verdade, é o presidente da República, com ordem para fazer, não desfazer. Mas fazer sempre o melhor, montar uma equipe de profissionais, ver onde tem problemas e temos que mudar. Não existe ninguém que não possa ser mudado, é importante vocês saberem disso. Tiraremos quantas pessoas forem necessárias, colocaremos quantas pessoas forem necessárias, porque senão a gente não consegue resolver, inclusive resolver o problema da dragagem dos portos deste País. Às vezes, só tem uma, duas ou três empresas que fazem as dragagens e cobram o preço que querem. Nós precisamos moralizar um pouco isso, democratizar um pouco isso, e, se for o caso, fazer concorrência estrangeira, fazer concorrência internacional. O que nós precisamos é mostrar serviço para o País, o que nós precisamos é saber que os portos vão funcionar.

Então, eu acho que agora, Brito, é o seguinte, meu caro: você assume essa nova tarefa, são 40 portos, alguns nós demos concessões para que os governadores de estado administrassem, é preciso descer, conversar com os governadores. Tem governadores que querem tocar obras e, muitas vezes, acham que somos nós, do governo, que não permitimos as obras. Eu não quero segredo, o que eu quero é que os portos brasileiros sejam exemplo de bom funcionamento. Quanto melhor funcionar o porto, mais baratos ficarão os produtos que o Brasil exporta, mais gente vai precisar ser contratada para trabalhar nos portos e mais eficiente será o nosso querido País.

Portanto, Brito, eu queria te desejar toda a sorte do mundo, na dificuldade me procure, quando não tiver dificuldade, resolva sozinho os problemas que tiver, mas eu quero que você saiba que eu quero solução. Quero solução, porque esse é um problema que nós não conseguimos resolver ainda. Então, meu caro, que Deus te ajude nessa empreitada, conte com o vosso amigo aqui e, naquilo que for possível, estaremos juntos. Eu quero que você me apresente, num curto espaço de tempo, um plano de recuperação dos



Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República

portos brasileiros. Para isso, tem que trabalhar 24 horas por dia para que a gente possa, no final do mandato, apresentar resultados.

Boa sorte e que Deus te abençoe, querido.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/REL140507-2.DOC>

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos, por ocasião da visita do presidente do Senegal, Abdoulaye Wade

Palácio do Planalto, 16 de maio de 2007

Excelentíssimo senhor Abdoulaye, presidente da República do Senegal,
Senhores ministros de Estado do Senegal e do Brasil,
Senhores integrantes das delegações do Senegal e do Brasil,
Meus amigos e minhas amigas,

Esta é a segunda viagem ao Brasil, em menos de um ano, do presidente Wade. Sua presença, aqui, mostra o muito que une nossos países e tudo o que podemos realizar juntos.

Estamos determinados a transformar em realidade esse imenso potencial de afinidades.

A recente recondução do presidente Wade ao comando do país, pelos eleitores senegaleses, expressa o reconhecimento de seu povo para com a obra por ele realizada.

Suas reflexões sobre o futuro da África e os esforços de seu governo para a inclusão social fazem dele um dos líderes mais respeitados da região. Apontam o caminho para um continente mais justo, que crescentemente tem consciência de suas responsabilidades na solução dos imensos problemas que lhes deixou a herança colonial.

O Brasil está engajado solidariamente nessa empreitada que o presidente Wade e outros dirigentes africanos conduzem. Compartilhamos com ele a luta contra a fome, a pobreza e a desigualdade.

Por sugestão senegalesa, o Brasil sediou a segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, realizada no ano passado em Salvador. Devemos repetir iniciativas como essa. Através do diálogo, certamente, vamos encontrar soluções para os problemas que enfrentamos.

Meu caro presidente Wade,

Senegal e Brasil têm o desenvolvimento sustentável como meta maior.

Por isso, estamos construindo uma parceria voltada para as gerações futuras. Com esse objetivo, estamos assinando um acordo de cooperação técnica para viabilizar a produção de energia renovável no Senegal.

Sei que Vossa Excelência é um entusiasta dessa revolução. Temos ao nosso alcance fontes energéticas fartas, limpas e baratas.

A produção de energia alternativa a partir da biomassa valoriza algo de que dispomos em abundância: sol, terras aráveis e criatividade.

Os biocombustíveis oferecem oportunidade extraordinária para gerar empregos e renda de forma sustentável na agricultura.

Ajudará a diversificar nossas exportações.

Colocará nossos países na vanguarda de uma revolução tecnológica para a qual dispomos de vantagens comparativas.

O Senegal já está dando os primeiros passos nessa direção, ao decidir capacitar, no Brasil, seus técnicos nas áreas de etanol e biodiesel.

Sob a liderança do Senegal, queremos levar essa iniciativa para os demais países africanos não-produtores de petróleo, reunidos na chamada Opep Verde.

Os demais acordos assinados nesta visita também privilegiam a capacitação profissional do homem do campo. Vamos combater a praga do gafanhoto, para que os agricultores nunca mais tenham que ver suas lavouras dizimadas e suas famílias desamparadas. Vamos cooperar para melhorar a produtividade da horticultura e da pecuária leiteira e de corte.

Para seguir estreitando os laços de diálogo e cooperação entre nossos dois países precisamos de contatos e de comunicações rápidos e ágeis.

Não me canso de repetir: enquanto for mais fácil a um empresário brasileiro ir à Europa ou aos Estados Unidos, ele não irá fazer negócios na África. E o mesmo vale para o empresário senegalês. Não podemos falar em integração Sul-Sul quando só chegamos a outro país do Sul passando por um país do Norte.

As comunidades de negócios do Senegal e do Brasil já saíram na frente.

Estão utilizando o vô que liga o Ceará a Cabo Verde para começar a realizar o potencial de nosso comércio e de nossas economias.

O estado de Pernambuco tem demonstrado interesse em criar um corredor comercial entre Recife e Dacar, cidades distantes apenas três horas

de vôo.

Por tudo isso, o presidente Wade e eu nos comprometemos, na reunião que mantivemos há pouco, em redobrar esforços para estabelecer ligações diretas, aéreas e marítimas, entre nossos dois países. Um passo importante nessa direção é o acordo que acabamos de firmar agora sobre serviços aéreos.

Senhoras e senhores,

Queremos levar essa parceria entre nossos países cada vez mais para os foros internacionais.

O mundo tem de ouvir nossa voz. Temos muito a contribuir para o debate das grandes questões do nosso tempo. Sabemos que nossa participação ativa nos processos decisórios multilaterais é indispensável para atender os anseios de nossas populações.

Dentro desse espírito juntamos esforços em favor de uma rápida conclusão da Rodada Doha, de forma a beneficiar os países mais necessitados.

Para isso, precisamos convencer os países ricos a eliminar subsídios agrícolas que impedem que os agricultores nos países em desenvolvimento prosperem por força de seu trabalho e de sua competitividade.

Defendemos uma reforma abrangente da ONU, sobretudo de seu Conselho de Segurança. Por isso, agradeço o apoio – que nunca nos faltou – do Senegal em favor da presença permanente do Brasil em um Conselho ampliado.

Esse é um gesto de confiança na capacidade de o Brasil contribuir para que as decisões desse órgão sejam mais democráticas, representativas e legítimas.

Querido amigo, presidente Wade,

Tenho bem viva na memória a visita que fiz ao Senegal em 2005. Guardo, com carinho, as extraordinárias manifestações de afeto e amizade que recebi de Vossa Excelência e do povo senegalês.

Recordo o impacto que me causou a visita à Ilha de Gorée. Dali saíram muitos africanos, escravizados, rumo ao Brasil. Durante quatro séculos, esses imigrantes forçados e seus descendentes imprimiram sua marca no modo de ser dos brasileiros, ajudando a construir a rica diversidade de nosso País.

Vossa Excelência bem sabe o quanto valorizamos a decisiva contribuição africana para a formação da nação brasileira.

Temos orgulho de sermos um povo irmão, de compartilhar incontáveis traços em comum com os senegaleses e outras nacionalidades da África.

O doloroso passado daquela Ilha deve servir como um permanente alerta contra todo tipo de injustiça, opressão ou crueldade.

Por essa razão, meu governo tem tomado medidas para promover a plena participação da população afro-descendente em todos os aspectos da vida nacional.

Queremos que todos os brasileiros possam aspirar aos frutos do desenvolvimento com justiça social e econômica.

É com esse mesmo espírito de solidariedade que renovo a disposição brasileira de contribuir, com criatividade e empenho, para que um novo padrão de desenvolvimento justo se afirme no continente africano – mais justo e mais solidário.

Pode contar conosco, presidente Wade. O Brasil e o Senegal são e serão parceiros nessa luta para que a gente possa combater as desigualdades e ajudar a desenvolver os dois países. No que depender do nosso querido Brasil saiba, presidente Wade, que Vossa Excelência tem no Brasil um povo amigo e tem no Brasil um governo amigo do governo do Senegal.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Usina de Biodiesel da Brasil Ecodiesel

Porto Nacional-TO, 18 de maio de 2007

Primeiro, obrigado pelo boné porque ele está livrando a minha cara do sol. Quando cheguei aqui, pensei em fazer uma crítica, mas agora sou obrigado a fazer um elogio. Normalmente, quando a gente vai fazer um ato, o povo fica com a cara para o sol e a gente fica na sombra. Hoje, colocaram vocês com a cara contra o sol, e nós aqui, com a cara tomando sol. Eu estou elogiando, aqui, na frente do povo, mas depois eu vou pegar os organizadores para ter uma conversa com eles.

Segundo, companheiros, eu queria dizer para vocês da minha alegria de estar, outra vez, em Tocantins, com o nosso companheiro Marcelo Miranda. Convidei especialmente o senador Renan Calheiros para que ele, como presidente do Senado, que tem nos ajudado este tempo inteiro, viesse ver o que é uma usina de biodiesel.

Eu queria dizer para vocês que, possivelmente, nem eu, presidente, nem o ministro das Minas e Energia e nenhum de vocês têm ainda dimensão do que está fazendo quando inauguramos uma fábrica de biodiesel. Nós todos – e eu queria dizer isso, professor Expedito – talvez não tenhamos dimensão do que está acontecendo no Brasil e no mundo para os próximos 15 anos.

Vejam, nós estamos provando – depois que o professor Expedito Parente, em 1975, patenteou o biodiesel – que a gente pode construir combustível, não apenas do petróleo, mas que a gente pode, em vez de cavar um buraco de 5 mil metros de profundidade, porque é assim que a gente faz hoje... A Petrobras, para fazer prospecção de petróleo, tem que, primeiro, descer uma broca numa lâmina d'água de 2 mil metros de profundidade; depois que desce 2 mil metros no fundo da água, ela tem que perfurar mais 2 ou 3 mil metros no fundo da terra, para depois achar petróleo.

Com o biodiesel – a revolução é esta – é que a gente, com uma covinha de 20 centímetros, pode plantar petróleo, pode plantar através da mamona, através da soja, através do girassol, através do caroço de algodão, através do

dendê. É uma revolução que o Brasil está fazendo para o mundo inteiro, que vai ter que utilizar um outro tipo de combustível para que a gente deixe de aquecer o Planeta, porque o petróleo emite um gás e esse gás vai criando uma nuvem e vai permitindo que os raios solares cheguem até nós e vá causando outras coisas.

Então, o que aconteceu? O Brasil criou, por causa de cientistas competentes como o professor Expedito Parente, inventou isso. E a gente está inaugurando não apenas uma fábrica de biodiesel, a gente está inaugurando uma fábrica de gerar empregos. Quantos trabalhadores, aqui em Porto Nacional, vão trabalhar? Mil e 500 famílias aqui, ou seja, nós já temos praticamente 60 mil famílias trabalhando para as empresas da Brasil Ecodiesel. Agora, qual é o nosso desejo? O nosso desejo é que a gente construa mais usinas de biodiesel nos lugares mais pobres deste País, para que a gente possa utilizar a agricultura familiar, para que a gente possa gerar emprego e renda para milhões de brasileiros que já têm o seu pedacinho de terra e que, muitas vezes, não têm nenhum rendimento.

Nós, então, queremos fazer uma revolução. O mundo inteiro vai ter que se curvar a isso. Eu liguei um trator, ali, 100% a biodiesel. Não tem cheiro de óleo, não fede e, muito mais, não solta aquela fumaça preta que o óleo diesel solta. Então, nós estamos produzindo um combustível que, quando a gente liga o carro, tem cheiro de batata frita e não aquela fedentina do óleo diesel. E isso, na verdade, sem violentar o Planeta, contribuindo para que a gente evite emissão de gases, contribuindo para que a gente gere empregos e contribuindo não apenas para o crescimento do Brasil, porque esse programa está pensado não apenas para o Brasil, mas está pensado para a África. O mundo rico, se quiser ajudar os países mais pobres do mundo, ninguém precisa de esmola, o que nós precisamos é de investimento em projeto, porque cada pequeno projeto desses gera milhares de empregos, e vocês viram o que disse o prefeito aqui de Porto Nacional. É por isso que isso é uma espécie de paixão para mim.

Eu estava dizendo que, quando eu estiver velhinho, andando por este País, em cada fábrica de biodiesel que eu for, eu vou dizer: “eu fui um dos que ajudou a construir o biodiesel e a produzi-lo, não apenas para o Brasil, mas para o mundo inteiro”.

Eu quero dizer para o Nelson e os diretores da Brasil Ecodiesel, dizer ao ministro de Minas e Energia, que onde tiver uma inauguração, eu estarei lá. Estarei porque eu sei o que significa para o Brasil a produção de biodiesel, a produção de álcool, e eu sei o que significa para o mundo. Nós vamos ser – prestem atenção no que eu estou falando, eu não sei se vou estar vivo daqui a 20 anos –, nestes próximos 20 anos, certamente o Brasil será a maior potência energética do planeta Terra.

Por isso, meus companheiros, meu caro prefeito, eu não poderia deixar de vir aqui. Vim aqui para poder constatar mais um sucesso. Agora, eu fiquei sabendo que tem mais uma para a gente inaugurar em São Luís do Maranhão; fiquei sabendo que tem mais uma para inaugurar em Rosário, no Rio Grande do Sul; e, parece-me, mais uma no Nordeste. E esse Programa, gente, é para ajudar os estados mais pobres do Brasil. O que nós queremos é ajudar as regiões mais empobrecidas deste País. Sabem por quê? Porque nós queremos que o Brasil seja igual, nós não queremos um Brasil de um Sudeste rico e de um Nordeste pobre; um Brasil de um Sudeste rico e de um Centro-Oeste pobre. Nós queremos que este Brasil seja igual e que em todos os lugares a gente tenha oportunidades.

Por isso, eu quero dar os parabéns à diretoria da Brasil Ecodiesel. O Nelson é um parceiro nisso, a Petrobras é outra parceira. Quero agradecer ao governador e dizer a todos vocês, trabalhadores brasileiros: nós temos consciência de que a vida do povo brasileiro está mudando; nós temos consciência do que significa o programa Luz para Todos; nós temos consciência do que significa o Bolsa Família; nós temos consciência do que significa o ProUni, o ProJovem, o Soldado Cidadão; nós temos consciência do que significa o Crédito Consignado; nós temos consciência do que significa o Programa Nacional de Desenvolvimento da Educação Brasileira. É por isso que, nestes próximos quatro anos, o Brasil vai continuar melhorando, vai continuar crescendo e o povo brasileiro vai poder viver bem melhor, com mais emprego, com mais renda e com melhor qualidade de vida.

Vejam, nós iríamos atingir a meta de 840 milhões de litros em 2008 e já atingimos em 2007. Nós iríamos pôr 5% em 2013 e vamos colocar, sabe quando? Em 2010, porque nós não temos, na verdade, controle do crescimento extraordinário do biodiesel.

O Nelson disse uma coisa que é verdadeira: o que nós descobrimos é que temos na mão uma matéria-prima extraordinária, nós temos sol, nós temos terra, nós temos água e nós temos trabalhadores, nós temos a mamona, nós temos a soja, nós temos o girassol, temos o caroço de algodão, temos o dendê, temos o pinhão-manso. Ou seja, nós temos uma quantidade de oleaginosas que nenhum país do mundo tem. Nenhum tem a quantidade de terras agricultáveis que nós temos, nenhum tem a quantidade de dias de sol que nós temos, nem tem a quantidade de terras disponíveis e de oleaginosas, de plantas que dão óleo, para a gente produzir biodiesel. Portanto, eu acho que Deus cumpriu a sua parte conosco. Agora, nós é que temos que responder a Ele, fazendo deste País o país mais extraordinário do mundo.

Muito obrigado, meus companheiros. Parabéns, Marcelo Miranda, parabéns à Brasil Ecodiesel, parabéns à Petrobras e parabéns ao povo de Porto Nacional. Um abraço.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do trecho Aguiarnópolis-Araguaína da ferrovia Norte-Sul

Babaçulândia,TO, 18 de maio de 2007

Meu caro amigo e governador do estado do Tocantins, Marcelo Miranda,
Meu caro companheiro e amigo Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Meu caro amigo Blairo Maggi, governador do estado do Mato Grosso,
Meu caro companheiro Alfredo Nascimento, ministro de Estado dos Transportes,

Meu caro Silas Rondeau, companheiro ministro de Estado de Minas e Energia,

Meu caro Carlos Gaguim, presidente da Assembléia Legislativa do estado de Tocantins,

Senador Leomar Quintanilha e senador João Ribeiro,

Deputada Nilmar Ruiz,

Deputados federais Lázaro Botelho, Osvaldo Reis e Vicentinho Alves,

Senhora Valderez Castelo Branco Martins, prefeita de Araguaína,

Senhor Agimiro Dias da Costa, prefeito de Babaçulândia,

Meu caro José Francisco das Neves, nosso companheiro Juquinha, presidente da Valec,

Meu caro Célio Moura, coordenador da Frente Popular de Araguaína,

Deputados estaduais,

Vereadores,

Companheiras e companheiros do estado de Tocantins,

Companheiros representantes da turma dos Agentes Jovens,

Os nossos companheiros representando a Frente dos Moto-Táxis de Araguaína,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Primeiro, quero agradecer aqui a presença do senador Renan Calheiros

que, atendendo a um convite meu, veio conhecer esta obra. Eu também queria trazer o presidente Sarney porque como eu fui um crítico muito forte, em 1987, quando o Sarney anunciou esta ferrovia, e eu fazia muitas críticas a ele, eu precisei virar presidente da República para compreender a importância desta obra. Eu fiz questão, já que não pude trazer o Sarney, de trazer o Renan, que é o presidente do Sarney, no Senado, para que ele seja testemunha, primeiro, da alegria demonstrada na cara de cada homem e de cada mulher pelo fato desta ferrovia ter chegado aqui. Aqui agora vai ter um pátio, vão se instalar empresas, outras empresas também virão e vocês vão perceber que a ferrovia funciona, para o País, como uma artéria funciona para o corpo humano. É levando sangue e trazendo sangue para o coração, para que o nosso coração continue batendo.

Atrás de uma ferrovia destas vem o progresso, atrás do progresso cresce a cidade, atrás do progresso vem o emprego, atrás do progresso vem a renda, atrás do progresso e de uma ferrovia destas a gente vai perceber que o estado de Tocantins, quando tiver esta ferrovia toda concluída, será outro estado, mais rico, mais desenvolvido, que vai gerar mais empregos.

Eu perguntava agora ao Juquinha quantos empregos nós geramos para construir este trecho que inauguramos hoje. E ele me dizia: “Presidente, aproximadamente 2 mil e 500 empregos diretos e outros 5 mil indiretos.” E eu perguntava para ele: nós vamos inaugurar um trecho de 210 quilômetros em julho do próximo ano, e depois vamos inaugurar um outro trecho, perfazendo 350 quilômetros. Nesse trecho nós vamos gerar 7 mil empregos diretos na ferrovia e no fundo, no fundo, o que conta, além de tudo isso, é a gente perceber que um pai de família pode trabalhar e pode levar para casa o sustento da sua família com um trabalho honrado, do seu suor e do seu sangue.

Mas eu queria dizer para vocês, meus companheiros e companheiras, que o PAC que nós lançamos no dia 22 de janeiro deste ano, o chamado Programa de Aceleração do Crescimento, é o maior programa planejado já anunciado no Brasil. Serão 504 bilhões de reais que vamos investir em infraestrutura na área de transporte, na área de portos, na área de habitação, na área de saneamento básico, na área de ferrovias e na área de aeroportos, para que a gente possa transformar o Brasil num país rico, num país de Primeiro

Mundo, num país que não fique devendo nada a ninguém.

É importante lembrar a vocês que nós fizemos um grande sacrifício no primeiro mandato e mais ou menos cada trabalhador aqui sabe que quando a gente começa a fazer uma casinha, e a gente se muda para dentro dela sem estar acabada, às vezes a gente faz o primeiro quarto, uma cozinha e um banheiro, sem rebocar, mas a gente vai lá para dentro. Não oferece conforto para a família, mas a gente oferece segurança e esperança de que a casa será concluída. Aí a gente vai terminando, mais um quarto, um banheiro, vai melhorando e montando a cozinha, para a gente dar segurança para a família da gente.

No primeiro mandato, o que nós fizemos foi isso, foi preparar o Brasil que estava desarrumado, que estava desesperançoso, que estava sem rumo. Nós preparamos o Brasil com um sacrifício imenso, para que a gente pudesse chegar, olhar na cara de uma criança, de uma mãe ou de um pai, e dizer para vocês: não tem nenhum momento da história do Brasil em que o Brasil esteja tão arrumado como está agora, tão preparado como está agora.

Por isso, nós lançamos o PAC no dia 22 de janeiro e no mês de março nós lançamos o PDE, o Programa de Desenvolvimento da Educação, porque nós queremos cuidar melhor das nossas crianças na escola, mas queremos cuidar melhor dos nossos adolescentes que foram abandonados nesses últimos 20 anos e de muitos jovens, de 17 a 24 anos, que abandonaram a escola porque não tinham possibilidade de estudar. Nós vamos recuperar o direito desses jovens estarem na escola porque, se eles não estudarem, eles podem ir para a criminalidade e vai ficar muito mais caro cuidar de um bandido do que cuidar de um jovem trabalhador e de um jovem estudante.

Temos outras coisas importantes para fazer. Os nossos programas de políticas sociais vão melhorar, estejam certos disso. Os nossos programas, todos eles, na área da saúde vão melhorar, porque agora nós não precisamos mais ficar pensando na estabilização da economia, ela já está estabilizada. Nós não precisamos ficar preocupados com a inflação porque ela está efetivamente controlada, nós não precisamos ficar pensando na dívida com o FMI porque não devemos nada ao FMI, nem um centavo.

Nós agora temos que pensar em cuidar do povo brasileiro, cuidar dos mais pobres. É importante que as pessoas saibam e eu vou repetir sempre: eu

sou um presidente da República que tem compromisso com todos, com o rico e com o pobre, com o empresário grande e com o empresário pequeno, mas a nossa prioridade é cuidar dos mais pobres porque são eles que precisam mais do governo. São eles que precisam do governo e nós temos que entender que investir dinheiro em pobre é investimento também, que investir na educação é investimento também, e este País está tendo uma oportunidade que Deus permitiu que nós construíssemos juntos. É por isso que eu quero agradecer, o Arlindo Chinaglia não pôde vir, mas aqui tem deputados, senadores e o nosso Renan Calheiros, porque muitas vezes aparece na imprensa uma guerra entre o Congresso e o governo. A verdade, nua e crua, é que tem gente que não quer que o Brasil dê certo, mas a maioria, no Senado e na Câmara, está trabalhando para que este País dê certo, está trabalhando para aprovar.

Eu digo todo santo dia: não tem problema que um inimigo meu me faça críticas todo dia. Pode fazer, não tem nenhum problema, pode fazer quantos discursos quiser contra o presidente da República, mas quando tiver um projeto no Congresso Nacional, que não é um projeto de interesse do presidente, mas de interesse da nação brasileira, eu peço: pelo amor de Deus, vamos deixar o ódio embaixo da mesa e vamos votar as coisas de que este País precisa, porque este País não comporta mais briga pequena, este País não comporta mais acusações, insinuações em época de eleição.

Esses dias, o governador Marcelo Miranda me procurou muito triste, dizendo o quanto o atacam, o quanto mexem com a vida dele. Eu disse para ele: Marcelo, só tem um jeito de a gente vencer essas pessoas que fazem política rasteira, essas pessoas que fazem política de baixo nível, essas pessoas que não respeitam a família dos outros, essas pessoas que não respeitam a intimidade dos outros ou o trabalho, só tem um jeito de a gente vencê-los: é deixá-los falar e não responder, não perder a tranquilidade, porque quem vai julgar essa gente não é você, Marcelo, é o povo de Tocantins que vai julgá-los no momento certo. Você não foi eleito para brigar com os seus adversários, você não foi eleito para xingar os seus adversários, você foi eleito para cuidar desse povo. Então, meu filho, cuide desse povo, cuide com carinho, porque é isso que conta, no final das contas. E o orgulho de um político é poder fazer como eu faço todo dia, não tem lugar deste País em que eu não entre de cabeça erguida e não saia de cabeça erguida. A honra e a

dignidade de um ser humano não é uma conquista da quantidade de anos que a pessoa passou na escola. Essa coisa de caráter a gente aprende é no berço, a gente aprende é com a mãe e com o pai da gente. E esse é um valor que não tem preço. É por isso que o Brasil está dando certo. Eu tenho a humildade, Marcelo, de conversar com os meus opositores, afinal de contas, eu aprendi uma lição: quando um lutador de boxe derruba o outro, não é o que cai que se levanta para cumprimentar o que ganhou, é o que ganhou que, humildemente, se agacha para cumprimentar o que foi derrotado.

Então, meu caro, nós somos vencedores, nós temos que ter humildade e uma única preocupação: cuidar desse povo, cuidar dos nosso velhos, das nossas velhinhas – nossos velhos não, porque eu também já passei dos 60, já estou na terceira idade –, cuidar dos nossos experientes brasileiros que são as pessoas da minha idade, com mais de 60 anos, mas também cuidar da nossa criança, cuidar do nosso jovem, cuidar das nossas meninas. Você sabe, Marcelo, que 30% das meninas de 15 a 17 anos que deixaram de estudar foi porque tiveram gravidez indesejada. E nós precisamos cuidar dessas meninas, porque vem um filho indesejado, depois vem outro, depois vem outro, e essa menina nunca mais vai se recuperar. E nós precisamos dizer: a recuperação para esses jovens é a escola, é formação profissional, é carinho. E eles têm que saber que o governo está preocupado com eles.

Meus companheiros e companheiras, eu queria ler aqui algumas coisas para vocês. No fundo, no fundo, eu já fiz o discurso sem ler, mas eu preciso ler porque depois o Marcelo, na hora em que for fazer um jornal aí, ele coloca o meu discurso na íntegra.

Mas companheiros,

Algumas obras fazem mais do que encurtar distâncias, desenvolver economias, gerar empregos. Algumas obras mobilizam mais do que simplesmente recursos financeiros, máquinas, força de trabalho. Algumas obras são mais que o somatório do ferro e do concreto que a compõem, porque contemplam sonhos, mobilizam corações, tocam a alma de um povo.

A ferrovia Norte-Sul é uma dessas obras, ela toca a alma de cada cidadão brasileiro e de cada cidadão tocantinense. Aqui no estado, há quem considere a Norte-Sul quase tão importante quanto a própria criação do estado de Tocantins. Há quem a defina como o grande pulmão logístico, a grande

revolução na geração de emprego e renda. Há quem a coloque quase no patamar de obras como a construção de Brasília e da BR-153 que Juscelino fez, a Belém-Brasília. E há quem diga, com simplicidade e poesia, que a ferrovia Norte-Sul toca a alma tocantinense. E eu digo que ela toca a alma do nosso País.

Opiniões como essas, que tenho colhido em andanças, não só no Tocantins mas nos outros estados direta ou indiretamente beneficiados pela Norte-Sul, confirmam o acerto de decisões importantes que tomamos desde o início do nosso governo.

Primeiro, a nossa decisão de colocar novamente nos trilhos o transporte ferroviário deste País, resgatando-o do abandono para fazer dele um poderoso indutor de crescimento. Depois, a nossa decisão de investir, nas ferrovias, nada menos que 8 bilhões de reais do PAC, até 2010. Prestem atenção, são 8 bilhões de reais em ferrovias que vamos aplicar, e não estou contando aqui o anúncio que fez o Alfredo, de que está prestes a ser anunciado o trem-bala, ligando São Paulo ao Rio, que terá um investimento de 9 bilhões de dólares. E finalmente, mas não menos importante, a nossa decisão de transformar em realidade o antigo sonho da ferrovia Norte-Sul.

Meus amigos e minhas amigas.

A Norte-Sul foi projetada para promover a integração nacional, reduzindo custos de transporte de longa distância e interligando o Norte e o Nordeste ao Sul e ao Sudeste, por meio de suas conexões com ferrovias privadas. Antes mesmo de ficar pronta, ela já começa a cumprir essa missão. Por onde passam seus trilhos, e mesmo por onde eles ainda passarão, a Norte-Sul deixa um rastro de desenvolvimento.

No trecho já em operação no Maranhão, por onde hoje circulam 1 milhão e 600 mil toneladas de carga por ano, cresce a área plantada, aumenta a produção de grãos, eleva-se a geração de emprego e renda.

Não é outro o destino reservado ao Tocantins. Hoje, empresários do Brasil inteiro, e também de outros países, disputam a oportunidade de investir no estado. Apresentam projetos, compram terras, constroem fábricas, contratam mão de obra.

Daqui a pouco estarei em Porto Nacional, inaugurando uma usina de biodiesel com capacidade de produção de 108 milhões de litros por ano. É uma

das três maiores usinas do país e, para alimentá-la, 5 mil famílias tocantinenses plantam mamona, soja e girassol e certamente começam a colher como resultado uma vida melhor.

Já existe outra usina pronta, em Paraíso do Tocantins, e em breve teremos uma terceira, aqui mesmo neste Pátio de Araguaína, com uma produção estimada de 50 milhões de litros de biodiesel por ano. Além disso, num futuro muito próximo, pelo menos cinco usinas de álcool estarão instaladas aqui neste estado.

Com o álcool e o biodiesel, consolida-se uma nova vocação tocantinense para além das tradicionais soja e pecuária, setores que, por sinal, estão se expandindo, como demonstram o aumento da área plantada de grãos e a chegada de grandes frigoríficos.

Duas usinas esmagadoras de soja, para a produção de óleo comestível, vão se instalar no estado, agregando valor ao produto exportado.

Em breve, estará operando aqui mesmo neste Pátio uma indústria frigorífica de grande porte, voltada à exportação, com um curral para 500 cabeças de gado e câmara frigorífica com capacidade de armazenagem de 100 toneladas de carne.

Assim, rumo ao porto de Itaqui, no Maranhão, e de lá para o restante do mundo, sairão grãos e farelos, fertilizantes e adubos, álcool e biodiesel, carne bovina e óleo de soja, algodão e o cimento que será produzido pela futura fábrica da Votorantim, implantada aqui neste estado.

Cada uma dessas e de muitas outras cargas circulará pelos trilhos da Norte-Sul levando um altíssimo valor agregado: geração de emprego, renda e divisas, distribuição de riqueza e melhoria na qualidade de vida de todo o nosso povo tocantinense.

Minhas amigas e meus amigos.

A Norte-Sul é uma das obras mais importantes de infra-estrutura do País. Ela contribuirá de forma extraordinária para o avanço do nosso Programa de Aceleração do Crescimento. Ajudará a combater as desigualdades regionais e a exclusão social. Aumentará a produção e a competitividade do nosso País.

No nosso governo – e esse dado é importante lembrar – já construímos 153 km, entre Aguiarnópolis e Araguaína. Até o ano de 2009, construiremos novos 358 km, de Araguaína a Palmas; e, até 2010, mais 280 km, agora em

Goiás, no trecho entre Anápolis e Uruaçu.

Assim, nos oito anos do nosso governo, prestem atenção: teremos construído 791 km da ferrovia Norte-Sul, ou seja, três vezes e meia mais do que tudo o que foi feito de 1987, quando o presidente Sarney anunciou, até 2003, quando eu tomei posse na Presidência da República.

E o curioso é que quando o presidente Sarney resolveu fazer a Norte-Sul, mais de 20 anos atrás, muita gente foi contra, dizendo que ela serviria apenas para unir o nada a lugar nenhum. E eu fui um desses que fez críticas ao presidente Sarney. E como eu disse no começo, com muita humildade, a grandeza de um homem não é acusar, a grandeza de um homem é ter a dimensão de reconhecer e pedir desculpas pelos erros que cometeu.

E por que mudei de idéia? Porque entendi que esta ferrovia, na verdade, une o Brasil ao Brasil, promove o encontro do país consigo mesmo. Ajuda a diluir a fronteira entre o Brasil rico e o Brasil ainda pobre, entre o País desenvolvido e o País durante muito tempo condenado ao atraso.

A Norte-Sul contribui para fazer deste um país inteiro, um Brasil de todos, que nunca mais voltará a ser um país de poucos.

Muito obrigado, parabéns ao povo de Tocantins e parabéns ao nosso querido Marcelo.

Leia a entrevista e o release sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/Entrevistas/PR152-2.DOC>

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/REL170507-1.doc>

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura do Seminário sobre Biocombustíveis

Assunção-Paraguai, 21 de maio de 2007

É uma alegria para mim juntar-me ao presidente Nicanor na abertura deste Seminário sobre Biocombustíveis. Este evento abre caminho para a entrada do Paraguai no mercado internacional de biocombustíveis.

O etanol e o biodiesel podem representar uma revolução para sua economia e uma esperança para as aspirações de desenvolvimento e prosperidade do povo paraguaio. Os biocombustíveis são fontes de energia barata, renovável e limpa. Geram empregos no campo, agregam valor à produção agrícola, diversificam a pauta exportadora e ajudam a proteger o meio ambiente.

Estudos científicos demonstram o impacto positivo dos biocombustíveis na redução do efeito estufa. No momento em que toda a comunidade internacional discute saídas para a ameaça do aquecimento global, o Paraguai - juntamente com o Brasil - pode oferecer uma resposta. O Paraguai reúne todas as vantagens competitivas para ser um gigante dos biocombustíveis: solo propício para a produção de cana-de-açúcar, clima e solo favoráveis ao plantio de oleaginosas, especialmente da soja, onde tem larga experiência, e uma mão-de-obra qualificada e apta para o desafio de investir na revolução da biomassa energética. Vamos plantar esse "ouro verde" que aflora a poucos centímetros de nossos solos.

O governo paraguaio já deu um passo crucial para tornar realidade essas potencialidades. Hoje é obrigatória a mistura de até 24% de etanol na gasolina e de até 5% do biodiesel no óleo diesel. É dessa maneira que se forma um mercado nacional forte, etapa fundamental para consolidar a produção voltada para a exportação. Foi assim no Brasil. Hoje, vão para o exterior 20% do etanol que produzimos.

A produção brasileira desse combustível só faz crescer, assim como as nossas exportações. A indústria sucroalcooleira do Brasil gera atualmente cerca de um milhão de empregos diretos – muitos em cooperativas e empresas

familiares – e seis milhões de empregos indiretos. Além disso, o Brasil economiza bilhões de dólares em importações de petróleo e derivados.

Igualmente importante, temos um programa que respeita o meio ambiente, fortalece a agricultura familiar, favorece a distribuição de renda e fomenta o desenvolvimento tecnológico. Com cultivos adequados, os biocombustíveis podem e devem andar de mãos dadas com a segurança alimentar e a preservação do meio ambiente. Essa é nossa experiência.

Um sistema de certificação, lastreado em acordos multilaterais, preservará nosso patrimônio ecológico, assim como condições decentes de trabalho. No Brasil, estamos aumentando a produção de biomassa para gerar alimentos e energia, ao mesmo tempo em que estamos reduzindo o ritmo de desmatamento de nossas florestas.

Introduzimos legislação que oferece benefício ao empresário que contratar a produção de pequeno produtor. Vamos transformar regiões pobres, como o semi-árido nordestino, em pólos de geração de renda e cidadania.

O Brasil deseja compartilhar com o Paraguai sua experiência. Por meio do ambicioso Memorando de Entendimento, que estamos celebrando hoje, vamos estimular a instalação da indústria, o comércio e o uso de biocombustíveis no Paraguai. E vamos trabalhar juntos para explorar os mercados emergentes por esse combustível genuinamente paraguaio.

Conversei com o presidente Nicanor sobre a necessidade de a América do Sul aprofundar sua estratégia de integração energética. Nossas riquezas naturais nos fazem uma das poucas regiões auto-suficientes em energia. A parceria entre Paraguai e Brasil em Itaipu, onde vamos inaugurar duas novas turbinas, já está no centro dessa estratégia de explorar fontes limpas, baratas e renováveis. Ao aumentar o suprimento de biocombustíveis, ajudaremos ao fazer do etanol e do biodiesel verdadeiras commodities no mercado internacional. Juntando esforços e escala de produção, poderemos aprimorar a produtividade do setor e criar produtos de maior eficiência energética.

Na OMC, já estamos trabalhando juntos para liberalizar o acesso aos mercados agrícolas dos países ricos. Com os biocombustíveis, teremos ainda mais força e mais razão para exigir a eliminação de subsídios que prejudicam a transformação das biomassas em commodities.

Senhores empresários,

Nossos governos estão empenhados em colocar o Paraguai e o Brasil na vanguarda dessa revolução energética. Este seminário oferece oportunidade excepcional para os homens de negócio de nossos países juntarem esforços e conhecimentos para realizar essas metas ambiciosas.

Companheiro Nicanor,

Estou convencido de que os biocombustíveis oferecem o passaporte para um futuro confiante. O Brasil deseja que o Paraguai e os demais sócios do Mercosul sejam parceiros nessa viagem. Vamos fazer do Mercosul um pólo gerador de biocombustíveis e de progresso. Contem com o Brasil.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos e imposição de condecorações entre o governo brasileiro e o governo do Paraguai

Assunção-Paraguai, 21 de maio de 2007

Embaixador Valter Pécly Moreira, embaixador do Brasil em Assunção,
Meu caro Jorge Samek, diretor-geral brasileiro da Itaipu Binacional,
Senhora Clecy Lionço, sub-secretária adjunta da Secretaria da Receita Federal do Brasil,

Meus amigos e minhas amigas,

Companheiros da Imprensa, que tanto lutam para tirar uma foto, e eu espero que amanhã apareça a mais bonita na imprensa paraguaia e brasileira,

O dever de ofício de um presidente da República é muitas vezes oscilar entre o calor de sua alma latino-americana e a racionalidade do papel que um presidente da República tem que exercer.

Eu, em primeiro lugar, quero manifestar a minha gratidão ao meu companheiro e amigo Nicanor Duarte e dizer que foi uma honra extraordinária receber o Colar da Ordem Nacional do Mérito do Paraguai. Para mim, presidente Nicanor, é motivo de orgulho. Eu tomo esse gesto como uma expressão de amizade e confiança de que nossos dois povos souberam, sabem e vão continuar construindo ao longo dos anos esta amizade extraordinária.

Quando eu assumi a Presidência da República, em 2003, e comecei a ter contatos com os presidentes amigos, eu fiquei imaginando o que seria de um presidente da República depois que ele deixa o seu mandato. E comecei a pensar nisso porque logo depois da minha posse veio a posse do Nicanor, veio a posse de Kirchner, veio a vitória de Tabaré, depois a vitória de Evo Morales, a nova vitória de Chávez, a reeleição de Uribe, a vitória de Alan Garcia, a vitória de Michelle Bachelet e, por último, a vitória de Rafael Correa, do Equador. Muitas vezes eu fico pensando que o tempo de uma nação é muito mais longo do que o tempo da vida humana. Aquilo que para um ser humano

tem um espaço muito longo, na história das nações demora décadas e às vezes séculos.

Quando eu tomei posse, presidente Nicanor, tinha uma visita oficial minha à França. Como o companheiro Nicanor sabe, o presidente Chirac era um homem muito afável, um homem muito fino no trato político, muito alegre, muito expansivo. E tinha uma história de uma ponte construída entre a divisa do Brasil com a Guiana Francesa, lá no extremo Norte do País, no estado do Amapá, na cidade de Oiapoque.

E Chirac me chamou num canto e disse: “Presidente Lula, já fiz uma visita ao Brasil, com o presidente Cardoso, mas eu quero tomar champanhe em cima da ponte que vamos construir entre Brasil e França”. Terminou o meu primeiro mandato, terminou o mandato do Chirac e a ponte não está pronta por problemas de ordem jurídica, por problemas de ordem “não sei o quê”. Eu fico até pensando que, possivelmente, um país rico europeu não queira tanto fazer fronteira com um país latino-americano com tantos problemas. O fato é que a ponte não saiu.

Estou dizendo isso porque também conversamos, logo no começo do seu governo e do meu governo, sobre a segunda ponte no rio, divisa entre Brasil e Paraguai. E a verdade é que o problema não é apenas da burocracia brasileira ou da burocracia paraguaia. Burocracia é burocracia em qualquer parte do mundo. Imaginem o que era burocracia no antigo Estado soviético e imaginem o que é hoje, imaginem o que deve ser nos Estados Unidos, o que deve ser na Alemanha, porque no fundo, no fundo, quem governa os países é essa burocracia, que é a máquina fixa do país, nós somos passageiros.

Mas, vejam, quando nós reclamamos – nós, latinos, gostamos de reclamar bastante – e quando não temos a quem culpar e culpamos a nossa burocracia, é porque nós avançamos de forma extraordinária nas relações entre os países da América do Sul e do Mercosul.

Lembra-se o companheiro Nicanor de quando tomamos posse e, durante o processo de campanha eleitoral, o grande tema na América do Sul era a Alca: “porque os Estados Unidos querem impor a Alca aos países do Mercosul, porque querem impor a Alca à América Latina.” Passados quatro anos, ninguém se lembra que um dia houve uma discussão sobre a Alca. Sabem por quê? Porque nós criamos outros instrumentos e outros

mecanismos, recuperamos a esperança no Mercosul, com todas as deficiências e diferenças assimétricas que existem entre nós. Nós recuperamos o prestígio do Mercosul, ganhamos densidade internacional quando criamos o G-20, em Cancun, quando muitos desacreditavam que o G-20 pudesse ter influência na Organização Mundial do Comércio.

E hoje, Nicanor, passados quatro anos do seu mandato, e passados quatro anos do meu mandato, a gente pode até não perceber, mas nós tivemos uma conquista: hoje, a Organização Mundial do Comércio, liderada pelas poderosas economias do mundo desenvolvido, não ousa discutir comércio exterior, não ousa discutir a Rodada de Doha sem chamar o G-20 para a mesa de negociação. Isso é um avanço extraordinário que, muitas vezes, as nossas inquietações cotidianas não permitem que enxerguemos, mas os avanços são extraordinários nesses quatro anos de governo.

Eu fico imaginando, presidente Nicanor, quantas vezes nós tivemos que enfrentar os preconceitos de brasileiros contra argentinos e de argentinos contra brasileiros; os preconceitos de paraguaios contra o Brasil e os preconceitos de brasileiros contra o Paraguai, o Uruguai, a Bolívia e outros países. Afinal de contas, todos nós aqui, na América do Sul, não nos olhávamos, não estabelecíamos entre nós uma relação de parceria. Todos nós ficávamos na expectativa de que, num gesto de bondade a um país pobre latino-americano, os Estados Unidos iriam salvar as nossas economias ou a União Européia iria salvar nossas economias. Isso nunca aconteceu e nunca vai acontecer.

A grande virtude, presidente Nicanor, da tua passagem pelo governo do Paraguai, da minha passagem pelo governo do Brasil, da passagem do Kirchner pelo governo da Argentina, de Tabaré pelo Uruguai, de Chávez pela Venezuela e de tantos outros companheiros presidentes, para não voltar a citar todos, é que conseguimos estabelecer, entre nós, uma crença, uma utopia política de que a solução dos nossos problemas está na nossa capacidade de convergência e não na nossa capacidade de divergência. Nós passamos a acreditar em nós mesmos, passamos a perceber que seria a integração entre os nossos países, a flexibilização das nossas relações, o manuseio correto da nossa burocracia que iria permitir que nós déssemos passos e pudséssemos chegar hoje e assinar esta quantidade de acordos que estamos assinando.

Eu penso, meus amigos brasileiros e paraguaios, que é importante lembrar quantas vezes, na história das relações Brasil e Paraguai, o Brasil recebeu a quantidade de autoridades paraguaias que temos recebido nesses quatro anos, e o Paraguai, a quantidade de autoridades brasileiras que tem recebido nesses últimos anos. Eu não acredito, presidente Nicanor, que em algum momento da relação entre Paraguai e Brasil, em uma única noite, tenhamos juntado tantos empresários brasileiros e paraguaios. E posso lhe dizer que os empresários que vieram do Brasil são empresários importantes, do setor automobilístico ao setor do álcool e do açúcar, do setor do petróleo ao setor do biocombustível, do setor da construção civil aos bancos de desenvolvimento e de fomento do nosso País, numa demonstração de que, mesmo quando demora, mesmo quando as coisas não acontecem com a rapidez que gostaríamos que acontecessem, há a decisão política do governo de fazer acontecer, e as coisas vão acontecendo.

Você e eu, meu caro amigo Nicanor, seremos testemunhas históricas de que, a partir dos acordos que firmamos hoje, nós estamos vivendo um outro momento nas nossas relações. Não haverá facilidade e, muitas vezes, seremos vítimas de incompreensões de setores empresariais que poderão se sentir prejudicados com o acordo A ou o acordo B. Mas nós, também, não fomos eleitos para atender a esse ou àquele setor apenas, fomos eleitos para atender o conjunto dos interesses da nação que nós representamos. Minha ordem para os meus ministros é de que façam todo o sacrifício que estiver ao seu alcance, eliminem todas as barreiras possíveis para que a gente possa concluir os acordos com o Paraguai, acordos com a Bolívia, acordos com o Uruguai, com a Argentina, porque quanto mais tranqüilidade tivermos na América do Sul, mais chances nós teremos de recuperar o tempo perdido no século XX, quando jogamos muitas oportunidades fora. E é muito importante, meus amigos brasileiros e paraguaios, que a gente não permita, em nome do Estado que representamos, saídas fáceis, porque elas não existem, e benevolências, porque elas não existem. O que existe é a relação soberana entre dois ou mais países que, quanto mais séria for, mais tranqüilidade futura teremos para nós e para os nossos filhos.

Eu estou convencido de que passaremos a viver um outro momento. No Brasil, presidente Nicanor, eu tenho 44 milhões de pobres, seis ou sete vezes a

população do Paraguai. Estamos trabalhando com um olho para resolver os problemas dos pobres do Brasil e, com o outro olho, para que o Brasil, dentro das suas possibilidades, possa ajudar a minimizar a pobreza dos nossos vizinhos. Nem sempre é fácil, nem sempre é possível fazer as coisas que gostaríamos de fazer. Mas, se pegarmos os números que você mostrou ontem, ou melhor, o Ministro da Fazenda mostrou no encontro empresarial, e analisarmos o que aconteceu na economia do Paraguai nos últimos quatro anos e o que aconteceu na economia brasileira nos últimos quatro anos, nós vamos chegar à conclusão de que, se outros presidentes antes de nós tivessem feito o pouco que nós fizemos, certamente o povo paraguaio e o povo brasileiro estariam vivendo muito melhor. E não foi feito, num passado recente, o que nós estamos fazendo: desenvolvendo a economia, cuidando da gente pobre e fazendo governos definitivamente republicanos, governos em que as instituições são respeitadas, em que os acordos são respeitados, governos em que a imprensa é respeitada como jamais foi neste continente.

Nós, meu querido presidente Nicanor, sobrevivemos a isso. E sobrevivemos porque carregamos a nossa consciência tranqüila de que estamos fazendo aquilo que as nossas forças políticas e que os limites das nossas economias permitem que façamos. Não há motivo e nem espaço para desanimar e também não há tema proibido a ser discutido. Há tempo em que você pode discutir determinados temas e há tempo em que você não pode discutir determinados temas.

Eu dizia a vários amigos do Brasil que um dos sonhos que eu tenho é não precisar chegar a 2023 para quitar a dívida de Itaipu. O meu sonho é que antes de chegarmos a 2023 o Paraguai esteja precisando do dobro de energia que Itaipu produz para que a gente possa, em vez de ficar discutindo e ideologizando Itaipu, estar discutindo quantas outras hidrelétricas nós poderemos fazer em parceria neste extraordinário país, que tem uma quantidade de rios e potencial hídrico como poucos têm.

Eu dizia ao presidente Nicanor: na hora em que a economia paraguaia começar a crescer, e acredito nisso como acredito no crescimento da economia brasileira, e tenho provocado os ministros brasileiros e os empresários brasileiros de que é preciso olhar o Paraguai, de que é preciso olhar a Bolívia, de que é preciso olhar o Uruguai, de que é preciso olhar a Argentina... Porque,

no fundo, no fundo, nós temos menos divisões do que parecemos ter e temos muito mais confluências do que alguns pensam que nós temos. E, quanto mais crescer o Paraguai – porque a mim, como presidente do Brasil, não me conforta saber que o Paraguai tem déficit comercial com o Brasil –, eu ficaria muito mais feliz se o Brasil tivesse um pouquinho de déficit na balança comercial com o Paraguai. Daí porque nós precisamos trabalhar, enquanto governo brasileiro, para que empresas brasileiras possam fazer investimentos aqui.

É por isso que trouxemos muitos empresários da área do biodiesel, porque, por enquanto, tem uma discussão um pouco confusa sobre o biodiesel. Mas vou dizer uma coisa aqui para os mais novos registrarem, porque não sei se daqui a 20 anos estarei vivo – já tenho 61 e as probabilidades genéticas não me dão tantas garantias – mas, certamente, daqui a 20 anos, os biocombustíveis serão algo revolucionário no mundo. Daqui a 20 anos, países como o Brasil, como o Paraguai, países da América do Sul e da América Latina e países africanos serão, no século XXI, o que os países do Oriente Médio foram no século XX por conta do petróleo. Com uma diferença: os biocombustíveis geram empregos, geram riqueza e não poluem o Planeta como o petróleo está poluindo.

E quero reafirmar o que eu disse ontem: a disposição do governo brasileiro é de fazer todo o esforço para que uma parte da produção desses biocombustíveis seja feita no Paraguai, porque eu nunca imaginei na vida que, em tão pouco tempo – estão aqui os meus ministros da Agricultura, da Indústria e Comércio –, a gente fosse receber tanta gente de outros países desenvolvidos, da Europa, da Ásia e dos Estados Unidos. Nunca se recebeu tanto num ano. Certamente nós, em um ano, tenhamos recebido mais empresários estrangeiros do que se recebia em décadas passadas, tudo para discutir os biocombustíveis. E seria muito ruim, seria muito pequeno, presidente Nicanor, se o Brasil pensasse só em si, se o Brasil não tivesse a decisão de partilhar essas oportunidades e essas possibilidades com o nosso querido Paraguai. O Paraguai tem terra, tem sol, tem água e tem gente necessitando trabalhar. É isso que me faz pensar, não apenas no meu País, mas pensar no meu continente e além do Oceano Atlântico. Pensar o que pode acontecer com os países africanos que têm, nos biocombustíveis, possivelmente, a grande

chance do século XXI.

Quero, meu querido companheiro, presidente Nicanor, lhe dizer da alegria de vir ao Paraguai numa visita oficial, ainda no seu mandato. Já estava pensando que você não gostava de mim, porque ainda não tinha me convidado para uma visita oficial. E pode saber, Nicanor, pode ter certeza de que o que nós fizemos hoje vai dar frutos, o que nós fizemos hoje vai produzir efeito ao longo do tempo para a economia paraguaia e para a economia brasileira. Os contra, não tem problema, até porque só podem existir contras se existir democracia, e a democracia compensa a gente ter gente contra, compensa a gente ter gente criticando, porque eu não quero nunca mais, no meu País, viver os períodos que eu vivi de 1964 a 1985, quando a gente não podia ser contra: ou era a favor ou não podia ser contra.

A democracia tem um custo, mas é o custo mais extraordinário que um político pode pagar, que é o da convivência democrática na adversidade, porque é no debate que a sociedade aprende, é no debate que a sociedade amadurece e é no debate que a sociedade vai compreender que um dia haverá tantas empresas produzindo produtos aqui neste País, que Itaipu não será mais motivo de discussão entre nós. Estaremos discutindo quanto vamos investir para construir a hidrelétrica de Corpus ou quanto vamos gastar para investir em outras hidrelétricas, porque é o crescimento econômico que vai fazer um país necessitar de energia elétrica.

Eu, Nicanor, saio daqui realizado como ser humano e como político, porque acabou o tempo, no meu País, em que pessoas falavam do Paraguai com adjetivos ou recebiam adjetivos de outros países. A gente não mede um país pela quantidade de habitantes, a gente não mede um país apenas pela renda per capita, a gente mede um país pela história e pela dignidade de um povo, e este pequeno Paraguai tem história e tem dignidade.

Por isso, para homenagear o povo paraguaio, eu queria, também retribuindo, dedicar ao presidente Nicanor o Grande Colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, que é a mais alta condecoração brasileira. E principalmente homens que respeitamos e que têm respeito pelo Brasil são merecedores desse Grande Colar que eu gostaria de colocar no seu peito.

Muito obrigado a todos.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das unidades geradoras 9A e 18A da Usina
Hidrelétrica de Itaipu**

Foz do Iguaçu-PR, 21 de maio de 2007

Meu querido companheiro presidente da República do Paraguai, Nicanor Duarte Frutos, e sua esposa Maria Glória,

Meu querido companheiro Orlando Pessuti, governador em exercício do estado do Paraná,

Minha querida companheira Marisa,

Meus queridos companheiros ministros de Estado do Paraguai e do Brasil,

Meu querido amigo Luiz Bernal, diretor-geral de Itaipu, representando a República paraguaia,

Meu querido companheiro Jorge Samek, diretor-geral de Itaipu, representando o Brasil,

Meus caros conselheiros paraguaios e conselheiros brasileiros,

Diretores do Paraguai e diretores do Brasil,

Funcionários da Itaipu Binacional,

Companheiros do Paraguai e companheiros do Brasil,

Empresários convidados,

Meus amigos e minhas amigas da imprensa brasileira e do Paraguai,

Eu dizia ao presidente Nicanor que o destino nos prega peças que às vezes não sabemos explicar. Possivelmente, muita gente, que está aqui nesta tribuna, há 33 anos era contra a construção de Itaipu. Possivelmente, muita gente que aqui está, assistindo ao meu pronunciamento, era contra Itaipu. As razões eram as mais diversas possíveis, mas tinha uma que, possivelmente,



unificava gente do Paraguai e gente do Brasil: era o fato de, em 1973, o Paraguai ter um regime autoritário e o Brasil ter um regime autoritário, portanto, dois governos autoritários tinham tomado uma decisão de construir Itaipu Binacional, e aqui fizemos muita oposição.

O Samek, na época, era estudante, devia fazer muita passeata com a placa “Fora Stroessner”, “Fora Médici”, “Não a Itaipu”. Luiz Bernal também deve ter feito muita passeata. Nicanor também deve ter feito, não tanta, porque Stroessner era do Partido Colorado, então, não podia contestar seu presidente. E eu fazia oposição ao presidente Médici.

Veja o destino: 33 anos depois, Samek, opositor à Itaipu, e Bernal, possivelmente opositor à Itaipu, são os dois diretores-gerais, representando o Paraguai e representando o Brasil. Eu – que fazia oposição ao regime brasileiro de 1974 e que nunca tinha pensado em entrar na política, nunca tinha pensado em ser sequer vereador no meu País, ainda estava tentando conquistar a dona Marisa e jamais imaginei ter um cargo público qualquer – estou hoje na Presidência da República do Brasil inaugurando o fim definitivo das obras de Itaipu. Também o presidente Nicanor, que na época devia ter 16 aos de idade ou menos, porque o Nicanor tem apenas 50 anos de idade, há 36 anos ele tinha 17 anos, devia ser um militante radical e também não devia jamais ter pensado em entrar na política e estar inaugurando Itaipu, hoje, definitivamente.

Eu estou citando esses fatos para que a gente descubra que a política tem uma dinâmica que muitas vezes ou nós a compreendemos ou não conseguiremos fazer política. Tem muita gente que critica Itaipu do lado paraguaio e do lado brasileiro. Agora, seria importante que alguns críticos do lado brasileiro e do lado paraguaio cerrassem seus olhos por 30 segundos e imaginassem o Paraguai e o Brasil sem Itaipu, o que seríamos hoje, não apenas pela quantidade de empregos que gerou, pela quantidade de riqueza que está gerando, mas pela garantia que tem o Brasil de ter 50% de toda a



energia produzida em Itaipu pelo resto da vida, e a garantia do Paraguai de que sua economia pode crescer e vai crescer. Que cresça a 5%, a 6% ou a 10%, quanto mais crescer, mais energia de Itaipu estará pronta para o Paraguai usar quando quiser e quando a sua economia exigir, possivelmente com mais tranqüilidade que o Brasil, porque agora estamos tentando construir outras hidrelétricas.

Hoje não é tão fácil construir uma hidrelétrica como construímos Itaipu nos anos 70. Hoje a legislação é mais dura, os ambientalistas estão mais exigentes, fiscalizando mais, exigindo cada vez mais. E hoje, também, os governantes têm mais responsabilidades e estão fazendo as coisas com mais cuidado, porque não estamos mais pensando apenas na nossa geração, não estamos pensando apenas nos nossos netos ou nos nossos filhos. Hoje, em cada movimento que fizermos, estaremos pensando na salvação do planeta Terra, porque no fundo, no fundo, é ele que está em jogo. E, no fundo, no fundo, somente nós seremos capazes de destruí-lo ou de recuperá-lo, por isso trabalhamos com mais responsabilidade.

Eu não sei, companheiro Nicanor, quantos paraguaios já vieram visitar Itaipu e não sei quantos brasileiros já vieram visitar Itaipu. Mas eu penso que Bernal e Samek deveriam pensar em convidar as escolas públicas do Brasil e do Paraguai para que as crianças vissem o monumento que o Paraguai e o Brasil foram capazes de construir; para que as nossas crianças pobres cresçam sabendo que dois países foram capazes de fazer uma obra gigantesca como esta, de causar inveja a qualquer país desenvolvido do mundo, com engenharia capaz de desafiar qualquer engenharia do mundo. As nossas crianças, certamente, cresceriam sem uma concepção de submissão com que a nossa geração cresceu, achando que os ricos podiam tudo e que nós, brasileiros e paraguaios, não podíamos nada. Itaipu é o exemplo de que nós não só tivemos competência para construir um gigantesco monumento como este, gerador de riquezas e gerador de desenvolvimento para os nossos



países, como temos consciência de que isto aqui é quase uma poupança que estamos deixando para os nossos filhos, para os nossos netos, para os nossos bisnetos e para os paraguaios e os brasileiros que vão nascer, quando nós não existirmos mais.

Saio daqui convencido, presidente Nicanor, companheiros do Paraguai e do Brasil, de que certamente os adversários continuarão a protestar, algumas pessoas continuarão a criticar e eu fico pensando: o que seria de nós se não tivesse os críticos? Onde estaria a democracia se não tivesse os contrários? O dado concreto e objetivo é que Itaipu, finalmente, está pronta. Daqui para frente, vai ficar muito mais fácil resolver qualquer problema que aconteça entre Brasil e Paraguai por conta de Itaipu. Antes de Itaipu, a gente não tinha muita coisa para disputar, agora estamos disputando. Eu tenho certeza de que depois da reunião que fiz hoje com o presidente Nicanor, com a quantidade de empresários brasileiros que estiveram no Paraguai e com a quantidade de empresários paraguaios que participaram da reunião, eu estou convencido, presidente Nicanor, meus amigos deputados, senadores paraguaios e brasileiros, de que uma nova era começa a acontecer na relação Paraguai e Brasil.

Por isso, eu quero terminar dizendo ao meu companheiro Nicanor: viva o Paraguai, viva o Brasil, viva Itaipu e viva o povo brasileiro e o povo paraguaio! Muito obrigado.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/rel180507.doc>

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da mostra “As Constituições Brasileiras”

Supremo Tribunal Federal – Brasília-DF, 23 de maio de 2007

Excelentíssima ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Nossa querida Mariza Campos Gomes da Silva, esposa do nosso vice-presidente,

Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado,

Meu caro deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Senhores embaixadores,

Senhores ministros do meu governo,

Senhores representantes dos Poderes constituídos da República,

Meu caro ex-presidente da República, José Sarney,

Meus companheiros constituintes de 1988,

Ministros do Supremo Tribunal Federal,

Presidentes dos Tribunais Superiores,

Senhoras e senhores magistrados,

Senhora Celita Procópio, presidente do Conselho Curador da Fundação Armando Álvares Penteado,

Meus amigos e minhas amigas,

É com imenso prazer que participo da sessão solene de abertura das comemorações do bicentenário do Judiciário Independente no Brasil, momento em que também é lançada a exposição sobre as Constituições brasileiras e o seu contexto histórico.

Como os senhores e as senhoras bem sabem, um documento constitucional reflete de maneira emblemática a visão de um povo em determinado período histórico. A história constitucional de um país confunde-se, por certo, com sua própria história.

No caso do nosso País, essa história é marcada por um movimento que intercalou períodos de autoritarismo, centralização e censura com períodos de democracia, descentralização e liberdade, como o que vivemos hoje sob a égide da Constituição de 1988. A atual Constituição foi promulgada como resposta democrática ao Estado autoritário. Foi a expressão da conquista da democracia materializada na lei maior.

Acredito, contudo, que a verdadeira dimensão dessa vitória pode ser melhor compreendida quando visualizamos – mesmo que de modo sintético – o processo evolutivo dessa afirmação democrática.

A primeira constituição brasileira de 1824, por exemplo, preocupou-se em dar unidade ao Estado brasileiro recém-independente, que se estruturava sob as referências dos estados liberais da Idade Moderna.

Um Estado que consolidava desigualdades profundas, as quais se expressavam, por exemplo, na continuidade da escravidão, nas características do nosso regime monárquico e no voto censitário para escolha dos representantes políticos.

A Constituição de 1891, por sua vez, resultou de um movimento político liberal e descentralizador, instituindo a República e o Federalismo. Ela acabou com o voto censitário, mas ainda lhe faltava uma feição democrática plena ao não afirmar, por exemplo, o direito do voto feminino.

As constituições de 1934 e 1937, cada uma ao seu modo, deram vida ao voto feminino e aos direitos do trabalhador, não obstante o autoritarismo e a centralização do poder.

A redemocratização do País, com a Assembléia Constituinte e a promulgação da Constituição de 1946, deu novos ares aos anseios democráticos do período. Seu caráter progressista, entretanto, foi sendo minado por forças conservadoras.

Vieram, então, tempos sombrios a partir de 1964. Os atos institucionais e os textos constitucionais de 1967 e 1969 suprimiram direitos e garantias individuais. A constituição deixava de ser o estatuto jurídico de representação da sociedade para se tornar um instrumento legalizado de repressão institucional.

Contra os grilhões desse regime, ministros desta Casa se levantaram. É importante frisar o papel que o Judiciário brasileiro em muitos momentos

representou como principal fonte de resistência institucional à supressão generalizada de direitos. Basta lembrar, por exemplo, a trajetória de Victor Nunes Leal e Evandro Lins e Silva.

A resposta do povo veio na luta pelas Diretas e foi ouvida em alto e bom som pelos constituintes de 1988. Nossa Constituição representa, sem dúvida, o ponto mais alto da democracia brasileira. Além de cumprir o papel de dar força institucional aos mais amplos valores democráticos, ela aponta um rumo a seguir. Afinal, ela define, em seu artigo 3º, os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária

II - garantir o desenvolvimento nacional

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais

IV - promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade, e quaisquer outras formas de discriminação.

A missão do Estado brasileiro – exercida pelos seus três Poderes – está posta. É a de continuar avançando no cumprimento da revolução democrática anunciada em nossa Constituição.

Eu queria dizer, minha querida doutora Ellen, presidente da Suprema Corte, constituintes e ministros, que possivelmente alguns dos homens que lutaram para que pudéssemos viver este momento de democracia não estão podendo desfrutá-lo. Um deles foi o nosso querido doutor Ulysses Guimarães, presidente da Assembléia Nacional Constituinte, que logo depois faleceu. Figura como Evandro Lins e Silva, que morreu também há pouco tempo, não pode estar participando de um momento como este.

Possivelmente, muita gente jovem ainda não tenha dimensão do que significa a gente poder comemorar as nossas Constituições, no momento em que temos uma Constituição definitivamente democrática. E por que eu digo que muitos jovens ainda não compreendem? É porque a gente vai compreendendo as coisas de acordo com o tempo de vivência e, muitas vezes, num primeiro momento, a democracia é algo de muito mais valor do que aquele que muitas vezes damos à democracia.

Por isso, no dia de hoje, nós temos que dizer em alto e bom som: houve momentos em que tínhamos Constituições democráticas, mas elas permitiam

que determinados setores da sociedade se achassem insubstituíveis no poder. Houve um tempo em que nós tivemos Constituições que também se diziam democráticas em que pessoas, individualmente, achavam que tinham o direito de se perpetuar no poder.

Com erros ou não, meu caro deputado constituinte Nelson Jobim, deputado constituinte Renan Calheiros, Paes de Andrade, que estou vendo aqui, Sigmaringa Seixas, que estou vendo ali atrás, o nosso Tarso Genro, o nosso presidente Sarney, que era o presidente da República naquela ocasião, nós construímos uma Constituição em que o bom entendedor compreenderá que toda vez que um setor da sociedade se achar insubstituível ou toda vez que um homem achar que a nação não pode prescindir dele, a democracia estará correndo perigo. Porque somente uma Constituição democrática como esta permite a alternância de poder e, por permitir a alternância de poder, permitiu aquilo que o Sarney sempre diz: que muitos setores da sociedade já governaram este País. Eu sou o primeiro representante de um segmento que nunca tinha chegado aqui.

Se a democracia permitiu, garantida na Constituição, que um metalúrgico chegasse à Presidência da República do Brasil, se a Constituição da Bolívia permitiu que um índio chegasse à Presidência da Bolívia, significa que eu posso dizer para vocês: não tem nada melhor no mundo do que a democracia exercida na sua plenitude.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de medida provisória que cria pensão
indenizatória aos portadores de hanseníase**

Palácio do Planalto, 24 de maio de 2007

Se eu não tomar o microfone aqui, ele vai querer levar o meu óculos aqui.

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Nosso querido deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados. É extremamente importante você estar aqui porque a medida provisória entra lá hoje e, amanhã, você já coloca ela para votar. Também não é assim.

Meu caro Temporão, nosso ministro da Saúde,
Meu companheiro Paulinho Vannuchi, secretário especial de Direitos Humanos,

Meu caro Jorge Viana, ex-governador do Acre,
Tião Viana,
O primeiro governador do Acre que eu fui visitar, eu fui com o Tião e com o Jorge.

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
O nosso embaixador, que fica sempre atrás da moita escondido, o nosso querido Ney Matogrosso, parceiro (inaudível) nessa luta,

Senadora Ideli Salvatti,
Senador Augusto Botelho, Eduardo Suplicy,
Deputada Cida Diogo e deputada Maria do Carmo,
Se tiver mais deputados, não me deram aqui. Ah, tem mais?
Deputado Chico D'Angelo, Fernando Melo, Juvenil Alves e Luiz Sérgio,
Meus companheiros,



Nossa querida Valdenora Cruz, que fez o uso da palavra,

A nossa querida companheira Terezinha Prudêncio da Silva, ex-companheira do Bacurau, grande Bacurau,

Nosso companheiro, vou contratá-lo para fazer discurso para mim, nesses próximos períodos aí, nosso Mireli,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu vou mandar colocar um pneu novo aí, vou ver se sobrou um daqueles que o Felipe Massa usou para correr esta semana e vou arrumar para você colocar.

Meus companheiros e companheiras,

Eu penso que todos nós temos que ter orgulho de poder viver esse momento em que o presidente da República assina uma medida provisória, porque esse momento tem um sentido, antes de mais nada, de reparação de injustiça no Brasil, de tantas e tantas que nós ainda teremos que fazer reparos. Muitas vezes as pessoas perguntam porque isso não aconteceu antes. É porque as coisas não acontecem antes do tempo que têm que acontecer. Por mais que a gente esteja com vontade de comer uma banana, se a gente não tiver dinheiro para comprar e não tiver como comprar, a gente vai ter que plantar um pé de banana. E pode ficar sentado ali no pé dela, xingando o cacho de banana, ou a bananeira primeiro, dando pontapé; vai ter um dia em que vai nascer um broto, que depois vai virar como se fosse um coração, e depois vai virar um cacho de banana; vamos comer a banana, e ainda comer quando ela estiver madura.

Eu penso que esse é um processo de maturação que o País está passando, é um processo de maturação como o crescimento da vida humana, ou seja, há tempo para tudo na vida humana. E há um tempo em que a gente vai, não apenas enquanto governo, adquirindo consciência, mas a gente vai vendo que a sociedade, muitas vezes, é a propulsora dessa consciência



adquirida pelos governantes. Aí, é apenas uma questão de sensibilizar aqueles que têm o poder de fazer as coisas acontecerem.

Vocês sensibilizaram politicamente todos nós, saiu a medida provisória. E agora todos nós vamos sensibilizar a Câmara dos Deputados e o Senado. Ela já começa a valer no dia em que chega ao Congresso Nacional, mas é importante que seja aprovada, porque eu penso que será motivo de orgulho para o presidente da República deste País, para os parlamentares deste País, o dia em que isso estiver transformado numa lei, e que a gente possa falar no mundo inteiro o que foi feito.

Portanto, nós estamos combatendo uma arbitrariedade, ainda que praticada à luz da ciência da época. Estamos recompondo a dignidade humana de pessoas que não tiveram e não têm a menor culpa ou responsabilidade pelo que sofreram ou pelo que sofrem.

Estamos, por fim, cumprindo um compromisso ético e moral que todo governante deve ter com aqueles que, além da doença em si, padecem com as seqüelas sociais que ela provoca. E como todos nós aqui, indistintamente por outras razões sabemos o que é o preconceito, muitas vezes a dor de uma doença é menor que a dor do preconceito a que a gente é submetido. Dói muito mesmo.

Todos vocês sabem que essa é uma história muito antiga. Ao longo de milênios, as sociedades estigmatizaram tanto os doentes de lepra que, praticamente em todas as línguas, leproso deixou de ser o substantivo que designa a pessoa portadora de uma doença, para se tornar o adjetivo que a denomina. Aqui no Brasil foi assim.

Embora, lamentavelmente, o adjetivo ainda permaneça, a sociedade e a medicina passaram a chamar as vítimas dessa doença a partir do nome do seu descobridor, hanseníase. Mas, se mudou o nome, custaram a mudar os métodos. Como se fazia antigamente e na época não se havia descoberto o tratamento quimioterápico, a Primeira República mandou isolar as pessoas



com hanseníase em hospitais, asilos e colônias construídos especialmente para esse fim.

Eu gostaria, Arlindo, de pedir, seria extremamente importante que um dia, quem sabe você, como presidente da Câmara, chefiasse uma delegação de deputados para conhecer algumas colônias. Pode escolher a mais perto, só para as pessoas sentirem de perto o que a gente só sente vendo. A gente não sente lendo e a gente não sente vendo na televisão. A gente sente se for lá. É importante porque a gente tem muita coisa para fazer, e eu acho que com a Câmara dos Deputados e o Senado tendo esse compromisso, não apenas político, ético, mas emocional, a gente possa fazer mais rápido as coisas que nós ainda não fizemos.

Intervenção de participante: Com licença, senhor Presidente. Eu gostaria que a Colônia Santa Marta, no estado de Goiás, fosse a primeira a ser visitada, porque é bem pertinho.

Dá para ir a pé. Anotou aí? Colônia Santa Marta.

Em 1933, o governo instituiu o isolamento compulsório dos doentes, obrigando o seu confinamento em 101 colônias. Isso vigorou até 1962. Pasmem, somente em 1967 esse confinamento acabou em São Paulo e em Minas Gerais, dois dos estados mais importantes do País. Era o que disseram os companheiros aqui, todo mundo sabe, nada do que eu disser aqui é mais importante do que o depoimento dos companheiros do Morhan. A verdade é que esses companheiros, embora estivessem dentro do Brasil, viveram grande parte das suas vidas fora do Brasil, num outro mundo, num outro espaço geográfico em que os governantes do Brasil não governavam para eles, em que os prefeitos do Brasil não governavam para eles, em que os deputados do Brasil não legislavam para eles.

Eu penso que, agora, o muro da colônia caiu e vocês podem dizer:



“agora nós temos pátria, agora nós temos uma nação que nos reconhece”. O preconceito a gente não cura com lei, não se iludam; a cura do preconceito é com educação, é debate e é o tempo que vai mostrar. Todos da minha idade, da idade, eu acho, dos que estão aqui, foram criados na sua infância para ter horror à lepra. Até que eu tive amizade com o Bacurau, e parte do meu preconceito terminou quando eu tive contato direto com os companheiros e com as companheiras que eram vítimas da hanseníase.

Das 101 colônias, 33 ainda continuam parcialmente ativas, e a estimativa é que ainda existam cerca de 3 mil pessoas remanescentes do período do isolamento compulsório. É uma população que ainda sofre em razão das seqüelas adquiridas e, muitas vezes, também da idade avançada que as pessoas têm.

Em abril do ano passado nós assinamos, aqui, decreto constituindo o Grupo de Trabalho Interministerial de Ex-Colônias de Hanseníase. O objetivo era levantar a situação dos residentes nas ex-colônias e propor a articulação e a execução de ações de promoção dos direitos de cidadania dessa população.

Esse grupo de trabalho, coordenado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, concluiu sua tarefa e recomendou que os portadores de hanseníase que tenham sido submetidos à internação compulsória recebam uma pensão especial.

Desta forma, a Medida Provisória, que acabei de assinar, cria uma pensão vitalícia, pessoal e intransferível de 750 reais para aquelas pessoas que foram compulsoriamente segregadas. Acredito que esta medida poderá melhorar a qualidade de vida dessa população.

O Ministério da Saúde vem também repassando recursos para melhorar a condição de alguns hospitais que acolhem doentes de hanseníase, atendendo, aliás, outra recomendação do Grupo de Trabalho. Tem gente que pensa que grupo de trabalho não funciona. Ele não funciona quando as pessoas que participam do grupo não são sérias. Mas quando as pessoas são



sérias, o resultado que nós colhemos é imediato.

A determinação é integrar as áreas hospitalares dos asilos ainda existentes ao sistema local de saúde e, ao mesmo tempo, fazer com que esses asilos atuem em projetos sociais e de desenvolvimento humano.

É uma tarefa difícil, no entanto. Eu queria dizer para vocês o seguinte: quando eu fiz a primeira visita à colônia, no Acre... eu tinha conhecido uma, acho que em Nova Lima, em Minas Gerais, não sei... Santa Isabel...

Santa Isabel, muito tempo atrás. Betim, acho que foi em Betim, em 1980 e poucos. E depois eu fui ao Acre. Eu posso dizer para vocês que, eu não sei, Temporão, quando a gente ouve o depoimento de um companheiro que não conseguiu ir ao médico porque não teve o dinheiro da passagem... Aquela caneta que eu dei, se eu vendesse, pagava a sua passagem. Agora, já dei. Mas é uma coisa inexplicável, é uma coisa que... Eu digo sempre o seguinte: se os governantes deixassem de pensar as coisas grandes e comesçassem a viver as coisas pequenas... porque é um conjunto de coisas pequenas não resolvidas que cria um problema grande. Então, se a gente atacasse os problemas que parecem pequenos... um cidadão não poder tratar da catarata porque faltou uma passagem – o Tião poderia ir lá e operar ele, sem precisar ir ao hospital, lá na casa dele. É uma tarefa difícil. No entanto, o esforço de vários governos e as diferentes estratégias adotadas para conter a disseminação da hanseníase não impediram a ocorrência de, isso é grave, tudo que está sendo feito não impediu a ocorrência de 45 mil casos novos da doença, no ano passado. É uma doença de evolução lenta e que ainda não tem uma vacina específica.

Eu acho, companheiro Temporão, que seria preciso pensar em colocar no rádio e na televisão uma forte propaganda para que a gente possa fazer as pessoas irem descobrindo a doença com muito mais facilidade, sobretudo nos lugares em que a gente sabe que tem mais incidência. A gente poderia tentar criar uma campanha muito mais forte para que as pessoas se autodescobram e



possam, em tempo, procurar os médicos para cuidar disso. É uma coisa de cuidar porque... E falar disso no horário nobre, na hora em que estão aparecendo as novelas, todas aquelas pessoas muito bonitas, entrar... Aliás, eu acho até que um diretor de novelas, um desses homens importantes que fazem novela, poderia colocar um tema desses no horário nobre de uma novela, como têm colocado em algumas, que são coisas extremamente importantes. Quem sabe fosse o caso, Temporão, de conversar com as televisões que têm novela e ver se não querem colocar um tema em que um artista daqueles vá pelo menos visitar uma colônia para dizer: elas existem aqui no Brasil.

Bom, uma das tarefas do SUS é diagnosticar esses pacientes antes que as deformidades se instalem e lhes causem problemas sociais como o isolamento, a segregação e a discriminação. A verdade é que, felizmente, temos conseguido reduzir as deformidades em casos novos, mas ainda há pessoas, trabalhadores principalmente, que necessitam de reabilitação física. Eu tenho certeza de que esta medida provisória, que faz jus à luta dos hansenianos, deverá estimular novas e melhores condições para atendê-los.

Tião, eu sei por que você foi citado tantas vezes aqui pelos companheiros do Morhan. É porque no fundo, no fundo, os companheiros reconhecem quem dedica parte da sua atividade política cuidando dessa gente. As colônias são sempre longe, tem que andar muito, e ir lá para ver gente com processo de deformação muitas vezes não é agradável, porque não basta também ser médico, é preciso ter um pouco de coração para cuidar dessas coisas, ter um pouco de sentimento. Eu queria dizer para vocês que eu não sei se a gente vai conseguir acabar, Ney Matogrosso, eu não sei se a gente vai conseguir acabar.

O que eu quero dizer para vocês é o seguinte: nós temos uma chance de melhorar infinitamente a vida de quem ainda está em uma colônia, de criar as condições para que as pessoas voltem a trabalhar, de fazer campanha para



que as pessoas não sejam vítimas de preconceito. Afinal de contas, nos temos mais quase 4 anos de mandato, e eu digo sempre para todos os movimentos: aproveitem agora, aproveitem agora. Da mesma forma que um companheiro acabou de ganhar a minha caneta, a gente pode ganhar muita coisa, porque este segundo mandato é para a gente fazer tudo aquilo que a gente não fez no primeiro e fazer mais e melhor, e eu quero dizer para vocês que a disposição é total e absoluta de fazermos as coisas que precisam ser feitas.

Muitas vezes, fica-se discutindo se vai gastar 30, 40, 50 mil reais e, de repente você vê, no jornal, milhões saindo pelo ralo sem a gente poder cuidar dos pobres. Então, eu quero agradecer a todos os movimentos, é uma alegria recebê-los pela segunda vez em tão pouco tempo aqui no Palácio do Planalto, veja o que é a conquista da democracia. Por aqui já passou sem teto, sem casa, sem terra, sem dinheiro, sem emprego, agora passam os hansenianos.

Isso, passa o Pirelli aí, falando grosso.

Eu quero dizer para vocês que, de tantas as alegrias que a gente tem, de tanta tristeza que a gente tem, porque governar é um misto de alegrias e de tristezas, de conquistas e de derrotas, eu quero dizer para vocês que, se tem uma coisa que eu posso, daqui a uns – se eu viver mais 20 anos – poder dizer qual foi o dia em que eu tive muito orgulho de ser presidente, eu queria dizer para vocês que são dois dias que marcaram a minha vida: o primeiro dia, quando eu recebi os catadores de papel aqui dentro, e o dia em que eu estou recebendo vocês para assinar esta medida provisória. Porque, embora a gente tenha que olhar os 190 milhões de brasileiros, a verdade é que, como uma boa mãe, a gente tem que olhar com mais carinho aqueles mais frágeis e que mais necessitam do Estado brasileiro.

Que Deus abençoe a todos nós e que mais gente como vocês, não com hanseníase, mas com saúde, apareça para brigar em defesa daqueles que sofreram as seqüelas, e que Deus queira que nasça mais gente com a alma e com o coração do tamanho da alma e do coração do Tião Viana, porque aí



**Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República**

todos nós nos sentiremos mais protegidos.

Um abraço e parabéns a todos vocês.

Leia o release sobre o assunto:

http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/Informe_da_Hora/REL230507.D

[OC](#)

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da audiência com embaixadores africanos

Palácio do Planalto, 25 de maio de 2007

Embaixador Martin Mbarga Nguete, embaixador da República de Camarões e decano dos embaixadores africanos acreditados em Brasília,
Senhores e senhoras embaixadores,
Ministro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Nossa querida ministra Matilde Ribeiro, secretária especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial,
Meu companheiro Marco Aurélio,
Meus amigos da imprensa,
Meus caros amigos embaixadores africanos em Brasília,

É um grande prazer recebê-los aqui, no momento em que comemoramos o Dia da África.

Logo após minha investidura no primeiro mandato, me reuni com os embaixadores da África para conhecer seus sentimentos e sugestões sobre o estado e as perspectivas das relações entre os países africanos e o Brasil.

Reiterei, naquela ocasião, o que havia sido minha promessa durante a campanha eleitoral de 2002: minha disposição de fazer de nossas relações com a África uma das prioridades de nossa política externa.

Com a ajuda dos senhores e o apoio de seus governos, essas relações tiveram uma evolução muito significativa nos últimos quatro anos.

Quando nos reunimos pela primeira vez havia 15 embaixadores africanos acreditados em Brasília. Hoje são 24 e, segundo fui informado, outras embaixadas devem ser abertas proximamente.

Atualmente, o grupo africano é o segundo maior no corpo diplomático, em Brasília, e muito em breve poderá ser o primeiro.

Nos quatro primeiros anos de meu governo reabrimos embaixadas desativadas no passado e inauguramos representações diplomáticas e um consulado-geral, totalizando 13 novos postos. Hoje, temos 30 embaixadas e

dois consulados-gerais no continente africano.

O Brasil está empenhando todos os esforços para o aprofundamento das relações com a África. Tive o prazer e a alegria de visitar 17 países da África. Ainda em 2007, espero poder ampliar esse número de visitas, fazendo novas viagens a países do continente.

O Brasil já participa do desenvolvimento africano com investimentos, créditos, cooperação e intercâmbio tecnológico. Estamos contribuindo para que se acelere o renascimento do continente, hoje em curso, até porque queremos ser sócios e queremos ser parceiros.

No campo da cooperação, estamos elaborando uma pauta fortemente inspirada no desejo de promover o desenvolvimento social e voltada para a construção de sólida parceria em temas como agricultura, saúde, educação e energia.

Privilegiamos a capacitação de profissionais, de modo a contribuir para que os africanos construam seu próprio futuro e escolham suas próprias opções de desenvolvimento.

Acredito que a oferta brasileira de cooperação na área dos biocombustíveis sintetiza bem o tipo de parceria que queremos construir com a África. Uma parceria capaz de produzir benefícios amplos e duradouros, com a criação de empregos, geração de renda, transferência de tecnologia e de conhecimento, desenvolvimento agrícola e industrial, abastecimento energético e proteção do meio ambiente.

Espero que para essas questões e todas as demais que envolvam nossa cooperação no setor agrícola, possa contribuir a abertura da representação da Embrapa que fizemos em Gana.

Também estamos avançando para um novo patamar nas trocas comerciais bilaterais. Entre 2003 e 2006, nosso intercâmbio aumentou 153%, com um incremento de 160% das exportações brasileiras e de 146% das importações provenientes da África.

Ainda há muito por fazer, sobretudo para equilibrar os fluxos comerciais, mas penso que o mais importante já vem acontecendo: nossos empresários estão descobrindo o potencial do intercâmbio. Sabem que ainda existe muito por explorar, inclusive em termos de investimentos e de operações conjuntas.

Outra de nossas grandes conquistas foi despertar o interesse das

companhias aéreas para a necessidade de linhas diretas entre o Brasil e o continente africano. Essas novas pontes sobre o Atlântico permitirão potencializar o crescente dinamismo de nossas trocas comerciais e turísticas. Como tenho repetido em diversas ocasiões, não se pode falar em integração e cooperação Sul-Sul se não conseguimos ir do Brasil à África sem fazer escala na Europa.

E essa dificuldade é partilhada pelos demais países da América do Sul, parceiros com os quais compartilhamos iniciativas de integração e de diálogo com a África e com grupos de países africanos, seja por intermédio do Mercosul, seja por intermédio da Unasul.

Caros amigos,

O Brasil e os países africanos defendem posições comuns no cenário internacional. Sabemos que os esforços de democratização não devem ficar restritos ao plano doméstico. Para concretizar nossos projetos nacionais de desenvolvimento, temos que democratizar as instâncias decisórias internacionais. O Conselho de Segurança será incapaz de enfrentar os novos desafios à paz e à segurança, enquanto continuar a excluir da categoria de membros permanentes regiões inteiras do mundo em desenvolvimento.

Nossos interesses econômicos e comerciais também serão melhor defendidos se privilegiarmos a coordenação e o diálogo, a exemplo do que fazemos atualmente na Organização Mundial do Comércio.

Caros Embaixadores,

Gostaria de encerrar reiterando o que tenho afirmado constantemente: a ênfase que temos dado às nossas relações com a África é, em grande medida, o reconhecimento da contribuição que esse continente irmão deu à formação do nosso Brasil. Em cada momento de nossa história econômica, social, política e cultural são inúmeras as marcas da presença africana. Em nossa pele, em nossa alegria, em nossa culinária, em nossa música, enfim, em tudo aquilo que muitos chamam de civilização brasileira se sente a presença marcante daqueles milhares de homens e mulheres que para cá vieram, forçados pelo tráfico escravo. Estamos tentando resgatar essa dívida histórica.

Saibam, caros embaixadores, que o Brasil tem um enorme orgulho da presença africana em nosso País e de sermos o país que tem a segunda maior população negra do mundo. Que nossos laços de sangue, história e cultura

sigam consolidando nossa amizade e a de nossos povos. É preciso que assim seja para que, cada vez mais, possamos ter dias como este, em que celebramos a irmandade entre a África e o Brasil.

Meus amigos e amigas embaixadores e embaixadoras aqui presentes,

Este é um dia gratificante para nós. Ao invés do Celso Amorim e de mim, poderia ter feito o discurso a nossa companheira Matilde, que representa com muita dignidade aquilo que nós tentamos, internamente, provar como acerto da nossa política externa em relação à África. De nada adiantaria toda a nossa relação com o continente africano se, internamente, nós não tivéssemos criando políticas especiais para resgatar a dignidade da nossa população negra, historicamente marginalizada, historicamente quase segregada do alcance dos benefícios do crescimento econômico, dos benefícios dos avanços educacionais, dos avanços tecnológicos.

Estamos fazendo isso com a convicção de que não estamos fazendo nenhum favor, estamos apenas fazendo um pouco do resgate de uma história da qual não nos orgulhamos, porque se dependesse da nossa geração, nós não teríamos feito os negros de escravos, aqui no Brasil e em outros países da América Latina e do mundo. Por mais que façamos, quatro anos é muito pouco, oito anos é muito pouco, quem sabe 30 anos seja pouco para que a gente possa resgatar isso. E quem sabe, nunca consigamos resgatar definitivamente a história na sua plenitude, dando à população negra do nosso continente, aos afro-descendentes, as conquistas a que eles têm direito.

Entretanto, eu penso que estamos dando passos extraordinários. Primeiro, porque criamos na consciência da imprensa brasileira, da intelectualidade brasileira, dos empresários brasileiros, dos políticos brasileiros, dos sindicalistas brasileiros, que não é possível olhar para o mundo sem enxergar a África, não é possível olhar para a Europa, para a Índia, para a China, olhar para o Oriente Médio, sem que a gente perceba que entre nós e a Europa tem algo muito grande, tem mais de 50 países, que têm mais de 1 bilhão de habitantes, que daqui a 20 anos terão um 1 bilhão e 200 milhões ou 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, portanto, nós temos que olhar, enxergar, sentir e construir, junto com os países africanos, qual o futuro que queremos para nós no século XXI.

Duas coisas me chamam a atenção. Primeiro, é preciso que a gente

tenha paz no continente africano. A paz é a única possibilidade que temos de construir o desenvolvimento. A guerra, ela não possibilita o crescimento econômico, a guerra não possibilita o desenvolvimento educacional, não possibilita o desenvolvimento tecnológico. Ela possibilita injustiças. E ninguém, em sã consciência, fará qualquer projeto de investimento num país que está em guerra. Aliás, a guerra destrói aquilo que os homens e as mulheres constróem. Com a paz garantida em vários países africanos, fica muito mais fácil a gente pensar a África para o século XXI. Da mesma forma que temos que pensar a América do Sul e a América Latina para o século XXI. E a opção, para mim, é clara: se nós queremos continuar pobres como fomos no século XX ou se nós queremos crescer e melhorar a vida da nossa gente no século XXI. E digo isso porque o Programa de biocombustíveis que inauguramos aqui no Brasil, há dois anos e meio, é um programa que, embora tenha sido começado no Brasil, tem a cara da África. E eu vejo no Programa de biocombustíveis a grande possibilidade de países africanos, que não têm petróleo, terem a possibilidade de atender o mundo desenvolvido com energia renovável, energia limpa, energia geradora de milhões de empregos. Servir e atender o mundo desenvolvido que, obrigatoriamente, vai ter que contribuir para a despoluição do Planeta.

Além disso, nós temos provocado os empresários brasileiros a conhecerem melhor o continente africano, não apenas para vender ou para comprar, mas para construir, junto com parceiros africanos, o crescimento das suas empresas e o crescimento da produção industrial com alto valor agregado que, no fundo, no fundo, é o que ajuda os países a se desenvolverem.

Posso dizer a vocês que o Brasil pode fazer muito mais do que já fez. Eu acho que a primeira fase difícil nós já superamos, que foi a fase do preconceito. “O que o presidente Lula vai fazer na África? Porque tantas viagens à África? O que os africanos podem comercializar? Porque o presidente Lula não vai para a Europa, não vai para o Japão, não vai para a China?” Porque durante o século passado se construiu a mentalidade de que o Brasil tinha que ter uma relação de subordinação com as economias ricas, e não uma relação política, cultural, comercial, industrial com os países pobres, para que o Brasil pudesse passar para eles aquilo que foi o aprendizado acumulado nos nossos 500 anos de história.

E que outro país do mundo poderia ter essa percepção, senão o Brasil? Um país que tem, em tudo que nós olharmos, a cara da África, a alegria do nosso povo, a música brasileira, o carnaval brasileiro, a religião brasileira. Tudo que a gente olha tem um toque africano. E que país do mundo, então, poderia ter essa vocação de se aproximar da África mais do que o Brasil? Nenhum. Até porque o Brasil não tem vocação imperialista. E o Brasil não quer ter vocação hegemônica, o Brasil quer ter vocação de parceria, construir junto aquilo que precisa ser construído.

E quando eu digo que o Brasil pode fazer muito mais, é porque eu ainda tenho alguns sonhos com a África, que não foram construídos ainda. Por exemplo, desde 2003 eu fico pensando em construir uma universidade em que a gente possa ter, aqui, os africanos, os latino-americanos e os brasileiros, como se fosse uma espécie de universidade de integração dos povos do continente africano e da América do Sul.

Eu, por exemplo, fico imaginando que nós poderíamos levar a Fiocruz, que é um instituto de pesquisa tecnológica na área de fármacos, muito importante na área de saúde, poderia montar, como a Embrapa montou em Gana, um escritório ou um departamento da Fiocruz em um país africano.

Eu me lembro que fizemos, com o presidente Bush, um acordo para que a gente possa acabar com a malária em São Tomé e Príncipe. Começamos a discutir com o Tony Blair, começamos a discutir com o Bush, a possibilidade de juntos fazermos parceria para projetos de biocombustíveis em algum país africano. E nos próximos dias estarei fazendo uma reunião aqui com as empresas de aviação brasileira, para que comecem a pensar em linhas de integração com o continente africano. Porque, se não for assim, nós teremos muito mais trabalho e a integração será muito mais difícil.

O Brasil, como o país que tem uma economia maior, tem que ter atitudes mais ousadas para que a vontade política da integração se concretize definitivamente.

Eu penso, meus caros embaixadores e embaixadoras, que temos muito trabalho pela frente. Nós queremos que um dia todos os países africanos tenham embaixada no Brasil, como nós queremos, um dia – que não estará muito longe – ter embaixadas em todos os países africanos. Mas, mais do que termos embaixadas, é preciso que a gente tenha meios concretos de

contribuição para que o Brasil e os países africanos, a América do Sul e o continente africano, possam crescer de forma harmônica, de forma que as parcerias sejam construídas de acordo com a vontade dos povos africanos e do povo latino-americano.

Quero parabenizar todos vocês, que transmitam aos seus dirigentes, aos seus presidentes, nos países que representam, o meu carinho fraternal na comemoração deste Dia da África.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente da República do Panamá, Martín Torrijos, ao Brasil

Palácio do Planalto, 25 de maio de 2007

Com enorme satisfação recebo meu amigo, o presidente Martín Torrijos. É a quarta vez que ele vem ao Brasil e, em agosto, eu espero retribuir-lhe com visita à cidade do Panamá.

Esses contatos, assim como os de nossos colaboradores, reafirmam o compromisso comum de reforçar a cooperação entre nossos povos.

Esse é um desejo que vem de muito longe. Há exatos cem anos, em maio de 1907, o primeiro representante do Brasil apresentou credenciais junto ao governo panamenho.

Nos últimos anos, nossos países foram capazes de estabelecer um diálogo fluido e construtivo nos âmbitos bilateral, regional e multilateral.

Exemplo disso tem sido o diálogo permanente sobre temas do Conselho de Segurança das Nações Unidas, onde o Panamá é um dos representantes de nossa região. Por exemplo, o Panamá atuou de forma construtiva para renovar o mandato da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti.

Hoje, presenciamos a assinatura de novos acordos nas áreas de turismo, transporte aéreo, cultura, esportes, desenvolvimento industrial, inclusão digital e saúde. Esses instrumentos refletem a vontade de fortalecer e diversificar nossas relações.

Precisamos avançar com ações concretas em áreas-chave, como a dos biocombustíveis. Tenho insistido na importância da expansão do uso do etanol e do biodiesel, que se apresentam, cada vez mais, como alternativas energéticas para a Humanidade.



Os biocombustíveis têm papel importante a desempenhar na contenção dos efeitos da mudança climática. Além disso, criam empregos e renda, melhorando as condições de vida e permitindo o desenvolvimento sustentável em áreas rurais menos favorecidas.

Estamos interessados em transferir tecnologia, cooperar e investir na produção de etanol no Panamá. Pensamos que, dessa forma, estaremos contribuindo para desenvolver novas vocações e alternativas econômicas que ajudarão a nossa região, como um todo, a dar um verdadeiro salto estratégico.

A luta contra a fome, a pobreza e a injustiça social é outra bandeira que nos une. No Panamá, a senhora Vívian de Torrijos coordena o importante programa "Rede de Oportunidades", semelhante ao nosso Bolsa Família. A troca de experiências nessa área pode enriquecer o nosso conhecimento e fortalecer nossas ações.

Caro amigo Torrijos,

Sabemos que, após a devolução do Canal do Panamá, pela qual tanto lutou o grande presidente Omar Torrijos, o governo panamenho aumentou enormemente a eficiência na sua gestão comercial, inclusive melhorando a segurança no tráfego de navios e reduzindo o tempo de travessia de um oceano para outro.

Agora, seu governo tomou a decisão corajosa de promover a ampliação do Canal. Essa é uma obra que beneficiará em muito seu país, consolidando sua posição em uma das principais rotas do comércio mundial. E beneficiará o mundo como um todo, ao propiciar o incremento das facilidades para o intercâmbio entre os mais diferentes países.

No Brasil, estamos prontos a colaborar com seu governo nessa empreitada. Podemos contribuir com a capacidade empresarial e tecnológica, reconhecida internacionalmente, que várias empresas brasileiras detêm no setor de construção civil e engenharia.

Na visita que acaba de realizar a São Paulo, Vossa Excelência pôde



comprovar que nossos empresários estão dispostos a apostar no Panamá.

Meus amigos e minhas amigas,

Quero pedir ao presidente Torrijos que leve de volta ao Panamá e à América Central o compromisso brasileiro de avançar, cada vez mais, numa parceria solidária, que vai além da retórica e das boas intenções.

Estou convencido de que a criação de uma área de livre comércio entre o Mercosul e o Sica, e as conversas diretas entre o Mercosul e o Panamá podem ser instrumentos importantes nessa direção.

Caro presidente Torrijos,

O Panamá tem a tradição de ser um ponto de união da América Latina. Juntos, temos melhores condições de aproveitar nosso potencial e de trazer cidadania e desenvolvimento plenos para nossos povos.

É isso que estamos fazendo no Mercosul e na Unasul e que queremos fazer com nossos irmãos de toda a América Latina e do Caribe.

Estamos avançando com passos concretos. Saúdo a decisão do governo panamenho de construir nova sede da Embaixada do Panamá em Brasília. Essa é mais uma iniciativa que simboliza a vontade política de aprofundar nossos vínculos e o excelente estado de nosso relacionamento.

Espero que, em numa próxima visita ao nosso País, Vossa Excelência possa visitar a nova representação panamenha em Brasília.

Meu caro amigo e presidente Torrijos,

Eu não poderia terminar o meu discurso sem dizer aos meus companheiros do Brasil que a minha relação com o presidente Torrijos não é porque sou presidente da República e ele também é presidente da República. Nós tínhamos relações antes de sermos presidentes da República. Portanto, mais do que com um chefe de Estado, estou aqui com um amigo, com um companheiro de causas comuns.

Queria dizer ao presidente Torrijos que depois do seu período na Presidência da República e da experiência do primeiro mandato que eu tive...



em agosto estarei visitando o Panamá e é importante que os nossos ministros, os nossos empresários, os nossos assessores possam se preparar para que, nessa visita, no mês de agosto, a gente possa não apenas aprofundar os acordos que já firmamos para saber se eles estão funcionando, mas a mim interessa muito que na delegação brasileira tenhamos um grande número de empresários, para que a gente possa fazer uma relação mais firme e mais vigorosa com o Panamá aproveitando, inclusive, a situação estratégica em que Deus colocou o Panamá, no nosso Planeta. É pelo Panamá que passa grande parte das riquezas produzidas no mundo, é o Panamá que tem condições de facilitar que países do Mercosul tenham acesso ao mercado norte-americano. Eu penso que nós poderíamos transformar a minha visita ao Panamá num grande evento, não apenas político, mas num evento empresarial, comercial, em que empresários panamenhos e empresários brasileiros façam quantas parcerias forem necessárias para que a economia do Panamá e a economia do Brasil continuem crescendo. E que tanto você quanto eu possamos, no final dos nossos mandatos, ter cumprido aquilo que prometemos ao nosso povo: mais cidadania, mais emprego, mais renda e melhor qualidade de vida.

Muito obrigado, meu caro amigo Torrijos.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega da primeira locomotiva de grande porte produzida
no Brasil**

Contagem – MG, 27 de maio de 2008

Primeiro quero dizer a todos vocês, da alegria de estar aqui na GE hoje, na cidade de Contagem, no nosso querido estado de Minas Gerais.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, governador do estado Aécio Neves e cumprimentando o Aécio, quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras que estão aqui na mesa, porque eu quero falar um pouco do significado do dia de hoje.

Primeiro, Aécio, você e a Marília, é importante que a Cláudia Goulart, que não trata de locomotiva, mas trata da saúde de quem trabalha com a locomotiva – aquela moça bonita de vermelho – já assinou, parece, um contrato para ser feito aqui em Contagem. Então, parabéns à GE Saúde, que como mineira, silenciosamente estava trabalhando, Aécio, enquanto você e Miguel Jorge falavam.

Eu quero dizer aos empresários aqui presentes, aos representantes das empresas brasileiras e aos trabalhadores, uma coisa importante que está acontecendo no Brasil. Ontem, eu fui ao Rio de Janeiro, participar de um evento da Petrobras e da indústria naval brasileira. Nós assinamos um acordo para a construção de mais 42 navios construídos por estaleiros brasileiros. E até 2014, nós teremos que produzir mais 200 navios no Brasil. Navios grandes, navios médios e navios de apoio para a atividade da Petrobras, sobretudo, depois da camada pré-sal, que nós esperamos que tenha mais petróleo do que o mais otimista dos brasileiros acredite. E lá, ouvindo os discursos, tanto dos trabalhadores quanto dos empresários, me chamou a atenção para o momento em que este País teve um homem que pensou grande, que foi o nosso



saudoso mineiro Juscelino Kubitschek, com o seu Plano de Metas para o Brasil.

Ali ele pensou uma marinha mercante forte, ali ele pensou uma indústria naval forte, ali ele pensou uma rede de ferrovias muito forte. Pensou também em rodovias, porque no Brasil, o grande problema que a gente tem, é que de vez em quando, para criar uma coisa, a gente quer anular outra, quando na verdade seria a gente tentar, sempre, combinar as duas porque se nós conseguirmos combinar um sistema perfeito intermodal de transporte, seria a solução para todos nós, aproveitando o potencial de hidrovias que temos, aproveitando a costa marítima que temos, aproveitando as rodovias que temos e as ferrovias que nós precisamos fazer, novas, e as que precisamos recuperar.

Eles me diziam que a indústria naval brasileira, na década de 70, só perdia para a indústria naval do Japão. Era a segunda maior indústria naval do mundo. Trinta anos depois, uma indústria naval que chegou na década de 70 a ter 36 mil trabalhadores, tinha apenas 1.900 trabalhadores, não construía mais nenhum navio, apenas fazia conserto em alguns navios. Nós entendíamos que era possível recuperar a indústria naval brasileira. Fizemos um desafio aos empresários da indústria naval, fizemos um desafio à indústria de base brasileira, fizemos um desafio ao BNDES e ao próprio companheiro nosso, o ministro da Fazenda, para que a gente fizesse funcionar o Fundo da Marinha Mercante, que foi criado pelo Juscelino Kubitschek e passados apenas quatro anos e meio, a indústria naval brasileira já tem hoje, 40 mil trabalhadores com carteira assinada, construindo navios e barcos por este País afora.

Só para a gente ter idéia do que vai acontecer no Brasil, além dos navios, a Petrobras precisa contratar, quase com uma certa rapidez, 26 sondas. Além das sondas, contratar mais plataformas. Nós estamos trabalhando, primeiro, para atender à demanda da Petrobras, para garantir que essa demanda permita que a gente reconstrua a nossa indústria naval, e que a



gente possa ter engenharia para produzir aqui, com componentes nacionais, grande parte de tudo o que vamos precisar para extrair a quantidade enorme de petróleo que temos na camada pré-sal.

Falando nos navios, eu me lembro das ferrovias. Eu me lembro que em 2004, se não me falha a memória, fui à cidade de Osasco inaugurar a nova fábrica de vagões, onde era a antiga Cobrasma. Todo mundo se lembra que a Federação das Indústrias de São Paulo teve um presidente chamado Luiz Eulálio Bueno Vidigal, que era dono da Cobrasma, onde houve a famosa greve de 1968, com o líder sindical José Ibrahim, e logo depois a grande greve de Contagem, também em 1968.

Nós tínhamos parado de produzir trilhos no Brasil, nós tínhamos parado de produzir vagões. O Ivoncy Ioschpe disse que a encomenda que tinha tido, no ano anterior, era de apenas 200 vagões. Eu fui inaugurar a nova Cobrasma, produzindo então vagões e rodas para trens, e lá tive a oportunidade de conhecer um metalúrgico que, em 1968, apertou a campainha da Cobrasma, que era a senha para os trabalhadores entrarem em greve. Ele foi preso logo em seguida, mas apertou a campainha. E esse trabalhador, emocionado, com lágrimas nos olhos, dizia para mim que ele não imaginava que fosse viver para ver o Brasil produzir novos vagões, novas rodas para trens, novos trilhos e, muito menos, novas locomotivas.

Hoje, a indústria brasileira... Por isso, o meu agradecimento à direção da GE, que acreditou numa conversa que tivemos em meu gabinete, de que podiam apostar na construção de locomotivas aqui no Brasil, porque nós iríamos recuperar as ferrovias brasileiras, iríamos construir as parcerias que faltavam ser feitas no Brasil e, ao mesmo tempo, iríamos fazer as ferrovias novas que precisam ser feitas.

O Brasil, nos próximos anos, se transformará num grande exportador mundial. E nós sabemos que para ser um grande exportador, precisamos ter meios de transporte ágeis e baratos. Noventa e cinco por cento do transporte



brasileiro que vai para o exterior, vai de navio. Portanto, temos que fazer as nossas ferrovias chegarem até os principais portos brasileiros, e construir os portos que ainda precisamos construir. Obviamente que a gente não vai querer construir nada novo enquanto não fizer funcionar as coisas que já existem e que não estão funcionando adequadamente. Por isso, estamos no processo de dragagem dos 17 principais portos brasileiros; por isso, tomamos a decisão de construir a Ferrovia Transnordestina, que é uma ferrovia de quase mil e 700 quilômetros. Muita gente dizia: “Ela não é economicamente viável”, e o Estado brasileiro, de vez em quando, precisa convencer os empresários de que a construção dessa obra a transformará em uma obra economicamente viável. Esperar ter o dinheiro primeiro para começar a construir a ferrovia, não daria certo. Vamos fazer a ligação com as regiões que produzem soja no País, vamos tentar ligar a região que produz muito gesso no País, e vamos transformar essa Ferrovia que está desmontada há mais de 30 anos, em uma ferrovia para ligar dois portos importantes, Suape e Pecém, passando em Alagoas e passando em Eliseu Martins, no estado do Piauí.

Quando nós chegamos, eu fui inaugurar um trecho da ferrovia, Alfredo, me corrija aqui, da Ferronorte se não me falha a memória naquela época, em que nós formos lá perto de Rondonópolis e a rodovia estava pronta, vai até Santos, mas faltavam 280 quilômetros para chegar a Rondonópolis, que é um grande centro produtor deste País. Eu lembro que na viagem de 100 quilômetros, que eu fiz de trem, os empresários me prometeram: “nós vamos fazer, vamos fazer”. Mas na verdade, os empresários não se entendiam entre eles porque tinham ferrovias diferenciadas e estavam brigando entre si. Eu sei que, somente no ano passado é que nós conseguimos convencer – hoje parece que a LS – de que aquele trecho é extremamente importante ser feito e agora o ministro dos Transportes me comunicou que já tem os contratos assinados, não sei se vai entrar em licitação, já vai começar a obra, para que a gente possa, dar ao Brasil, a oportunidade de escoar a sua produção com a



facilidade de um país, que quer se transformar em uma grande nação, precisa ter.

E quando eu venho aqui hoje, inaugurar essa locomotiva, quem não entrou, se entrar vai pensar que está na cabine de um avião, tal é a modernização dentro da cabine daquela locomotiva. E quando a gente sabe que ela pode substituir algumas dezenas e dezenas de carretas que passam pelas estradas brasileiras, nós também queremos afirmar que não queremos tirar as carretas das estradas brasileiras, porque queremos dar empregos para os motoristas, mas o motorista de caminhão não pode transportar uma carga por 2 ou 3 mil quilômetros. Carga tem que ser transportada de caminhão por 200 ou 300 quilômetros no máximo. Nós temos que construir e aprender a conviver com terminais que possam fazer com que os caminhões sejam apenas os entregadores em curtas distâncias e que os trens, as hidrovias e o transporte marítimo se encarreguem de fazer o restante do transporte neste País.

A GE, eu diria, quase dá um presente ao Brasil, a Minas Gerais, a Contagem, mas me dá um presente, porque nessas conversas que a gente tem com empresários e os empresários têm com a gente, nem sempre a gente acredita no empresário e nem sempre o empresário acredita na gente e me parece que nessa coisa, pintou uma química de otimismo neste País, porque em um tempo muito menor do que a gente esperava, eu fui convidado a vir aqui com o governador para inaugurar essa primeira locomotiva. Eu poderia agora, dizer aos companheiros da direção da GE e aos trabalhadores: estejam certos de que não tem retorno para o Brasil. Eu não vou dizer de forma brusca e grosseira: agora vai ou racha. Eu não vou dizer porque eu não quero que rache, eu quero que vá.

Mas a verdade é que o povo brasileiro encontrou um jeito de fazer com que as coisas dessem certo neste País. O País encontrou um jeito de fazer com que as pessoas confiem nas conversas que tenham com os governantes,



com os políticos e com os empresários brasileiros. E quero dizer mais para a GE. Não é apenas o mercado brasileiro, é o mercado da América do Sul, é o mercado da América Latina e é o mercado africano, que pouca gente presta atenção. Países como Angola estão crescendo a 19% ao ano e se o Brasil não tomar cuidado e fizer as parcerias que precisa fazer na África, podem ficar certos, que já tem gente fazendo. Os chineses estão lá, investindo em ferrovia, investindo em hidrovia, investindo, sobretudo, na busca de minérios de tudo que possa ter embaixo da terra e o Brasil não pode ficar parado, esperando ver as coisas acontecerem no continente africano, sem a nossa participação.

Portanto, eu acho que a GE – e queria que vocês marcassem o dia de hoje – marcou um gol extraordinário, acreditando no potencial ferroviário brasileiro. Podem ter certeza de que eu pretendo viver ainda uns 30 anos, se Deus for condescendente comigo, e nós nos encontraremos daqui a uns 10 anos para ver o que aconteceu nesta fábrica da GE em Contagem, e o que aconteceu no sistema ferroviário brasileiro.

No mais, quero parabenizar a nossa Marília, que veio aqui, humildemente, falou seus dois minutinhos, saiu daqui sem pedir nada, e ganha de presente uma fábrica de alto valor agregado, uma fábrica de tomógrafo. Eu acho que Contagem ganha mais um grau de confiança. É importante, Aécio, saber porque a GE está acreditando muito em mim. Você percebeu que a Diretoria é quase toda mineira.

Da nossa parte, Governador, Prefeita e empresários diretores da GE, queremos dizer a vocês que estamos dispostos, junto com a Prefeita e com o Governador, a fazer o que pudermos para que isso aqui se transforme também num grande centro de engenharia, e que a gente possa exportar não apenas as locomotivas, mas a inteligência do povo brasileiro em forma de produtos com muito valor agregado.

Parabéns aos trabalhadores da GE, parabéns ao povo de Contagem, parabéns ao povo de Minas Gerais e parabéns à Direção da GE.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço e boa sorte no Brasil.

(\$211A)

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 20º Congresso Nacional de Siderurgia**

São Paulo-SP, 28 de maio de 2007

Meu caro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio,

Meu caro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meu caro companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da
Presidência da República,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

Meu caro Luiz André Rico Vicente, presidente do IBS,

Meu caro Rinaldo Campos Soares, vice-presidente do IBS,

Meu caro Jorge Gerdau Johannpeter, coordenador da Ação Empresarial,

Meu caro Marco Polo de Mello Lopes, vice-presidente do IBS,

Meus amigos e minhas amigas que participam deste 20º Congresso do
setor siderúrgico brasileiro,

Pelas informações que eu recebi do Luiz André, quando falou, e pelo
discurso do Miguel Jorge, na verdade eu nem precisaria falar. Mas o meu papel
é de tentar ser animador, aqui, para uma platéia tão seleta, inclusive com
convidados de vários países do mundo e da América do Sul, e dizer para vocês
que é prazeroso para o estado de São Paulo e para um país como o Brasil
realizar um Congresso desta magnitude. Mas mais prazeroso ainda é a gente
saber que se nós ainda não fizemos todas as siderúrgicas que precisam ser
feitas no Brasil, para atender a uma demanda necessária de países que
importam de nós ou por conta da ausência de crescimento interno, eu penso
que isso começa, aos poucos, a se transformar numa coisa do passado.

E por que se transformar numa coisa do passado? Eu lembro que não
faz muito tempo, uns dois anos e meio, eu recebia setores da construção civil,
eu recebia setores da indústria automobilística que estão aqui presentes, e era
um tal de todo mundo se queixar de todo mundo. E eu aprendi que na casa que
não tem pão, todo mundo fala mal de todo mundo e ninguém tem razão. Ou

seja, todo mundo tem um pouco de culpa, tem um pouco de erro. Eu penso que é nesse clima que eu quero dizer umas palavras a vocês, e sobretudo ao Rinaldo, que vai assumir, parece-me que já está definido democraticamente, a Presidência do IBS. E por que falar com o Rinaldo e não com todos vocês? Como no Brasil nós temos um sistema presidencialista e, mesmo o presidente não podendo tudo o que pensa que pode, a verdade é que ele vai ser o porta-voz de vocês. Então, vira e mexe, quando eu tiver que receber uma boa notícia, o Rinaldo é quem vai me dar, nos próximos anos; quando eu tiver que dar uma boa notícia para ele, eu vou chamá-lo; e quando tiver uma má notícia, ele vai sentar com vocês e passar a má notícia.

Então, Rinaldo, eu queria fazer um bom desafio para você. Primeiro, não há espaço para que a gente não acredite no novo potencial de desenvolvimento a que o Brasil está submetido. Não há espaço para pensarmos o Brasil sem pensar todos os países da América do Sul, em que nós temos duas responsabilidades: primeiro, a de construir parcerias com os países da América do Sul para produzir cada vez mais aço e, ao mesmo tempo, a de preparar o Brasil não apenas para atender o seu mercado interno, mas também para atender o mercado interno de países que não têm um forte setor siderúrgico mas, pelos números que conhecemos, todos estão numa nova linha de crescimento e desenvolvimento. Eu não quero crer que o setor siderúrgico vá fazer com que todos nós passemos vergonha. Ou seja, 20 anos se queixando de que a economia interna do País não cresce, 20 anos se queixando de que a construção civil não cresce, 20 anos se queixando de que a indústria automobilística não consegue acelerar o seu crescimento. Tudo isso está desmitificado. É visível, e muito mais que visível, palpável, que a indústria da construção civil, depois de longos 30 anos, está retomando o seu desenvolvimento. E um desenvolvimento provocado pelo governo, mas, sobretudo, provocado pela própria consciência empresarial deste País.

Vocês, que acompanham o setor, sabem que não foram poucas as coisas que nós fizemos para desonerar quase toda a cadeia da construção civil, para que ela pudesse voltar a ser uma espécie de mola, de alavancamento do desenvolvimento do nosso País. Então, isso veio para ficar. E a demonstração maior a gente deu no PAC. Se a gente imaginar que é a primeira vez, nos últimos tantos anos, que nós fazemos um projeto de

desenvolvimento que tem cabeça, tronco e membro, que tem data para começar e para terminar, e que tem a totalidade do conjunto do governo envolvido para tentar desobstruir todos os gargalhos, que não são de um ministro, não são de um governo, são de uma legislação que nós aprovamos ao longo da história deste País e que, portanto, nós temos que cumprir ou mudar a lei.

O Congresso Nacional prestou um serviço extraordinário votando com uma rapidez singular tudo o que nós mandamos do PAC para o Congresso Nacional. E no Senado faltava apenas uma coisa que, certamente, se votará nos próximos dias. E nós hoje temos o quê? São 1 646 ações, das quais 55% já estão em obras. E vocês, como construtores de aço, precisam tomar muito cuidado com a apologia que foi feita aqui, porque quando se começou a dizer que tudo precisa de aço, eu falei: “bom, só falta aparecer que nós vamos comer aço”.

Mas a verdade é que o PAC será o grande consumidor de aço nestes próximos anos aqui no Brasil. Se a gente imaginar que só na questão da logística, com rodovias, ferrovias, portos, hidrovias e aeroportos, nós estamos investindo 58 bilhões de reais; se nós imaginarmos que na geração, transmissão, petróleo, gás e combustíveis renováveis, estamos investindo 274 bilhões; e se imaginarmos que para saneamento básico, habitação, recursos hídricos e metrô tem mais 170 bilhões de reais, tudo isso em 10 anos, e que se tivermos competência para gastar o dinheiro que está disponibilizado e não faltar aço, nós encontramos, finalmente, Rinaldo, o jeito do Brasil crescer de uma forma ordenada e planejada.

E nós sabemos que vai aparecer um outro ingrediente que vai nos causar problemas: que é quantidade de mão-de-obra necessária, mão-de-obra qualificada, que vamos precisar e que nós hoje não temos. Porque também, depois de 26 anos de estagnação da economia brasileira, depois de vinte e poucos anos só crescendo o número de desempregados, e não o número de empregados, é normal que as próprias empresas não formassem a mão-de-obra de que elas necessitavam para o mercado, com raríssimas exceções.

Pois bem, logo depois do PAC, nós lançamos o PDE, o Programa de Desenvolvimento da Educação brasileira, que prevê 40 grandes mudanças na educação, mudanças na legislação, para que a gente possa fazer uma

combinação perfeita entre o crescimento da economia e o crescimento para oferecer ao mercado e ao País a quantidade de mão-de-obra preparada que o nosso País necessita.

E eu acredito que, num congresso como este, vocês poderão discutir o que vocês bem entenderem, mas vão chegar à conclusão de que o Brasil não pode prescindir da construção de várias outras siderúrgicas. Nós não podemos ficar sentados em berço esplêndido, ficar olhando a China crescer, ficar olhando prazerosamente a Vale do Rio Doce encher navios cada vez maiores de minério, quando esse minério poderia sair daqui com um pouco mais de valor agregado, pelo menos guza, ou quem sabe chapa, ou quem sabe laminado. É preciso que a gente pense, enquanto nação, e não apenas enquanto empresa ou enquanto setor, para que a gente dê respostas ao mundo.

Gerdau, você vai viver uma alegria nos próximos anos, pois eu acho que os países não vão conseguir manter a barreira, eu acho que os Estados Unidos vão ter que abrir, em algum momento, para comprar o nosso aço, para comprar o nosso álcool, para comprar o nosso biodiesel. É uma questão de tempo. E nós precisamos evoluir a ponto de compreender a mudança que está acontecendo. Eu ainda nem consertei, definitivamente, as coisas que tem que consertar no Brasil. Eu estou de olho na África. A África daqui a 20 anos terá 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. Se um país como o Brasil não estiver de olho para se introduzir enquanto setor tecnológico, setor industrial, nesse continente, não pense que os chineses vão esperar o Brasil tomar uma decisão, eles vão ocupar. Porque, de 1 bilhão e 300, nós teremos alguns milhões de consumidores que vão querer construir, que vão consumir energia, que vão querer comprar, e é um espaço que o Brasil pode tranquilamente trabalhar.

É por isso que nós não poderemos mais planejar as nossas tomadas de posição por quatro anos ou cinco anos, nós precisamos avançar. O PAC foi o primeiro exemplo. Eu estou convencido de que, a partir de junho, começarei a viajar pelo Brasil, ou visitando obras do PAC – vocês estão lembrados de que acabei de fazer uma medida provisória criando uma secretaria especial só para cuidar dos portos brasileiros. É preciso que a gente arrume, definitivamente, o potencial logístico dos nossos portos, para que a gente possa não apenas

receber, mas mandar o dobro de mercadoria que nós queremos mandar para o mundo, porque as nossas exportações vão continuar crescendo.

Nós temos um problema de energia e nós sabemos que, para consertar o problema de energia no Brasil, precisamos, primeiro, respeitar o meio-ambiente. Acabou aquele momento em que o cidadão primeiro fazia um projeto, e depois que o projeto estava pronto, as pessoas iam atrás para conseguir a licença ambiental. São projetos e mais projetos que ficaram anos, neste País, paralisados. É só lembrar, quem entende de energia aqui, o estudo sobre a viabilidade de Belo Monte, no estado do Pará, que ficou 20 anos suspenso por liminar. Não era projeto para fazer, era a permissão para se estudar a possibilidade do Belo Monte. Agora está destravado e o projeto vai sair. Nós estamos fazendo um inventário de praticamente 32 mil megawatts e se a gente quiser que isso ganhe um tempo, não é o Ministério de Minas e Energia fazer uma coisa e depois de estar pronto ir atrás do Ministério de Meio Ambiente. É preciso que comecem a trabalhar juntos, para que quando um Ministério estiver discutindo um assunto, o outro esteja envolvido.

Levamos 2 anos e meio para fazer o projeto da BR-163 que, ao começar a ser construída, ela será, possivelmente, uma rodovia símbolo neste País, combinando a rodovia com a preservação ambiental e com a política de industrialização de madeira naquela região. Ou seja, esse momento tem que ser aproveitado por vocês. Eu, por exemplo, acho que está na hora de construir uma siderúrgica no Maranhão, acho que está na hora de a gente pensar na siderúrgica do Ceará, depois de vencermos todas as liminares que estão colocadas contra a siderúrgica. Mas é preciso que a gente mapeie a possibilidade de desenvolver o Brasil de forma mais justa e mais equânime. E nós estamos convencidos de que o País está preparado para isso.

É verdade que em 2004 nós começamos a ter um crescimento. Na hora em que todo mundo estava alegre, achando que o Brasil ia crescer, o que aconteceu, de fato? A inflação voltou a 9%. E, hoje, eu posso olhar na cara de cada um de vocês e dizer que a inflação não volta mais neste País. E ela não volta porque é um mal para a maioria das pessoas deste País, sobretudo para aqueles que vivem de salário. É um mal, ela não vai voltar.

A política de juros, nós estamos consertando. Ninguém fala tanto mais, ou seja, as pessoas já estão percebendo que é inexorável que o Brasil vai

atingir a perfeição na sua política monetária, sem fazer com que ninguém seja pego de sobressalto. Até porque nós definimos, há muito tempo, que não tem mágica em economia, tem seriedade.

E as condições do Brasil estão colocadas. E eu tenho certeza de que vocês, que já foram parceiros nesse primeiro momento, continuarão a ser parceiros, porque ou nós pegamos essa oportunidade agora e fazemos dessa oportunidade um marco na história deste País ou nós poderemos jogar fora e, daqui a 20 anos, estaremos arrependidos por não terem acontecido as coisas que deveriam ter acontecido no Brasil.

Por isso, eu queria terminar, meu caro Luiz André, dizendo que nesses quatro anos eu aprendi, nessa convivência com vocês, a reconhecer o trabalho que têm feito, não apenas pelo setor, mas pelo País. Da mesma forma que o governo pode fazer muito mais, eu tenho convicção de que vocês podem fazer muito mais. Porque se todos nós assumirmos a responsabilidade de fazer muito mais, quem vai ganhar com isso é o povo brasileiro.

Mas eu vou repetir uma coisa: eu não me preocupo, hoje, apenas com o resultado do que nós possamos fazer no nosso País. É preciso que a gente tenha uma dimensão maior. O Gerdau sabe que eu sou um provocador e um incentivador de que as empresas brasileiras precisam virar empresas multinacionais. Quanto mais empresa brasileira a gente tiver fincando sua bandeira junto com a bandeira de outros países, isso é a demonstração inequívoca de que este País irá se transformar numa grande economia.

Se houve um momento, na história deste País, em que alguém se contentava com pouco, eu não me contento com pouco. Acho que o Brasil não pode, em hipótese alguma, jogar fora essa oportunidade que vocês e que nós criamos. E essa oportunidade de crescimento, ela tem que vir combinada com uma política social que durante muito tempo se esqueceu. Não adianta o País crescer a 7%, a 8%, se atrás não houver o crescimento da participação das pessoas nessa distribuição de renda.

E quando eu digo isso, eu me lembro, todo dia: em 1973 a economia brasileira cresceu 14%, entretanto, o salário mínimo decresceu. E nós estamos provando que, mesmo crescendo um pouco menos, fazendo política de distribuição de renda, as coisas vão acontecendo. É por isso que no Nordeste o consumo cresceu 38%, é porque uma parcela da população teve acesso ao

elementar para comer, e nós queremos continuar fazendo isso.

E eu não tenho dúvida nenhuma que, se depender do setor siderúrgico, nós iremos alcançar, não apenas as metas que estão no PAC, mas nós iremos ultrapassar as metas que nós mesmos nos colocamos. O que nós queremos é construir um País tão sólido para que aconteça o que já acontece com outros países. Vejam que, no mundo desenvolvido, ninguém está preocupado se quem vai entrar é o partido “A” ou partido “B”, ou seja, o povo disputa lá, depois aquele que ganha, as coisas estão tão consolidadas, que o barco vai embora. Aqui, no Brasil, a cada eleição, nós ficamos achando que o mundo vai acabar se ganha fulano, o mundo vai explodir se ganha beltrano, e nós queremos deixar o Brasil, no final do mandato, preparado para que vocês nunca mais tenham medo de eleição, porque ela pode mudar o homem que dirige, mas ela não muda as regras que foram consolidadas pela sociedade brasileira.

A todos vocês que participam deste congresso, meus parabéns. E eu espero contribuir para que vocês vendam cada vez mais um pouquinho de aço, aqui e lá fora, pois eu sei que gerará mais emprego, mais consumo e mais cidadania. Parabéns.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Dia Internacional da Saúde da Mulher

São Paulo - SP, 28 de maio de 2007

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro deputado federal Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara,

Quero cumprimentar os ministros José Gomes Temporão e Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para as Mulheres,

Minha companheira Marisa,

Quero cumprimentar o magnífico reitor doutor Ulysses Fagundes Neto, reitor da Unifesp,

O nosso querido Eduardo Suplicy,

Quero cumprimentar a Janete Pietá, deputada federal,

Quero cumprimentar o Carlos Zarattini, deputado federal,

Quero cumprimentar o ex-deputado e vereador Agnaldo Timóteo,

Quero cumprimentar a senhora Alanna Armitage, representante do Fundo da População da ONU no Brasil,

Os prefeitos Eloy Pietá, de Guarulhos, e José de Filippi, de Diadema,

Quero cumprimentar, em homenagem às mulheres, a nossa querida Clara Charf, que está ali, sempre aos 40 anos de idade,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Adib Jatene e o Sergio Toufic, que há muito tempo eu não via,

Quero cumprimentar os companheiros que estão participando desta Plenária de investigação e do cumprimento do Pacto que fizemos,

Quero cumprimentar a comunidade científica aqui presente, os médicos, os professores, e dizer para vocês que eu não ia falar porque achava que, no mesmo ato, falar dois ministros e falar o presidente é muita palavra para um único ato em que há reunião plenária.



Entretanto, com um microfone e o público aqui, eu não resisto e, também, porque a causa é nobre. Eu penso que essa é a vantagem de você ter um segundo mandato: você pode fazer a reparação de coisas que você não conseguiu fazer no primeiro mandato, ou porque não tinha recursos ou porque não tinha amadurecimento político para que as coisas acontecessem. E no segundo mandato, sobretudo num momento em que a gente tem muito mais leveza para governar, em que não pesa nas suas costas a questão da reeleição, vocês não sabem como é gostoso. A gente pode fazer, eu diria, um governo que terá uma grande conotação de reparação em coisas que nós não conseguimos fazer no primeiro mandato.

Bem, vocês sabem que na semana passada eu fiz, talvez o ato mais emocionante que fiz na minha vida, em quatro anos e meio como presidente da República. Foram dois os atos que me emocionaram. O primeiro foi um ato com os catadores de papel do Brasil inteiro, organizados em cooperativas. Na última quinta-feira, nós tivemos um ato de reparação aos hansenianos brasileiros. Recebemos em Brasília um grupo de hansenianos e garantimos a todos aqueles que ficaram segregados em colônias uma aposentadoria de 752 reais até o fim da vida deles. Os depoimentos que o Temporão ouviu, que eu ouvi, que os deputados ouviram, foram depoimentos que, se a gente não estivesse em estado de sobriedade, a gente não acreditaria que aquilo tinha acontecido no Brasil.

Eu fiz questão de dizer a palavra reparação porque precisamos reparar a dívida que temos com a comunidade indígena, reparar a dívida que temos com a comunidade afrodescendente, reparar a dívida que temos com as mulheres, afinal, a dívida que temos com o povo brasileiro. Há uma dívida a ser paga, acumulada ao longo de séculos e séculos, e agora temos que ir criando condições para fazer essa reparação.

E quando se fala em planejamento familiar, e a gente tenta tirar a carga do debate ideológico do que é o planejamento familiar, é porque vivemos numa



sociedade com dois tipos de gente, bem demarcados pela sua consciência política. Ou seja, nós temos que fazer uma política para todos, mas proteger a parte mais pobre da população. E é exatamente essa parte mais pobre que não recebe nem em dinheiro, nem em educação, aquilo que recebem os setores médios da sociedade que, por si só, quando casam, já planejam os filhos que querem ter e quando querem ter. Então, é uma coisa um pouco anômala, nós queremos cuidar dos pobres, mas ficamos com receio de fazer determinadas políticas que podem atingir a camada mais pobre da população, porque são eles que, por falta de formação, de educação, de planejamento, são a parte da sociedade que mais têm filhos e nós queremos proteger a vida dando a eles condições de que as crianças, ao nascerem, tenham não apenas por parte do Estado, mas por parte da família, o cuidado que todo ser que nasce precisa ter.

Esse desafio começa a sofrer esse reparo agora, quando colocamos à disposição da sociedade aquilo que é necessário para que as pessoas possam planejar. E vamos levar para a televisão e para a escola o mínimo de informação que as pessoas precisam ter para evitar uma gravidez indesejada, uma gravidez fora de hora, o que setores médio da sociedade já fazem, planejam. As pessoas casam e dizem: “olha, eu quero ter um filho daqui a 10 anos”, e vão ter o filho dali a 10 anos, ou “eu quero ter dois”, e vão ter dois, ou “eu quero ter só um” e vai ter um.

Eu acho que o que nós estamos fazendo é uma pequena reparação nas coisas que precisamos reparar no País. Eu vejo nisso, meu caro Temporão, um salto de qualidade no papel que o Estado brasileiro precisa cumprir. Muitas vezes a gente discute apenas a questão do montante de dinheiro e, muitas vezes, a gente tem o dinheiro e não faz o montante das coisas certas que poderíamos fazer. E eu acho que agora nós não temos mais por que não fazer as coisas que precisam ser feitas: garantir às pessoas o acesso ao que é necessário para evitar uma gravidez, garantir ao homem a possibilidade de fazer uma vasectomia quando quiser, na rede pública, para evitar que sua



mulher seja obrigada a fazer uma cirurgia muito mais difícil e muito mais complicada, portanto, muito mais cara. É, no mínimo, além de bom-senso, uma coisa estritamente razoável para este País.

Se nós, no Pacto Nacional pela Redução da Mortalidade Maternal e Neonatal, não atingirmos o número que nós gostaríamos de atingir, Temporão, eu acho que não é para este Comitê ficar triste, não. Eu acho apenas que o Comitê precisa se debruçar e pesquisar a fundo porque nós não atingimos a meta que entendíamos que poderíamos atender quando lançamos o Pacto, e trabalhar para que a gente faça, no próximo período, o dobro do que não fizemos nos primeiros três anos. Ou seja, ao invés de alguém ficar desestimulado, é estimular todo mundo a descobrir porque não aconteceu aquilo que nós queríamos. Porque das Metas do Milênio, Temporão, eu acho que um país do tamanho do Brasil pode cumprir todas as metas até 2015. Não vejo nenhuma razão para a gente não cumprir as Metas do Milênio, sobretudo, quando se trata da área da saúde. Nós temos dupla obrigação de cuidar disso.

Eu quero dizer para vocês da minha alegria pelo anúncio feito aqui pelo ministro Temporão. Quero dizer para vocês da minha alegria pelo governo ter tomado a decisão de começar a discutir a questão do planejamento familiar com a seriedade que precisa ser discutido e gostaria de ter o apoio de toda a comunidade científica, de todos os médicos, e que vocês não entendessem isso como um programa do governo, muito pelo contrário, isso precisa ser encarado como um programa da sociedade brasileira e para a sociedade brasileira, porque se pensarem que é apenas um programa do governo, fica apenas na responsabilidade do governo fazê-lo dar certo. Se fica uma decisão de que é um programa da sociedade brasileira, cada um de vocês pode se sentir um ministro da Saúde, pode se sentir uma secretária da Mulher, para que a gente possa, não apenas cobrar do governo, mas também cobrar diariamente o que a gente está fazendo para que o planejamento aconteça da forma que nós precisamos fazer com que aconteça.



**Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado, boa sorte meu caro Temporão e muito obrigado a todos
vocês.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do 24º Congresso Brasileiro de Radiodifusão

Brasília - DF, 29 de maio de 2007

Excelentíssimo José Alencar, vice-presidente da República,
Deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara,
Ministros de Estado que participam deste evento,
Meu caro Paulo Octávio, vice-governador do Distrito Federal,
Meu caro Daniel Pimentel Slaviero, presidente da Associação Brasileira de Radiodifusão,

Senadores aqui presentes,

Deputados federais e deputadas,

Senhores e senhoras participantes do 24º Congresso Brasileiro de Radiodifusão,

Senhores homenageados,

Jornalistas, radialistas, homens e mulheres de televisão,

Eu espero que neste segundo mandato, quando o Ministro das Comunicações ou outro ministro qualquer falar, o presidente não precise falar. O Hélio é um homem que saiu de Barbacena e ganhou o mundo, e eu só pude conhecê-lo através da televisão, em Nova Iorque, cobrindo coisas. O Daniel é um menino de 26 anos de idade, que deve ter geneticamente herdado tudo que o avô poderia lhe ensinar, e o Arlindo Chinaglia está afiado para falar de radiodifusão como nunca vi. Então, eu fiquei pensando o que falar.

Normalmente, o meu discurso é muito grande e as pessoas ficam preocupadas com a quantidade de folhas, mas hoje tem apenas quatro folhas aqui, depois tem um improvizozinho, já que eu nunca vi tanta gente de rádio e televisão junta. Então, vou aproveitar a oportunidade e fazer uma pequena coletiva.

Primeiro, eu quero cumprimentar você, Daniel, a diretoria e todos os companheiros que estão organizando este 24º Congresso de Radiodifusão do nosso querido País. Segundo, quero dizer para vocês que sem rádio e sem

televisão o País fica privado de parte indispensável de sua capacidade de se comunicar consigo mesmo. Todo mundo aqui sabe o desempenho e a importância da radiodifusão e o papel extraordinário e fundamental no processo de integração nacional, sobretudo, no caso de um país com as dimensões do Brasil.

Todo mundo aqui conhece a força, a hegemonia e a qualidade técnica da televisão comercial brasileira, que é a principal referência de lazer, cultura e informação para o conjunto da nossa sociedade, cuja importância é reconhecida aqui e no exterior. E não menos importante é o papel que o rádio desempenha no nosso País.

Possivelmente, meu caro Daniel, tem gente que ainda pensa que a televisão engoliu o rádio, e eu acho que o rádio é uma daquelas coisas que veio para ser eternizada. A televisão tem o seu papel extraordinário, o jornal diário tem o seu papel extraordinário, as revistas mensais têm o seu papel extraordinário, os blogs têm um papel extraordinário, mas nada impede que uma dona-de-casa faça o café escutando o seu programa de rádio predileto. Nada impede que uma mulher esteja cuidando dos afazeres do seu lar e esteja com o rádio ligado. E, normalmente, não são as rádios que a gente pensa que todo mundo ouve, é a rádio do local, a notícia local e, às vezes, a fofoca do local que interessam mais para as pessoas.

Houve um tempo, quando eu era eminentemente da periferia de São Paulo, em que eu achava que os grandes jornais de São Paulo falavam com o Brasil, e ainda hoje tem gente que pensa. E é importante que os jornais tenham um peso, hoje, muito mais importante por causa das agências, por causa das televisões. Mas a verdade é que também, em cada cidade, muitas vezes o que conta, no dia-a-dia da política, é o jornal local. Por isso, nós não somos um País apenas de partidos regionalizados, nós somos um País de comunicação muito regionalizada, apesar dos grandes meios de comunicação, sobretudo a televisão, que fala para o Brasil inteiro a toda hora e que faz o noticiário. Mas a predominância da radiodifusão, sobretudo no local, é uma coisa que eu não sei se um dia vai terminar.

Daniel, você tem 26 aos de idade e assume um cargo que, possivelmente, alguns anos atrás pensava-se que só a partir dos 50 poderia-se assumir. Veja que você levou vantagem de pelo menos 24 anos sobre qualquer

um que já assumiu a Abert. Então, você tem condições de fazer um trabalho que, eu acho, que o Brasil espera que todos os homens que assumam responsabilidades façam. E qual é esse trabalho? O primeiro é que nós precisamos, sempre, cada vez mais, enaltecer a democracia, porque a democracia não é um valor pequeno, a democracia é a razão das grandes lutas de toda a humanidade em todos os tempos. Ao mesmo tempo, convencer as pessoas e as instituições de que a nossa responsabilidade aumenta na medida em que aumenta o nosso poder. Quanto mais responsabilidades me dão numa função ou numa instituição, mais responsabilidade eu tenho no exercício daquela função. Às vezes o político se engana, às vezes o intelectual se engana, às vezes os jornalistas se enganam, às vezes os radialistas se enganam, achando que eles podem se transformar em formadores de opinião pública capazes de, em tudo que falarem, terem a mágica da verdade. E nós aprendemos o quê? Ganha a marca da verdade quando a coisa é noticiada com a seriedade que o povo compreende e exige que seja. Por que se alguém que faz um discurso, que dá uma notícia ou a transmite, exagera no noticiário, ele pode ter três meses de audiência grande, mas um dia ele vai perceber que a audiência caiu porque deixou de ser verdadeiro. E por que eu digo isso? Digo isso porque eu sou resultado de um momento de arbítrio muito duro neste País. Eu sou, como grande parte de vocês que estão aqui, resultado da geração que lutou para que a gente conquistasse a democracia. E se inventou de tudo neste País, de “Brasil, ame ou deixe-o” a outras coisas. Tudo isso foi muito temporário, porque a consciência do povo foi amadurecendo, as divergências dentro do próprio meio da radiodifusão foi acontecendo, e tudo isso confluiu para quê? Para que nós pudéssemos conquistar a democracia.

Esses dias eu ouvi as pessoas dizerem: “Mas a Polícia Federal não está exagerando”? “Vai continuar fazendo essas investigações?” E o que nós temos que dizer, como democratas? Vai continuar fazendo. E nós teremos muito mais tranquilidade quando ela fizer e mais tranquilidade ainda, quando ela não permitir que um processo iniciado, antes de ser concluído, vaze para alguém criar uma imagem negativa de uma pessoa, antes de terminar um processo. “Ah, mas o Ministério Público vai continuar assim?” Vai, porque quanto mais nós permitirmos que a sociedade brasileira tenha instituições sólidas para fiscalizá-la, melhor será para todos nós. Há um incômodo momentâneo, mas

há a certeza de que todos nós estamos subordinados ao mesmo poder de vigilância criado por nós mesmos.

Eu digo sempre o seguinte: muitas vezes, o incômodo traz soluções definitivas para o País e nós precisamos trabalhar com a idéia de que tudo que nós estamos vivendo é resultado de uma conquista nossa, das televisões, do rádio, dos jornais, das revistas, do trabalhador mais comum deste País, que é essa palavra mágica chamada “democracia”, essa palavra mágica que permite que, neste País, um metalúrgico chegue à Presidência da República.

Possivelmente, todos vocês que estão aqui, ligados direta ou indiretamente à radiodifusão, já receberam reclamações de pessoas dizendo: “olha, vocês não publicaram aquilo que eu queria que publicassem, vocês falaram mal de mim, a minha cara não estava boa na televisão hoje, a manchete não estava como eu queria”. Quem é que já não reclamou para vocês aqui? Todo mundo já reclamou e muitas vezes vocês também reclamam: “Mas não foi dada a entrevista que eu queria, não respondeu às perguntas que eu queria”. Esse troca troca de inquietações é que permite que a gente possa consolidar a democracia. Qual é a única certeza que nós temos que ter? É que a democracia não permite e não aceita donos da verdade. A democracia exercida na sua plenitude exige que cada um de nós, seres humanos, que estamos ligados à política ou que estamos ligados à radiodifusão, compreendamos o seguinte: toda vez que um de nós acha que é imprescindível ou toda vez que um de nós entende ser insubstituível, nós estamos fazendo a democracia correr perigo.

Por isso, eu quero dizer para vocês uma coisa prática. A radiodifusão, na minha vida, me deu a notícia mais alentadora quando em abril de 1980, às 6h da manhã, eu fui preso pelo Dops. Quando me colocaram numa perua, daquelas Chevrolet, que eram todas iguais no Brasil inteiro, com um monte de soldados com metralhadora dentro, soldados não, policiais federais do Dops, o cidadão estava com o rádio ligado – quase que eu cometo uma gafe aqui dizendo qual era a rádio que eu estava ouvindo – a perua estava com o rádio ligado, e depois de dois minutos, havia uma neblina muito grande lá em São Bernardo, a gente não enxergava um palmo à frente do nariz. E eu fiquei pensando: puxa vida, se eles me matarem, se me jogarem na estrada e disserem que eu fui atropelado – afinal de contas tinha muitas histórias dessas

– e se eu não chegar preso, e se a Marisa não souber aonde eu vou? Três minutos depois aparece uma notícia dizendo: acabaram de prender o presidente do sindicato e ele está sendo levado para o Dops. Eu já estava indo preso, mas o fato de eu saber que alguém sabia e tinha transmitido, ou ao Brasil ou a São Paulo inteira, foi como se eu tivesse conquistado a liberdade, embora eu tivesse ido preso, nem tinha sido preso ainda.

O respeito que eu tenho pelo papel que a radiodifusão joga neste País é muito simples, e eu acho que todo mundo deveria ter. Eu não seria o que eu sou, eu não teria sido um dirigente sindical importante se não fossem os elogios e as críticas que eu recebi. Eu não teria criado um partido importante se não fossem as críticas e os elogios que eu recebi. Não importa se mais ou menos de cada um dos dois. Eu não teria chegado à Presidência da República se não tivesse recebido críticas e elogios, e não importa avaliar se eu poderia ter chegado antes ou não. O dado concreto é que eu cheguei. E eu cheguei, por quê? Porque em algum lugar do mundo, em algum lugar deste País, seja de madrugada ou de noite, um radialista falou o meu nome ou, pelo menos, falou das minhas pretensões. Se o jornalista tivesse muita credibilidade, quando ele falasse mal, alguns acreditariam. Se ele não tivesse, quando ele falasse mal, as pessoas fariam, então: “É nesse Lula que eu vou votar, porque tal fulano não gosta”. Porque no fundo, no fundo, é isso o que acontece.

Então, eu quero agradecer a vocês, e eu digo, do Congresso Nacional: Se muitas vezes, depois de uma saraivada de más notícias, eu acho ruim, muito pior seria se não existisse democracia neste País para a imprensa dizer o que bem entende, na hora em que bem entende, e ser julgada pelo único julgador: os ouvintes, os telespectadores e os leitores.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao secretário-geral do Partido Comunista do Vietnã, Nong Duc Manh

Palácio Itamaraty, 29 de maio de 2007

Excelentíssimo senhor Nong Duc Manh, secretário-geral do Partido Comunista da República Socialista do Vietnã,

Senhor José Alencar, vice-presidente da República,

Senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Ministros brasileiros,

Ministros do Vietnã,

Senhores deputados federais,

Meus amigos e minhas amigas,

Em 2004, recebi a visita do Presidente do Vietnã. No ano passado, estive no Brasil o Presidente da Assembléia Nacional vietnamita. Hoje, tenho a grande honra de saudar Vossa Excelência e os membros de sua comitiva.

Já estamos colhendo os frutos dessa parceria.

No campo comercial, nossas trocas bilaterais mais que dobraram em 2006, atingindo cerca de 200 milhões de dólares. Podemos fazer muito mais. Vamos trabalhar, em conjunto com nossos empresários, para expandir e diversificar nosso comércio e promover os investimentos recíprocos. Nessa empreitada, sei que poderemos contar com o apoio da recém-inaugurada Câmara de Comércio Brasil-Vietnã.

Estamos negociando instrumentos de colaboração em etanol e no campo da saúde e ciências biomédicas, o qual terá entre seus objetivos prioritários o combate ao HIV/Aids. E temos toda a disposição para avançar em outras áreas, como a científica e tecnológica e a esportiva.

Senhores e senhoras,

O Vietnã é um país que aprendemos a admirar. Ao longo de sua história, sempre lutou por sua identidade e soberania. É hoje ator dinâmico e respeitado

na comunidade internacional. Tem atuação destacada no âmbito das Nações Unidas. Tal como o Brasil, o Vietnã se orienta pelos princípios e propósitos da Carta da ONU nas áreas da manutenção da paz e segurança internacionais, da busca do desenvolvimento econômico e social, e da promoção e proteção dos direitos humanos. Estou certo de que ambos países partilham o desejo comum de ter um sistema multilateral com capacidade de responder de forma equilibrada e coordenada a esses desafios do século XXI.

Manifesto minha satisfação pelo fato de o Secretário-Geral ter reiterado o apoio vietnamita para que o Brasil venha a ocupar assento permanente em um Conselho de Segurança das Nações Unidas ampliado. O apoio vietnamita muito nos honra. Reflete uma confiança na capacidade de o Brasil contribuir para que o Conselho venha a ser mais representativo e, portanto, mais eficaz.

De minha parte, recordei o apoio brasileiro ao pleito vietnamita a um assento não-permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, para o período 2008-2009.

Desde janeiro passado, com o ingresso do Vietnã na Organização Mundial do Comércio, temos novo aliado na busca de negociações comerciais mais justas e eqüitativas.

Senhor Secretário-Geral,

Como o Brasil, o Vietnã está determinado a alcançar o desenvolvimento sustentável. Para isso, sabe que é necessário conciliar altas taxas de crescimento com medidas para a inclusão social.

Os promissores resultados obtidos pelo Vietnã nessa direção estão sendo acompanhados de perto no Brasil. Temos, também nesse campo, um motivo a mais para que se continue a dar passos ambiciosos no relacionamento bilateral.

Outra esfera em que há muito potencial para trabalharmos juntos é no diálogo entre o Mercosul e a Asean. Ambos agrupamentos estão acelerando os respectivos processos de integração regional e abrindo-se para parcerias com outros blocos comerciais, em resposta aos desafios e possibilidades da globalização.

É com esse espírito de confiança e otimismo nas avenidas que se oferecem para a cooperação entre nossos países que peço a todos os

presentes que ergam suas taças pela saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência e pela amizade e prosperidade dos povos vietnamita e brasileiro.

Muito obrigado.